

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS
RELAÇÕES POLÍTICAS - MESTRADO

TATYANA NUNES LEMOS

Pregação e Cruzada: a conversão dos *infiéis* nos
poemas de Ramon Llull (1232-1316)

VITÓRIA
2010

TATYANA NUNES LEMOS

Pregação e Cruzada: a conversão dos *infiéis* nos poemas
de Ramon Llull (1232-1316)

Dissertação apresentada ao *Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas* do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em História. Área de concentração: História Social das Relações Políticas.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman

Vitória
2010

TATYANA NUNES LEMOS

PREGAÇÃO E CRUZADA: A CONVERSÃO DOS *INFIÉIS* NOS
POEMAS DE RAMON LLULL (1232-1316)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração História Social das Relações Políticas.

Aprovada em ____ de _____ de 2010

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof.^a Dr.^a Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Júlio César Bentivoglio
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa
Universidade Federal do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

L557p Lemos, Tatyana Nunes, 1982-
Pregação e cruzada : a conversão dos *infiéis* nos poemas de Ramon Llull (1232-1316) / Tatyana Nunes Lemos. – 2010.
182 f. : il.

Orientador: Sérgio Alberto Feldman.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Llull, Ramon, 1232?-1316. 2. Idade Média - História. 3. Muçulmanos. 4. Cristãos. 5. Cruzadas. 6. Conversão ao Cristianismo. I. Feldman, Sérgio Alberto. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

A Maria Aparecida Nunes Lemos e Aldo Lemos, os
motivos do meu esforço.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos que me proporcionou a tranquilidade necessária para concluir essa dissertação.

Ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo pela oportunidade de cursar o mestrado e por todo o conhecimento adquirido durante esse período. Um agradecimento especial para Ivana, secretária do mestrado. Você foi um verdadeiro anjo nos últimos anos.

Ao meu orientador e agora amigo, prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman, pelo carinho com que me acolheu, pelo crédito e confiança em mim depositados e pela paciência e estímulo constantes.

Ao meu ex-orientador, prof. Dr. Ricardo da Costa. Obrigada por me apresentar a Ramon Llull e compartilhar comigo todos esses anos de estudo.

À minha banca de qualificação, prof. Dr. Gilvan Ventura, prof. Dr. Júlio Bentivoglio e prof. Dr. Ricardo da Costa. Obrigada pelas sugestões que ajudaram a enriquecer o meu texto.

À minha família, aos meus pais e à minha irmã, Thais Nunes. Essa conquista é de vocês também.

Aos meus amigos, prof. Felipe Dias de Souza, prof^a. Priscilla Chamone Caetano, prof^a. Eliane Vitorim, prof. Paulo Passamai, Janaina Monte, Maria Zilma Rios, e tantos outros que me apoiaram. Vocês foram muito importantes para que eu conseguisse concluir esta etapa.

À Elze Vidal, fundamental em todos os aspectos para que este dia acontecesse. Sei que sempre poderei contar com o seu apoio.

À Mônica Indig, pela torcida constante, apoio e carinho. E claro, pela capa do meu livro.

À turma de mestrado de 2008, em especial Silvia Pimenta, Silas Raasch e José Guilherme Rodrigues. Vocês foram companheiros, amigos e torcida. Obrigada por compartilharem seu tempo e carinho comigo.

Porque, se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo; Porquanto não há distinção entre judeu e grego; porque o mesmo Senhor o é de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como pois invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouvirem falar? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Assim como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam coisas [...] (Rom, 10, 9-15).

RESUMO

No século XIII, os muçulmanos ainda eram um grande problema para a Cristandade. Com o fracasso das Cruzadas – *passagium generale* para os medievais – surgiram novas propostas para o confronto com o Islã, entre elas o uso da pregação. Nesse período, as controvérsias públicas eram habituais, tanto no Cristianismo quanto no Islamismo. As ordens mendicantes eram uma grande força nesse tipo de debate. Em Maiorca, um pensador também se ocupou desse problema, Ramon Llull (1232-1316). O catalão criou um novo método apologético baseado em sua *Arte* – para ele revelada diretamente por Deus. Mesmo defendendo a pregação como principal forma para se conseguir a conversão dos muçulmanos, Llull não abdicou do uso da força. Reformulou o conceito de Cruzada, colocando-a a serviço das missões, sem, contudo, abdicar da coação. O maiorquino desenvolveu suas idéias em variadas obras. Analisaremos alguns de seus poemas – fontes ainda inexploradas pelos principais historiadores para o assunto em questão – para entender como Llull construiu seu projeto apologético.

ABSTRACT

In the thirteenth century, Muslims were still a major problem for Christianity. With the failure of the Crusades – *passagium generale* to the medieval – a few new proposals appear for the confrontation with Islam, including the use of preaching. During this period, public controversies were common, both in Christianity and Islamism. The mendicant orders were a major force in this type of debate. In Majorca, a thinker also struggled with this problem, Ramon Llull (1232-1316). The Catalan has created a new method based on his apologetic *Art* – for him revealed directly by God. Even defending preaching as the main way to achieve the conversion of muslims, Llull also took the use of force. Reformulated the concept of crusade, putting it at the service of missions, but without giving up the constraint. The Majorcan has developed his ideas in various works. We will review some of his poems - sources still unexplored by mainstream scholars to the subject matter - to understand how Llull built your project apologetic.

LISTA DE FIGURAS

Expansão islâmica no tempo do omíadas (661-750 d.C) _____	26
As cinco visões de Cristo crucificado _____	49
Ramon Llull escuta o sermão sobre a vida de São Francisco _____	52
Ramon em uma leitura pública de sua <i>Arte</i> _____	54
A Iluminação de Randa _____	81
As dignidades divinas _____	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: EM BUSCA DO <i>DIÁLOGO</i>	13
1. NOS TEMPOS DE RAMON LLULL	24
1.1 A CRUZ E A ESPADA	26
1.1.1 Quando o Crescente dominou a Cruz	26
1.1.2 Visigodos <i>versus</i> Visigodos: os islâmicos chegam à Península	27
1.1.3 O Califa exilado	29
1.1.4. Divisão, fraqueza e queda	30
1.2. O OLHAR DE DEUS SOBRE A HISPÂNIA	31
1.3 O ENCONTRO DE MUNDOS	34
1.4 A APOLOGÉTICA NA BAIXA IDADE MÉDIA	37
1.5. A <i>PASSAGEM</i>	40
1.6. AS VISÕES NA IDADE MÉDIA	43
2. RAMON LLULL: O POETA CRISTÃO	47
2.1. E DEUS O CHAMOU PARA CANTAR A SALVAÇÃO	48
2.2. AS VIAGENS DE RAMON LLULL	55
2.2.1 A crise de Gênova	60
2.2.2. Segunda crise: O <i>Desconsolo</i>	63
2.2.3 Recuperação da crise e novas viagens	64
2.2.4 A última viagem	71
2.3 AS OBRAS DE RAMON LLULL	73
3. COM FERRO E FOGO E COM ARGUMENTAÇÃO	76
3.1 AS FONTES	77
3.2. A ARTE QUE CONVERTE	82
3.3. O MODELO DE MIRAMAR: A PREPARAÇÃO DO MISSIONÁRIO	87
3.4. A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO	90
3.5. O <i>DIÁLOGO</i> LULIANO	92
3.6. RAMON LLULL E O APÓSTOLO PAULO	97

3.6.1 De Saulo de Tarso a Paulo, o apóstolo _____	97
3.6.2 Coincidências ou identidade apostólica? _____	99
3.7 O EXEMPLO QUE CONVERTE: O IDEAL DO BOM CRISÃO _____	106
3.7.1. Imagem construída - Ramon Llull: O exemplo do cristão _____	116
3.8 COMBATER E PREGAR _____	118
3.9 RAMON LLULL E O CONCÍLIO DE VIENNE _____	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	135
Fontes _____	135
Bibliografia de apoio _____	137
APÊNDICES _____	145

INTRODUÇÃO: EM BUSCA DO *DIÁLOGO*

Os recentes acontecimentos que envolveram muçulmanos, tais como os atentados de 11 de Setembro e a intensificação dos conflitos entre Israel e Palestina, fizeram com que ressurgisse recentemente na Europa uma discussão em torno da possibilidade do diálogo inter-religioso.¹ Esse fato promoveu o resgate dos textos de Ramon Llull (1212-1316), pensador nascido na cidade de Maiorca.

Mesmo apontado por muitos como o precursor da idéia de contato pacífico, baseado na conversação com *o outro*,² cabe ressaltar que Ramon não era um defensor da *tolerância religiosa*. Apesar de seus métodos privilegiarem o debate com os representantes de outras religiões, seu objetivo era conseguir a conversão destes, para atingir seu propósito de uma religião universal cristã.

Llull também defendeu a realização de cruzadas, sem um propósito semelhante ao sentido tradicional do termo, isto é, não privilegiavam o extermínio físico do oponente, mas garantir uma audiência cativa para os pregadores da fé cristã.³

Ramon pretendia ser o apóstolo de uma nova cruzada, cujo diferencial era não possuir, apenas, um caráter essencialmente militar. A cruzada militar já havia sido feita por Jaime I ao

¹ A busca pelo diálogo está relacionada ao Concílio Vaticano II ou XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, convocado pelo papa João XXIII em 25 de Dezembro de 1961, por meio da bula papal *Humanae Salutis*, e iniciado em 11 de Outubro de 1962.

² Prova disso é a recente coletânea de artigos publicados em Barcelona. Cf. ROQUE, Maria-Àngels (org.). *Ramon Llull i l'islam: L'inici del diàleg*. Barcelona: La Magrama, 2008. Contribui para essa visão um texto lançado no Brasil em 2009. Cf. VEIGA, Bernardo. *É impossível o diálogo inter-religioso? O pensamento de Bento XVI e a visão de Raimundo Lúlio sobre o diálogo inter-religioso*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" (Ramon Llull), 2009.

³ COSTA, Ricardo da. *Ramón Llull, la cruzada y las órdenes militares de caballería*. Conferência proferida no Seminário Cristianisme i l'Islam - el cas de Tortosa i Tartous a la Mediterrània. Facultat de Ciències Jurídiques i Polítiques da Universitat Internacional de Catalunya (UIC)/Barcelona, 2005. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/lacruzada.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2008.

retomar as terras dos muçulmanos, era a hora, então, de realizar uma cruzada de pregação para converter aqueles que já haviam sido submetidos pelas armas

O pensamento luliano é objeto de muitos estudos, que abarcam variados aspectos além de suas propostas de conversão. Porém, a parte de sua produção que compreende suas obras rimadas não é objeto de estudos aprofundados por parte dos historiadores. Poucos autores debruçaram-se sobre esse aspecto de sua produção, e a maioria que o faz não é composta por historiadores. Este trabalho, portanto, é inovador, ainda mais por ser a origem da primeira publicação dos poemas de Ramon em português.⁴

Entre os estudiosos que fizeram comentários a respeito dos poemas de Lull, destacamos Josep Batalla, responsável pela edição crítica que utilizamos, juntamente com mais dois manuscritos, para realizar a tradução do poema *Desconsolo* (1295).⁵ Nessa publicação, o autor escreve uma introdução onde comenta alguns aspectos do contexto da obra e elenca algumas de suas características gerais.⁶

Outro autor que merece destaque é Josep Romeu i Figueras, responsável pela introdução contida no livro *Poesies*.⁷ Nesse texto, são colocadas algumas características da poesia luliana e encontram-se breves resumos de todos os poemas escritos por Ramon Lull.

⁴ COSTA, Ricardo da; LEMOS, Tatyana N. *Poemas de Ramon Lull*. Desconsolo (1295) - Canto de Ramon (1300) - O Concílio (1311). 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Angelicvm/CEMOOrOC, 2009. A tradução dos poemas começou em 2007 e o objetivo já era utilizá-los como fontes na dissertação.

⁵ RAMON LLULL. Lo Desconhort. In: *Poesies* (text, introducció, notes i glossari de Ramon d'Alòs-Moner). Barcelona: Barcino, 1928. p. 69-105.; RAMON LLULL. Lo Desconhort. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I. p. 1308-1328.; RAMON LLULL. El desconsuelo. In: VEGA, Amador. *Ramon Lull y el secreto de la vida*. Barcelona: Siruela, 2002. p. 221-242.; RAMON LLULL. *Lo Desconhort. Cant de Ramon* (edició a cura de Josep Batalla). Barcelona: Obrador Edèndum, 2004. p. 61-129.; COSTA, Ricardo da. LEMOS, Tatyana N. op. cit., nota 4.

⁶ BATALLA, Josep. Introducció. In: RAMON LLULL. *Lo Desconhort. Cant de Ramon* (edició a cura de Josep Batalla). Barcelona: Obrador Edèndum, 2004.

⁷ ROMEU I FIGUERAS, Josep. Introducció. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I. p. 1280.

Sobre os métodos de conversão propostos por Llull, destacamos os trabalhos de Ricardo da Costa, que redigiu inúmeros textos onde destaca a questão do diálogo inter-religioso e da Cruzada. Entre eles, *Ramón Llull, la cruzada y las órdenes militares de caballería*⁸ e *Ramon Llull e o diálogo inter-religioso: cristãos, judeus e muçulmanos na cultura ibérica medieval: o Livro do gentio e dos três sábios (c. 1274) e a Vikuah (c. 1264) de Nahmânides sobre a Disputa de Barcelona de 1263*.⁹

Apontamos, também, J. N. Hillgarth, com sua obra *Ramon Llull i el naiximent del lul.lisme*,¹⁰ onde traça um histórico e explica o pensamento de Ramon.

Para conhecermos a fonte, cabe fazer a distinção entre poema e poesia. Entendemos que o poema é “a concretização da expressão em verso” e caracteriza-se pelo ritmo, métrica, cadência e rima. Já a poesia é “a atmosfera de beleza da própria mensagem”, cujo conteúdo é altamente subjetivo e emotivo, e pode estar presente no poema ou na prosa. Ao referirmo-nos às obras analisadas, utilizaremos sempre o primeiro termo.¹¹

Para compreendermos mais profundamente o sentido dos poemas de Ramon, faz-se necessário caracterizar esse tipo de literatura na Idade Média. O *poema* é uma obra literária apresentada em verso. Fortemente relacionado com a música, tem as suas raízes históricas nas letras de acompanhamento de peças musicais. Até o fim da Idade Média, o poema era cantado. Só posteriormente o texto foi separado do acompanhamento musical.

⁸ COSTA. op. cit., nota 3.

⁹ COSTA, Ricardo da; PASTOR, Jordi Pardo. Ramon Llull e o diálogo inter-religioso: cristãos, judeus e muçulmanos na cultura ibérica medieval: o *Livro do gentio e dos três sábios* (c. 1274) e a *Vikuah* (c. 1264) de Nahmânides sobre a Disputa de Barcelona de 1263. In: LEMOS, Maria Teresa Toribio Brittes e LAURIA, Ronaldo Martins (org.). *A integração da diversidade racial e cultural do Novo Mundo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

¹⁰ HILLGARTH. J. N. *Ramon Llull i el naiximent del lul.lisme* (a cura d'Albert Soler). Barcelona: Abadia de Montserrat, 1998. p. 28. Cf. DOMINGUES REBOIRAS, Fernando. *Raimundo Lúlio: la Fe Consciente*. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand6/raimundo_lulio_la_fe_consciente.htm>. Acesso em: 20 set. 2007.

¹¹ MEGALE, Heitor. *Elementos de Teoria Literária*. São Paulo: Nacional, 1975.

Naquele período, tinha uma forma fixa: seus versos eram metrificados, isto é, observavam-se os acentos, a contagem silábica, o ritmo e as rimas. A contagem silábica dos versos era muito valorizada (e isso até o início do século XX!). Quando a obra que não se encaixava nas normas de metrificação, não era considerada um poema.¹²

Neste trabalho é nosso objetivo analisar a estrutura e o conteúdo dos poemas *Desconsolo* (1295) e *O Concílio* (1311)¹³ com o intuito de discutir o pensamento do autor e interpretar seus objetivos ao escrever os textos. Acreditamos que a escolha de determinada métrica, além, é claro, da opção por um texto versificado, são indicativos das possíveis intenções do autor.

Investigaremos as propostas de conversão contidas em ambos os textos, comparando-as ao que propunham as ordens mendicantes no período, principalmente os dominicanos, para, assim, estabelecermos os prováveis pontos de convergência e divergência entre o autor selecionado e alguns dos seus contemporâneos.

Analisaremos os limites e entraves para a difusão dos ideais lulianos, abordando o contexto da época da redação dos textos e a formação e vida do seu autor.

Demonstraremos como Ramon constrói seu ideal de cristão virtuoso, baseado na oposição entre virtudes e vícios, e como se considera um apóstolo, inspirado, a nosso ver, na imagem do apóstolo Paulo, que lhe garantia o direito de admoestar a Cristandade e exortar e repreender as autoridades em nome da defesa do Catolicismo.

¹² A métrica é a contagem das sílabas poéticas do verso. Metrificação ou escandimento é a ação de contar as sílabas poéticas. Estas, contudo, diferem das sílabas gramaticais, já que a contagem termina na última sílaba tônica. Interferem, ainda, para a distinção entre os tipos de sílabas, a ocorrência de elisão, hiato poético, sinérese e diérese. Cf. MEGALE, op. cit., p. 16, nota 11.

¹³ RAMON LLULL. Del Concili. In: *Poesies* (text, introducció, notes i glossari de Ramon d'Alòs-Moner). Barcelona: Barcino, 1928. p. 106-134.; RAMON LLULL. Del Concili. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I. p. 1328-1344.

Com isso, demonstraremos que Ramon não defendeu um diálogo inter-religioso cujo intuito era a aproximação com o infiel, o que, aliás, acreditamos não existir na época. Apesar de sua busca no sentido de conhecer a crença e as filosofias muçulmanas, o maiorquino tinha o plano de converter toda a humanidade ao Cristianismo. Além disso, mesmo priorizando a argumentação baseada nas *razões necessárias* como método apologético, Llull não abdicou do uso das armas, o que dissolve a imagem do Ramon *pacifista*, muito difundida atualmente, principalmente na Europa.

Para analisar as fontes selecionadas e cumprir os objetivos propostos, inicialmente foram realizadas as traduções das obras, juntamente com o Prof. Ricardo da Costa. Para isso, utilizamos três edições de cada um dos textos, a fim de que pudéssemos compará-los e apontar suas diferenças, pois, na Idade Média, as cópias eram feitas com emendas, clarificações e correções ao texto, produzindo variações de uma versão para a outra.¹⁴

Isso não era feito com a intenção de ocultar ou apagar passagens supostamente heterodoxas, como se costuma pensar. Tais diferenças eram geradas por diversos motivos. Naquele período, os copistas não concebiam sua tarefa como a simples reprodução de um texto, em que deveriam minimizar os erros, e sim como a obrigação de apresentar um texto claro, inteligível e correto. Assim, viam-se livres para modificar passagens obscuras, corrigir erros ou introduzir palavras que pudessem esclarecer o sentido supostamente original do texto. Além disso, valorizava-se o elemento pessoal, isto é, um copista (inteligente) poderia enriquecer o texto, mas se não o fosse, suas explicações poderiam ser desastrosas. Com isso,

¹⁴ Para as edições utilizadas, cf. notas 5 e 13.

um bom copista pode nos auxiliar na compreensão de passagens obscurecidas pela dificuldade do conteúdo ou por problemas de transmissão.¹⁵

Devemos considerar ainda a natureza semi-oral da tradição vernácula da Idade Média, principalmente na confecção dos manuscritos. Aparentemente, o copista trabalhava baseado em um ditado ou, mais freqüentemente, com um *dictée intérieure*, isto é, lendo um pedaço do texto e reproduzindo-o de memória. Pode se afirmar que não relacionava visualmente os dois textos, o que explicaria por que a cópia de uma obra vernácula, independente do idioma, não aparecia no dialeto original, mas naquele usado no local e época de quem o copiava. Por fim, existem as incontáveis variantes ortográficas relacionadas às abreviaturas, que dão espaço a numerosas interpretações, além das ausências ou arbitrárias divisões silábicas, que poderiam alterar o sentido do texto.¹⁶

A tradução de documentos de época é uma atividade que requer muita concentração e atenção do historiador.¹⁷ A compreensão filológica dos documentos adquire uma importância cada vez maior no auxílio à compreensão da linguagem da época.¹⁸

Com ela, o tradutor deve reencontrar a *intenção do texto*, para entender o sistema interno de sua língua, sua estrutura, e construir uma *duplicata* do sistema textual, que, submetido a certa discrição, produza efeitos similares no leitor, tanto no plano semântico e sintático, quanto no estilístico, métrico, além dos efeitos passionais para os quais o autor tendia.¹⁹

¹⁵ BONNER, Antoni. Ramon Llull i l'elogi de la variant. In: *Actes del Novè Col.loqui Internacional de Llengua i Literatura Catalanes* (a cura de Rafael Alemany, Antoni Ferrando i Lluís B. Meseguer). Barcelona: Abadia de Montserrat, 1993, vol. I. p. 16-17.

¹⁶ BONNER, Antoni. op. cit., p. 18-19, nota 15.

¹⁷ FLETCHER, Richard. Em *busca do El Cid*. São Paulo: UNESP, 2002. p. 20.

¹⁸ OAKESHOTT, Michael. *Sobre a História & outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 17.

¹⁹ ECO, Humberto. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 17-18.

Submeter a certa discricção é reconhecer que toda tradução apresenta margens de infidelidade em relação a um núcleo de suposta fidelidade, mas que os objetivos colocados pelo tradutor são determinantes para o posicionamento de tal núcleo e para dimensionar essas margens.²⁰

A leitura das fontes lulianas nos permite conhecer temas como as ciências e a organização social do período em que o autor viveu, além de fornecerem uma excelente visão do pensamento cristão do século XIII, mesmo que, em alguns casos, tais como a argumentação que excluía a citação de *autoridades* e o método empregado para alcançar a conversão dos infiéis (aqueles que não eram fiéis a Cristo – principalmente os muçulmanos),²¹ uma aliança entre cruzada sem extermínio e pregação, o autor divirja do senso comum do período.

Através do estudo de suas obras é possível perceber, sob um viés cristão, a relação entre as religiões monoteístas na Baixa Idade Média. Além disso, seus textos nos fornecem uma boa idéia da pedagogia medieval, com as formas utilizadas no período para a formação dos cristãos.

Nossa pesquisa começou com a seleção e tradução dos poemas. Foram várias as dificuldades para a realização da tradução. Deparamo-nos com textos cuja linguagem é muito diferente da nossa, tanto na sintaxe quanto na léxica. Encontramos palavras que o autor criou e cujo significado literal é desconhecido até hoje. Outro fator problemático foi a impossibilidade de manter a métrica e as rimas originais.

Escolhemos a hermenêutica como método de interpretação para analisar e buscar o significado dos textos, pois essa metodologia consegue aliar tradução e interpretação, considerando-se sempre que “[...] o universo da interpretação é mais vasto que o da tradução

²⁰ Ibid. p. 18.

²¹ LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1995. vol. II. p.310.

propriamente dita”.²²

A palavra deriva de um verbo grego com três significados principais.²³ O primeiro deles, mais fundamental – no sentido de estar na base – é *dizer*. É o mais fundamental porque, para lidar com algo, é preciso identificá-lo, nomeá-lo, distingui-lo, enunciá-lo.

O segundo sentido é o de *explicar*. Explicar o que está diante de nós, explicar aquilo para que ainda não dispnhamos de um sentido. Por conseguinte, à dimensão do dizer, acrescenta-se algo mais, que é aquilo que se está buscando, a fim de estabelecer uma relação entre algo que se tem e algo a que se almeja. Em outros termos, trata-se de criar uma correlação entre algo mais particular e algo mais geral: ou seja, uma *interpretação*. O terceiro sentido é aquele mais associado à hermenêutica. Trata-se do sentido de *traduzir*.²⁴

Nenhum desses sentidos deve ser tomado isoladamente, e sim, como dimensões complementares, que se esclarecem respectivamente. Portanto, a hermenêutica é o recurso de que se dispõe, graças à linguagem, para viabilizar o diálogo através do qual se busca a compreensão de algo.

Para Gadamer, a hermenêutica “tenta ajudar-nos a superar o incompreensível, mas não para dizer ‘agora sei’ e, sim, para ultrapassar o obstáculo e seguir adiante, como se segue uma música bem executada”.²⁵

²² ECO, op. cit., p. 275, nota 19.

²³ Trata-se do verbo *hermeneuein*. Cf. PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: 70, 1986.

²⁴ NEVES, Guilherme Pereira das. *História e Hermenêutica: uma questão de método?* Conferência de encerramento do I Seminário Nacional de História e Historiografia Brasileira, realizado na Universidade Estadual do Rio Janeiro entre 29 e 31 de Outubro de 2008.

²⁵ GADAMER, Hans-Georg. *Acotaciones hermenêuticas*. (Trad. de Ana Agud e Rafael de Agapito). Madrid: Trotta, 2002, p. 177.

Cada indivíduo ou grupo situa-se sempre diante de certo horizonte, isto é, diante da “extensão da visão que inclui tudo o que se pode ver de um ponto particularmente vantajoso”.²⁶ A *consciência histórica* implica uma consciência dos preconceitos que governam a compreensão de cada um. No entanto, ao contrário do que muitos pensaram, o horizonte histórico da alteridade não pode ser compreendido abandonando o seu próprio, porque significaria um alheamento de si mesmo. É preciso, sim, “ter já um horizonte a fim de compreender o do outro”, assim como só “podemos recuperar os conceitos do passado histórico compreendendo-os através dos nossos próprios conceitos”.²⁷

A hermenêutica permite a compreensão do texto graças à experiência comum entre o intérprete e o que se interpreta: é preciso, sobretudo, que o historiador se reconheça de algum modo no texto. Trata-se de uma transposição do *espírito da época* através dos vestígios, além do próprio e intrínseco ato de compartilhar a experiência comum de humanidade existente entre quem observa e quem está sendo observado, pois a força de sentido de um texto filosófico não se confina ao espaço de sua cronologia.²⁸

A experiência de tradução é fundamental na hermenêutica. Ela é responsável pela intensidade da compreensão hermenêutica, já que só é possível entender o outro por meio do que ele deixou registrado. A tradução, portanto, é uma forma de diálogo hermenêutico.²⁹

Na hermenêutica, o texto é percebido como a manifestação de certo momento num processo de criação e inserido na totalidade do contexto.³⁰

²⁶ HECKMAN, Susan J. *Hermenêutica e sociologia do conhecimento*. (Trad. de Luís M. Bernardo e Artur Morão). Lisboa: 70, 1990. p. 155.

²⁷ *Ibid.* p. 154-156.

²⁸ COSTA, Ricardo da. *A Árvore Imperial – Um Espelho de Príncipes* na obra de Ramon Llull (1232-1316). 2000. Tese, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000. p. 26.

²⁹ ECO, op. cit. p. 270, nota 19.

³⁰ GADAMER, Hans-Georg (org. Pierre Fruchon). *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 58.

A compreensão se dá através do *circulo hermenêutico*, ou seja, retornando regularmente ao texto,³¹ pois esse método pressupõe que a pré-compreensão do intérprete é alterada a cada leitura. Além disso, procura se compreender a obra dentro do conjunto de escritos do autor e no gênero literário de onde provém, para assim contextualizar autor e obra.³²

É preciso situar as palavras em seu mundo, contextualizá-las. Sem esse trabalho prévio, é impossível recuperar o significado e possibilitar aos textos que respondam às nossas perguntas.³³ Por isso, também escolhemos como procedimento metodológico a *análise semântica*, que precisa o sentido das palavras em seu contexto histórico e social.³⁴ Esse método se torna de grande importância ao examinar o sentido gramatical do texto, e permite ao leitor entender o estilo lingüístico do autor dentro das especificidades da época do documento.

É necessário contextualizar as palavras. É preciso fazer o que propõe Werner Jaeger, isto é, tentar evitar a *falsificação histórica*, submetendo os mundos analisados a conceitos que lhes são alheios.³⁵

No primeiro capítulo abordaremos o contexto em que viveu Ramon Llull. Descreveremos a chegada dos muçulmanos à Península e o processo de reconquista da cidade natal do autor, Maiorca, pelo rei Jaime I, o Conquistador (1208-1276). Além disso, analisaremos alguns aspectos da época, como a apologética na Baixa Idade Média, e conceitos como *passagem e tolerância religiosa*.

³¹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 141.

³² GADAMER, op. cit., p. 58, nota 30.

³³ CIRLOT, Victoria; GARÍ, Blanca. *La mirada interior: escritoras místicas y visionarias en la Edad Media*. Madrid: Siruela, 1999. p. 13.

³⁴ COSTA, Ricardo da. *Entre Realismo e Interpretismo: uma proposta alternativa de teoria histórica*. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com>>. Acesso em: 28 Ago. 2007.

³⁵ JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Universidade de Brasília, 1989. p. 6.

No segundo capítulo será dedicado a uma análise de Ramon Llull. Abordaremos sua vida, sua formação, suas viagens e sua obra.

O capítulo final tratará das idéias de Ramon. Será analisada sua idéia de diálogo, seu método apologético, seu ideal de cruzada, sua construção de um cristão ideal, isto é, um exemplo que converteria mais que a força, além de sua identidade apostólica, baseada na vida do apóstolo Paulo.

Encerrando o trabalho, apontaremos as conclusões que chegamos ao final da pesquisa.

1. NOS TEMPOS DE RAMON LLULL

O século XIII foi um período de grandes e importantes transformações sociais e culturais que alavancaram o Ocidente medieval, mas também um tempo de perseguições, de exclusão, de purificação e de purgação da *Christianitas*.³⁶

As instituições religiosas cada vez mais se fechavam em dogmas e proibições, enquanto as bases filosóficas do Cristianismo eram atacadas nas universidades, consequência do deslumbramento causado por outras filosofias, tais como o *averroísmo*, filosofia problemática para as três religiões.

Averróis (1126-1198) foi o principal intérprete da filosofia aristotélica na cultura árabe. Seu pensamento influenciou a filosofia judaica e cristã. Na segunda metade do século XIII, formou-se no mundo latino uma orientação filosófica chamada *averroísmo latino*, que defendeu, entre outras teses, a *teoria da dupla verdade* (uma, a correspondente ao dogma e à fé, a outra, a correspondente ao exercício da razão), a eternidade do mundo, a unidade do entendimento na espécie humana (ou *monopsiquismo*) e a negação da imortalidade pessoal e do livre-arbítrio, o que lhe valeu a condenação por parte da Igreja.

Assim, os averroístas diziam que não se podia afirmar, entre outras coisas, que o mundo foi criado no tempo, que Deus é providência, que a alma é imortal, que a produção dos seres provém de um ato de liberdade e que existe revelação de verdades por parte de

³⁶ COSTA, Ricardo da; PASTOR, Jordi Pardo. op. cit., nota 9.

Deus. Em contrapartida, defendiam a eternidade do mundo, o intelecto único, comum a todos os homens, o determinismo universal e a negação da liberdade e da Providência.³⁷

Além das discussões filosóficas, outro problema ainda persistia para a Cristandade: o Islã. Seu poderio bélico e o florescimento cultural representavam um grave perigo. O século XIII não perdeu os muçulmanos de vista sob três aspectos: o militar, o científico e o religioso.³⁸

No entanto, circunstâncias históricas e geográficas muito precisas e excepcionais fizeram com que um espaço europeu preservasse, não sem dificuldades, avanços e retrocessos, um espírito de relativa convivência inter-étnica e religiosa: a Península Ibérica. Isso não implicava em aceitação e nem tornava o debate religioso um sinônimo de diálogo tolerante.

É necessário ter cautela ao abordar a idéia de *tolerância religiosa* no período em questão. O que temos na filosofia da Idade Média, que é sua característica diferencial, é sua batalha de argumentos. Não há tolerância de idéias, o que há é a busca de consenso argumentativo, o que implica necessariamente a idéia de que as partes entendem que é importante compreender logicamente e avaliar as formas religiosas de vida e pensamento do outro. A pergunta filosófica medieval é: o que autoriza intelectualmente você, a partir do seu livro religioso de referência, afirmar o que afirma?³⁹

³⁷ Cf. RAMÓN GUERRERO, Rafael. *Filosofías árabe y judia*. Madrid: Síntesis, s/d. p. 215-246; REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia I*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 536-541.

³⁸ GARCÍAS PALOU, Sebastian. *Ramon Llull y el Islam*. Palma de Mallorca: Gráficas Planisi, 1981. p. 7.

³⁹ LIBERA, Alain de. Filosofia Medieval. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, São Paulo, 22/09/2002, p. 3. Entrevista concedida a Luiz Felipe Pondé.

1.1 A CRUZ E A ESPADA

O contato entre o Ocidente e o Islã ao longo da História foi caracterizado por certo estranhamento que, em alguns momentos, contribuiu para uma convivência pacífica, mas que, em outros, gerou muitos conflitos. Desde a origem do Islamismo até nossos dias, quatro períodos são marcantes:

- I) A expansão árabe nos séculos VII e VIII, iniciada com Maomé, e que estabeleceu os califados omíada e, posteriormente, abássida. Foi quando cristãos perderam para os muçulmanos o Oriente Médio e a África do Norte;
- II) Entre os séculos XI e XIV, quando alguns territórios, como a Península Ibérica e a Sicília, foram retomados pelos cristãos;
- III) Do século XIV ao XVII, época em que o Império Otomano conquistou os Balcãs e chegou bem próximo da Europa Central;
- IV) Do século XVI ao XX, caracterizado pela colonização européia – que recuperou os Balcãs e estabeleceu colônias no Oriente Médio.⁴⁰

1.1.1 Quando o Crescente dominou a Cruz

Arábia, século VII: um mercador chamado Muhammad, nascido em Meca, no ano 570, conclamou o povo a iniciar uma reforma e submeter-se à vontade de Alá, expressa nas mensagens que lhe foram reveladas e, posteriormente, reunidas em um livro denominado *Alcorão*. Nascia uma nova religião monoteísta, o Islã, que futuramente, realizaria uma enorme expansão.⁴¹

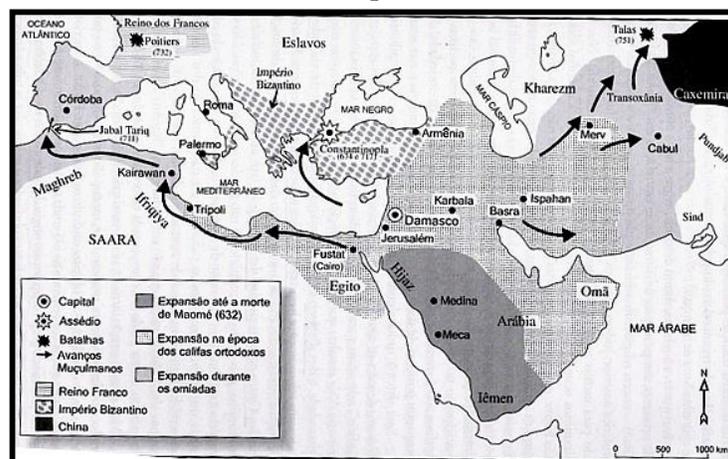
⁴⁰ DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 346.

⁴¹ Para a expansão muçulmana, a partir da Península Arábica, cf. COSTA, Ricardo. *A expansão árabe na África e os Impérios Negros de Gana, Mali e Songai (sécs. VII-XVI)*. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/imperiosnegros.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2008.

A nova crença surgiu na periferia de dois grandes impérios, o Bizantino⁴² e o Sassânida,⁴³ que se encontravam ocupados demais com sua rivalidade para atentar-se para o perigo vindo do Deserto da Arábia.⁴⁴ Com isso, os exércitos recrutados entre os habitantes da região conquistaram territórios bizantinos, dominaram todo o antigo Império Persa e fundaram o Califado, que conseguiu se expandir até a Península Ibérica antes que seu centro de poder desmoronasse no século X após várias mudanças de lugar.⁴⁵

1.1.2 Visigodos versus Visigodos: os islâmicos chegam à Península

Mapa 1



Expansão islâmica no tempo do omíadas (661-750 d.C.). Já em 750 restam apenas os reinos do norte da Península sob o domínio cristão. Tais reinos serão, posteriormente, os

⁴² O Império Bizantino, cuja capital era Constantinopla, era grego e cristão, em cultura e religião, sendo que sua população, copta e aramaica, era estranha ao grego pelas diferenças étnicas e culturais. Na Palestina, os judeus, que sofreram grandes pressões bizantinas, também não eram favoráveis aos seus senhores. A base de seu poder era o Planalto de Anatólia, e ao sul ficavam as províncias da Síria e do Egito. Cf. LEWIS, Bernard. *Os árabes na história*. Lisboa: Estampa, 1982. p. 57.

⁴³ O Império Persa dos Sassânidas, que tinha como núcleo o Planalto do Irã, possuía uma cultura asiática. No fim do século VI, emergia de uma transformação das suas estruturas de governo que implementou um despotismo militar com um exército de mercenários. Em muitos sentidos, aquela época constituiu o auge da civilização persa e foi o último grande Império Persa antes da conquista muçulmana e da adoção do islamismo. Cf. LEWIS, op. cit., p. 57-58, nota 42.

⁴⁴ A última série de guerras perso-bizantinas ocorreu entre 602 e 628, com a vitória de Bizâncio e o enfraquecimento de ambos.

⁴⁵ HOURANI, Albert. *Uma História dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 21.

maiores responsáveis pelo processo de Reconquista. In: DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 41.

No século VIII, a Península Ibérica sofre a última invasão realizada por povos ultramarinos. É quando os árabes chegam para transformar a Hispânia visigótica em *al-Andaluz*.

Em 710 d. C., após a morte do rei Vitiza (687-710), que não deixou herdeiros com idade para assumir o trono, Rodrigo († 714) foi eleito rei, o que gerou a insatisfação dos partidários de Ágila II (681-716), que então recorreram ao auxílio dos muçulmanos. O governador árabe do Noroeste da África, Musa ibn Nusair (640-716), enviou Tarif (ou Tarik) ibn Ziyad († 720), que desembarcou em Gibraltar em 711 com cerca de sete mil homens berberes e avançou para o interior, tomando Córdoba e Toledo.⁴⁶

Com a facilidade da conquista, os muçulmanos transformaram a expedição de auxílio em uma invasão organizada, e, em 712, Musa ibn Nusair chegou à Península para reforçar o exército de berberes com mais dez mil homens, tomando as cidades de Sevilha e Mérida.⁴⁷

A situação da Hispânia antes da conquista árabe era de debilidade. Apesar do enfraquecimento do papel efetivo do monarca, a monarquia eletiva ainda era bastante disputada entre os membros da aristocracia, principalmente em virtude dos benefícios patrimoniais que derivavam do cargo.

⁴⁶ LEWIS, Bernard. op. cit. p. 136-137, nota 42.

⁴⁷ Os manuscritos medievais cristãos atestam que as comunidades judaicas da Península auxiliaram os invasores, indicando os lugares com uma defesa mais frágil. Cf. POLIAKOV, Léon. *De Maomé aos Marranos*. São Paulo: Perspectiva, 1984. p. 73. O apoio judaico aos invasores foi tema de vasta polêmica durante o medievo.

Em 616, com o acirramento das medidas anti-judaicas e a intensificação das perseguições – tais como as conversões forçadas – acrescentou-se mais um grupo de insatisfeitos àqueles muitos que dariam apoio a algum tipo de mudança. As medidas restritivas aos judeus têm origem anterior a 616. Foi aproximadamente um século, de 589 a 711, de medidas restritivas a judeus convertidos e seus descendentes por intermédio de Cânones Conciliares, leis editadas por monarcas, etc.. Entre os monarcas que perseguiram os judeus, destacamos o rei visigodo Sisebuto, que tentou colocar em prática muitas leis editadas anteriormente, mas que supomos que não eram de fato executadas, tais como a pena de morte.⁴⁸

Por volta de 718, além de já ter dominado toda a península, onde se fixaram após a conquista, os muçulmanos atravessaram os Pirineus e chegaram ao sul da Gália, quando foram contidos por Carlos Martel (715-741).⁴⁹

1.1.3 O Califa exilado

Em meados do século VIII, o herdeiro do Califado Abd al-Rahman (731-788) fugiu do massacre à sua família, os *Umayyads* (omíadas), perpetrado pelos abássidas, que usurparam o título de Califa, e partiu de Damasco, sua cidade natal. Por volta de 755,

⁴⁸ FELDMAN, Sérgio Alberto. *A monarquia visigótica e a questão judaica: “entre a espada e a cruz”*. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum17_dos01_feldman.pdf>. Acesso em: 29 Ago. 2009.

⁴⁹ “Foi esse Carlos quem acabou com os tiranos que reivindicavam governar toda a terra dos francos como se fosse deles, e repeliu totalmente os sarracenos quando estes tentaram conquistar a Gália em duas grandes batalhas – uma na Aquitânia, próxima à cidade de Poitiers, outra no rio Berre, próximo a Narbona obrigando-os a retornar à Espanha.” – EINHARD. *Vida de Carlos Magno*. (Trad.: Prof. Luciano Vianna e Profa. Cassandra Moutinho. Rev. e notas: Prof. Dr. Ricardo da Costa). Base da tradução: *Medieval Sourcebook: Einhard: The Life of Charlemagne* (translated by Samuel Epes Turner) New York: Harper & Brothers, 1880. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/textos/vidacarlos.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009. Um excelente trabalho para o Império Carolíngio é a biografia de FAVIER, Jean. *Carlos Magno*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

reapareceu no Marrocos, o *Ocidente Longínquo* de onde os seus antepassados haviam levado mulheres, como sua mãe, para o Oriente.⁵⁰ Pouco depois se dirigiu à Hispânia.

Após sua chegada, o emir de *Andaluzia*, ofereceu-lhe refúgio permanente, além da mão de sua filha. Como se sentia o governante legítimo do *Dar al-Islam*, a *Casa do Islã*, Abd al-Rahman reuniu seguidores sírios, que o haviam acompanhado, e berberes e em 756, derrotou o governante e tornou-se o emir daquela terra.⁵¹

Após a ascensão dos abássidas, a nova dinastia que expulsou Abd al-Rahman, a capital do Califado foi transferida para Bagdá. A sobrevivência do herdeiro omíada, representante legal do poder, apesar de incômoda, não provocou reações nos novos governantes, pois a região não possuía grande representatividade política.

Mesmo que se passassem dois séculos até que seus sucessores proclamassem Córdoba a sede de um novo Califado, Abd al-Rahman reconstruiu o então Emirado de *al-Andaluz*, fazendo-o deixar de ser uma simples província fronteiriça.

1.1.4. Divisão, fraqueza e queda

No fim do século X, passou a existir um Islamismo que possuía como elo uma cultura religiosa comum, cuja expressão era a língua árabe, e relações desenvolvidas mediante

⁵⁰ A mãe de Abd al-Rahman pertencia a uma tribo berbere de Nafza, nas proximidades de Marrocos.

⁵¹ Reivindicou sua lealdade por ser descendente dos guerreiros do deserto que lutaram ao lado do profeta e, principalmente, filho de uma legítima berbere. MENOCA, Maria Rosa. *O ornamento do mundo: como muçulmanos, judeus e cristãos criaram uma cultura de tolerância na Espanha medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 23.

contatos comerciais, migrações e peregrinações, mas que havia perdido a unidade política.⁵²

Três dinastias passaram a reivindicar o título de Califa: os abássidas em Bagdá, os omíadas em Córdoba⁵³ e os fatímidas que se estabeleceram no Cairo.

A unidade do Califado foi superada pela proliferação de *taifas*, isto é, pequenos principados independentes de *al-Andaluz*, surgidos após a derrota de Hisham III, responsável por destituir a dinastia omíada e abolir o Califado de Córdoba em 1031. O período das *primeiras taifas* (1009/1031-1090) favoreceu os primeiros esforços da Reconquista, devido à fragilidade desses pequenos reinos, organizadas pelo critério da afinidade de origens.

1.2. O OLHAR DE DEUS SOBRE A HISPÂNIA

Após a invasão muçulmana, grupos cristãos buscaram refúgio entre as populações do norte e noroeste espanhol, onde formaram comunidades, posteriormente reunidas em pequenos principados ou reinos. No período entre o século X e XIV, assistiu-se a uma

⁵² Instituídos por Maomé, os deveres dos fiéis resumem-se aos cinco pilares do Islã: 1. *Shahada* ou testemunho: a confissão que efetua a conversão, onde se defende a *tawhid*, isto é, a unidade, e se combate a *shirk*, a idolatria; 2. *Salat* ou oração: É a oração feita cinco vezes por dia, após a chamada feita pelo *muezzin*, normalmente da *manara* (torre da mesquita), simboliza a veneração a Deus e não o pedido de benefícios e é, preferencialmente, coletiva; 3. *Zakat* ou esmola: pode ser correlacionada ao dízimo cristão à *tzedaká* judaica. É uma entrega de parte da renda pra fins sociais e simboliza a solidariedade dos membros da *ummah*, a coletividade islâmica; 4. *Ramadã* ou jejum: é o mês em que se comemora o recebimento do Alcorão. É feito jejum como símbolo de purificação, abstendo-se de bebida, comida e sexo, do nascer ao pôr do sol, ocorrendo reuniões familiares à noite; 5. *Hajj* ou peregrinação: é a peregrinação dos filhos de Abraão à cidade da pedra Caaba. Inicialmente, Maomé se via como um reformador do Judaísmo, por isso adotou, em um primeiro momento, Jerusalém como cidade sagrada. Porém, após ser rejeitado pelos judeus, substitui-a por Meca, sendo que Jerusalém, apesar de ter apenas uma menção no Alcorão, é a terceira cidade sagrada do Islamismo. Cf. DEMANT, op. cit., p. 27-28, nota 40.

⁵³ O título de califa foi reivindicado por Abd al-Raman III, em 929, após os fatímidas proclamarem que o seu estado dissidente (Túnis) era o legítimo califado.

das maiores realizações da expansão cristã: a Reconquista de toda a Hispânia, empreendida pelos reis cristãos, com o auxílio de mercenários e cavaleiros.⁵⁴

A Reconquista pertence a um movimento mais amplo de ressurgimento dos cristãos no Mediterrâneo, que teve seu apogeu com o início das Cruzadas. Notam-se semelhanças de propósitos entre os dois movimentos.

Os cristãos da Península combatiam sob a égide de um patrono, São Tiago. No século IX, o Sepulcro de São Tiago, descoberto em Compostela, passou a atrair peregrinos cristãos, fazendo com que caminhos oriundos da França convergissem para essa cidade da Galiza. Essa peregrinação, semelhante à de Jerusalém, tornou a Espanha uma *terra santa*, conferindo à Reconquista um valor de cruzada.⁵⁵

Na Península, as vitórias muçulmanas fizeram da luta contra o infiel uma guerra santa, na concepção da Igreja, pelo menos desde o século XI. Por exemplo, a morte em 1063 do rei de Aragão, Ramiro I, assassinado por um muçulmano em Grados, motivou uma campanha cruzadística papal. Alexandre II (1061-1073) prometeu uma indulgência para todos os cristãos que combatessem pela cruz na Espanha. Guy-Godofredo, duque da Aquitânia e o conde Elbe de Roucy realizaram uma expedição a Aragão (1063-1065). Segundo Augustin Fliche, esta seria a primeira cruzada francesa. Gregório VII (1073-1085) em mais de uma oportunidade incitou os cavaleiros e príncipes cristãos a atravessarem os Pireneus para combater os muçulmanos.⁵⁶

⁵⁴ HEERS, Jacques. *História Medieval*. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1997. p. 174.

⁵⁵ POLIAKOV, Léon. op. cit., p. 90, nota 49.

⁵⁶ COSTA, Ricardo da. *A guerra na Idade Média* – um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica. Rio de Janeiro: Paratodos, 1998. p. 72-73.

Contudo, apesar dessa semelhança, alguns autores defendem que a guerra espanhola foi, em essência, uma guerra local.⁵⁷

O avanço da Cristandade foi lento e marcado por sobressaltos, e não constituiu uma sucessão ininterrupta de vitórias, pois ocorreram reveses, como a destruição da Basílica de Santiago de Compostela, em 997. A tomada de Toledo, em 1085, pelo rei Afonso VI de Leão e Castela (1039-1109), é uma das mais relevantes vitórias alcançadas pelos cristãos nesse período inicial da retomada da Península.

1.2.1. A reconquista de Maiorca

Em 1228, o jovem rei Jaime I, *o Conquistador* (1213-1216),⁵⁸ reuniu um forte exército e, no ano seguinte, invadiu as Ilhas Baleares e tomou a cidade de Maiorca do controle muçulmano com auxílio das tropas de Gênova e Pisa.⁵⁹

Após a conquista de Maiorca, a Coroa de Aragão iniciou sua expansão pelo Mediterrâneo. As cidades italianas de Gênova e Pisa, por temerem a concorrência do comércio catalão, fizeram acordos com Jaime I, na tentativa de garantir seus privilégios

⁵⁷ PREVITÉ-ORTON. C. W. España y Portugal: la Reconquista. In: *Historia del mundo en la Idade Media*. Barcelona: Ramon Sopena, 1967. Tomo III. p. 1109.

⁵⁸ Jaime I, *o Conquistador* nasceu em 1208 em Montpelier. Filho de Pedro, *o Católico* (1174-1213) e Maria de Montpelier (c.1182-1213), falecidos quando ele tinha apenas cinco anos, foi educado no castelo de Monró sob a proteção do mestre dos Templários. Casou-se aos treze anos com Eleonor de Castela com quem teve um filho, Afonso, sendo o casamento anulado por razões de parentesco. Casou-se novamente em 1235 com dona Violante (filha de Andrés II, da Hungria), com quem teve dois filhos, Pedro e Jaime.

⁵⁹ A cidade de Maiorca foi tomada em 1229, porém a ilha não ficou livre de núcleos de resistência até 1232. O melhor documento sobre o reinado de Jaime I é sua autobiografia (*Llibre dels fets*), cuja tradução para o português, diretamente do catalão medieval, está sendo realizada pelos professores Luciano José Vianna, mestre pelo PPGHIS/UFES e Dr. Ricardo da Costa. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com>>. Maiorca pertence às Ilhas Baleares, um arquipélago, atualmente uma província e uma comunidade autônoma pertencente à Espanha, e localizada no Mar Mediterrâneo. As principais ilhas são cinco, divididas em dois grupos: as ilhas Gimnésias (Maiorca, Menorca, Cabrera e algumas ilhotas vizinhas (como Dragonera, Ilha do Ar - Isla del Aire - e outras), e as ilhas Pitiusas (Ibiza e Formentera e as distintas ilhotas que as rodeiam (como Conejera, oficialmente Conillera, em catalão).

comerciais. No território peninsular, o monarca continuou seu processo de conquista em direção a Valência, e estabeleceu vários acordos matrimoniais com outros reinos cristãos com o objetivo de garantir alianças e territórios.⁶⁰

Com esta expansão aragonesa para o sul, uma grande massa de população muçulmana e judia foi absorvida pela coroa de Aragão. Estima-se que os não-cristãos eram cerca de 250.000 pessoas de um total de 900.000. A coroa de Aragão não pôde se expandir mais por terra por que seus vizinhos (França e Castela) passavam por um auge demográfico e fortalecimento político.⁶¹

Entre 1232 e 1260, Maiorca foi colocada sob o comando de um governador. Em seguida, Jaime I passou o direito de reinar sobre a ilha para seu filho, o infante Jaime, futuro Jaime II, de Maiorca (1243-1311).

1.3 O ENCONTRO DE MUNDOS

É comum analisar a história da Cristandade ocidental até a Reforma protestante sob a ótica de um jogo de forças entre os dois poderes, o civil e o eclesiástico. Uma história de conflitos que se centra numa área geográfica limitada à Alemanha, França e Itália.

Tudo o que acontece em política fora desse reduzido espaço é considerado como periférico, um complemento desse conflito central. A história dos outros países

⁶⁰ LLINARÈS, *Ramon Llull*. Barcelona: 62, 1987. p. 15; CARR, Raymond (Ed.). *Historia de España*. Barcelona: Península, 2006. p. 109-111, 130-131.

⁶¹ COSTA, Ricardo da. Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300). In: *Mirabilia 1: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*, 2001.

européus é estudada quase que exclusivamente em função desse confronto ou como mera ilustração dele.⁶²

A situação acima descrita torna o Mediterrâneo, na concepção de alguns estudiosos, uma região em que o encontro entre diferentes culturas, etnias e religiões não seria suficiente para abalar o suposto unitarismo da Cristandade medieval, a *Christianitas* Católica.⁶³

Durante séculos, a Península Ibérica foi um dos maiores pontos de contato entre as grandes religiões monoteístas. Tal peculiaridade fez com que os reinos cristãos, inimigos do Islã e motivados pela sobrevivência, se deparassem com a necessidade de implementar políticas de assentamentos e repovoamentos em que considerações de caráter religioso fossem proteladas em nome de necessidades econômicas e sociais concretas. Essa *tolerância* não significou uma mistura ou assimilação das religiões, que lutaram pela manutenção de suas diferenças.

Um dos fatos mais característicos da Idade Média é a *coexistência* das três grandes religiões monoteístas (Cristianismo, Judaísmo e Islamismo). Tal fato não significava neutralidade religiosa, em que cada confissão se desenvolvia sem se interessar pelas demais. Tratava-se de uma *tolerância* ativa e transitória, em que cada religião estava convencida de que sua crença encerrava a única doutrina da salvação eterna, aspirando alargar seus domínios mediante o apelo aos diversos meios disponíveis, isto é, proteção

⁶² DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. *A Espanha medieval, fronteira da cristandade*. (trad. L. Jean Lauand). Disponível em: < <http://www.hottopos.com/mirand10/reboiras.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2007.

⁶³ “A idéia de uma espécie de sociedade jurídico-espiritual de todos os cristãos (num sentido político-social), muito mais do que um simples conglomerado de reinos e povos cristãos, pois estes estariam unidos pela submissão espiritual à Igreja Romana.” – COSTA, op. cit., p. 173, nota 61.

do poder público, força, astúcia e armas espirituais, tais como o ensino, a pregação e a controvérsia oral e escrita.⁶⁴

Os pontos comerciais do Mediterrâneo eram um desses locais de intenso contato. Maiorca enquadra-se nesse perfil. Apesar da primeira impressão que pode suscitar, sua localização na fronteira meridional da Europa não significava isolamento, pelo contrário, os intensos contatos comerciais gerados por sua posição marítima fizeram com que no século XIII sua capital gozasse de certo cosmopolitismo. Além disso, a língua e a cultura catalãs, inversamente ao que hoje ocorre, não eram minoritárias.⁶⁵

Os muçulmanos compunham a aproximadamente a terça parte da população da ilha, a maioria escrava, resultante das batalhas de conquista ou introduzida por traficantes, mas havia um grande número de muçulmanos livres. Além disso, mesmo sem a importância numérica dos islâmicos, encontra-se um grande número de judeus, fundamentais para o funcionamento da vida econômica, mercantil e diplomática de Maiorca por sua atuação como banqueiros, embaixadores da Coroa nas terras do Magreb (principalmente pelo conhecimento da cultura e língua de cristãos e muçulmanos) e como intermediários no comércio do ouro – apesar de uma lei de Jaime I de 1228 proibir aos judeus ocuparem cargos superiores aos dos cristãos.⁶⁶

Até meados da década de 1280 – quando uma onda anti-judaica invadiu a ilha – Maiorca, devido a essa pluralidade de procedências, respirou um ar social um pouco mais tolerante. A maioria da população, predominantemente burguesa (no sentido

⁶⁴ CARRERAS Y ARTAU, Tomás e Joaquín. *Historia de la Filosofía Española*: filosofía cristiana del siglo XIII al XV. Barcelona: Facsímil/Institut d'Estudis Catalans: Diputació de Girona, 2001. vol I. p. 336.

⁶⁵ BONNER, Anthony. Ambient històric i vida de Ramon Llull. In: *Obres Selectes de Ramon Llull* (1232-1316). Maiorca: Moll, 1989. vol. I. p. 6.

⁶⁶ *Ibid.* p. 7.

medieval de *residente do burgo*), era brindada com amplas possibilidades de ascensão social através do trabalho no comércio. O porto de Maiorca, estrategicamente localizado, era um centro de rotas marítimas que se entrecruzavam. Da Europa, comerciantes de Montpellier, de Gênova e de Pisa faziam escala ali e logo passavam a Minorca.⁶⁷

A ilha de Maiorca possuía características culturais peculiares que imprimiram um tom universal à obra de Ramon Llull. A diversidade característica da sociedade de Maiorca proporcionou-lhe uma boa visão das culturas judaica e muçulmana, tornando-o um escritor e filósofo medieval bem preparado para abordar o tema do diálogo inter-religioso, assunto em voga nos círculos intelectuais de então por se tratar de uma vertente da literatura apologética. Porém, não se pode esquecer o seu objetivo principal, a conversão dos infieis, fator que retira qualquer tom conciliatório que se possa atribuir ao discurso do maiorquino.

Para auxiliar nossa análise, cabe esclarecer alguns conceitos que se relacionam à apologética de Ramon.

1.4 A APOLOGÉTICA NA BAIXA IDADE MÉDIA

Apologia: palavra grega cujo significado é *apresentar uma razão* ou a *defesa* de algo, seja uma religião ou uma idéia.⁶⁸

⁶⁷ COSTA, op. cit., p. 115, nota 61.

⁶⁸ GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã*. São Paulo: Vida, 2002. p. 56.

A defesa e a pregação apostólica surgiram no período da *ecclesia primitiva* e priorizavam a defesa da fé. Atualmente nomeamos essa disciplina de *apologética cristã*.⁶⁹ Os primeiros apologistas acreditavam que a defesa do Cristianismo era uma ordem direta de Deus. Embasados nas Sagradas Escrituras afirmavam: “Santificai a Cristo, o Senhor em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede; fazei-o, porém, com mansidão e respeito”.⁷⁰

Nos séculos XII e XIII, houve o ressurgimento desse ímpeto missionário, fato que gerou uma nova literatura, típica da Baixa Idade Média: *literatura polêmico-apologética*, cujo objetivo era a conversão dos cismáticos – isto é, os ortodoxos gregos – e dos infiéis.

Essa literatura teve sua origem no manejo insistente, ordenado e sistemático das armas espirituais (ensino, pregação e controvérsia oral e escrita), empregadas pelas três religiões monoteístas para alargar seu espaço. Sua relevância aumentou quando, desconfiando-se no mundo cristão do êxito das Cruzadas, alguns homens, munidos com as novas armas de persuasão, começaram a organizar uma nova cruzada espiritual para promover a conversão do infiel em seu próprio território.⁷¹

Esses tipos de escritos podem ser classificados em três grupos:

1. A *controvérsia exegetico-crítica*: disputa cujo objetivo era comprovar a autenticidade dos textos sagrados em relação a temas como a Trindade e a Encarnação, além dos artigos da fé católica. A veracidade desses assuntos seria comprovada por meio de disputas orais e públicas. Nessa modalidade, pode ser destacada a *Disputa de Barcelona* de 1263;
2. Os *tratados*: textos com o intuito de demonstrar o conhecimento completo de determinado assunto. O autor provava os artigos de fé por meio das *autoridades*. A seguir apresentava os argumentos da *razão natural*, ou seja, raciocínios que demonstrariam os erros do infiel. Essas obras objetivavam provar a veracidade da fé

⁶⁹ BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média* (século XII). Lisboa: Edições 70, 1983, p. 21.

⁷⁰ BÍBLIA de Jerusalém. Português. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2006. 1 Pe, 3, 15-16.

⁷¹ CARRERAS Y ARTAU, op. cit, p. 336, nota 64.

cristã. Um exemplo é a obra *Explanatio symboli apostolorum*, de Ramon Martí (c. 1230-1284);

3. A disputa pelas *razões necessárias*: debates públicos (ou nas sedes das igrejas) com o uso exclusivo de argumentos lógicos. Visavam explicar de forma racional os atributos ou virtudes divinas (Bondade, Grandeza, Sabedoria etc.) aceitos pelas três religiões do Livro. Sua argumentação opunha-se à utilização das *razões naturais*. Essa forma introduziu a lógica no discurso polêmico-apologético e criou uma nova *arte de filosofar*. O maior expoente desse modelo apologético foi Ramon Llull.⁷²

As disputas religiosas entre cristãos, judeus e muçulmanos eram comuns na Península Ibérica do século XII. Crenças e livros sagrados do Judaísmo e do Islamismo sofriam constantes refutações dos cristãos.⁷³

A disputa (*disputatio*) foi também um dos métodos mais importantes de ensino universitário na Baixa Idade Média. Esse método foi definido por João de Salisbury (1117-1180), em sua obra *Metalogius* (II, 4): “A *disputatio* se dava em torno das coisas que eram duvidosas, apresentadas de forma contraditória ou que nos proponhamos demonstrar ou refutar de um modo ou de outro”.⁷⁴

A partir do século XII, desenvolveu-se na Península Ibérica a *disputatio publica*, realizada nas universidades uma ou duas vezes ao ano. O conteúdo dessa disputa pública girava em torno de qualquer assunto (Teologia, Filosofia, Moral, etc.).⁷⁵

Como exemplo desse tipo de acontecimento, há a famosa *Disputa de Barcelona* (1263), entre um converso cristão de origem judaica, rebatizado de Paulo (frei Paulo Christiani) e o rabino Moisés ben Nahman (1194-1270). O resultado foi a condenação do credo judaico, e a proibição do uso e leitura de alguns livros religiosos, ou seja, a censura de

⁷² Ibid., p. 34-41, p. 147-170 e p. 337-338.

⁷³ Sobre a situação dos judeus e dos muçulmanos na Península Ibérica entre os séculos XII e XIV e as controvérsias dogmáticas com os judeus e polémicas com os muçulmanos, cf. CARRERAS Y ARTAU, op. cit., p. 42-54, nota 64.

⁷⁴ João de Salisbury, apud DISPUTATIO. In: ABAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 290.

⁷⁵ ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *A Universidade Medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 66-67.

vários livros rabínicos, mesmo diante das provas eficientes do judeu quanto à verdade do Judaísmo.⁷⁶

1.5. A PASSAGEM

No contexto histórico da expansão árabe, os muçulmanos conquistaram e mantiveram o domínio sobre a cidade sagrada de Jerusalém, alternando-se dominadores de diferentes dinastias, omíadas, abássidas e, no século XI, os turcos seljúcidas.

Diante dessa situação, em 1095, no Concílio de Clermont, o Papa Urbano II (1042-1099) exortou a multidão a libertar a Terra Santa e a colocar Jerusalém de novo sob soberania cristã. Para isso, apresentou uma expedição militar, que propôs como uma forma de penitência. Foram várias as tentativas de retomada da Terra Santa, todas com uma característica em comum: seu aspecto militar.

Durante os séculos XII e XIV, período em que ocorreu o movimento de expansão da cristandade para Ultramar, as expressões utilizadas na época para designar aquilo que hoje denominamos cruzado e cruzada eram *peregrinus* (para cruzado) e *peregrinatio*, *iter* (percurso), *via* (rota), *passagium* (caminho por mar), *santa passagem*, *santa viagem*, todas usadas para definir a cruzada.⁷⁷

Originalmente, a palavra peregrinação tinha o sentido de *visitare loca sacra* ou *peregrinatio sacra*, que era a visita aos lugares sagrados, principalmente Roma, Santiago de Compostela e Jerusalém, uma idéia que veio do período romano com um sentido profano de *estrangeiro*, *aquele que está fora da sua pátria*.

⁷⁶ CARRERAS Y ARTAU, op. cit., p. 46-47 e 336-337, nota 64.

⁷⁷ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. Introducción. In: *Corpus Christianorum. Continuatio medievalis* CLXXXII. Turhout: Brepols Publishers, 2003. p. 1.

O cristianismo deu uma dimensão espiritual ao termo, de que todo fiel era um peregrino, um exilado (um *homo viator*) que estava provisoriamente em terra estrangeira, em sua vida terrena, e que só encontraria a sua verdadeira pátria na outra vida, como cidadão do céu.

A cruzada era entendida como uma peregrinação, uma *peregrinação armada*, que promovia uma operação militar de reconquista dos lugares santos prescrita aos guerreiros (*crucesignati*) em troca da remissão de seus pecados, algo bem distinto e muito mais complexo e transcendental que o de um simples exército organizado para uma guerra.⁷⁸ A peregrinação, uma experiência penitencial pacífica, converteu-se em uma experiência penitencial armada.

No século XIII, passou também a significar *auxilium* e *succursum*, com a noção de defender e manter o Reino de Jerusalém sob a posse dos cristãos.

Em sua origem, o termo *passagium maris* designava a ação conjunta dos comerciantes de uma cidade para melhor se proteger da pirataria. Eram frotas de barcos de carga organizadas periodicamente pelas cidades marítimas do Mediterrâneo Ocidental que regularmente se dirigiam ao Mediterrâneo Oriental, quase sempre acompanhadas e protegidas por barcos de guerra.⁷⁹

Com o tempo, seu significado foi enriquecido pelos predicadores com conteúdos bíblicos, tais como a epopéia mosaica, e escatológico-apocalípticos, ou seja, a passagem para a outra vida e a oferenda martirial.

⁷⁸ FERNANDEZ, Emilio Mitre. *Historia del Cristianismo*. El mundo Medieval. Madrid: Trota, 2004. p. 317-324. Cf. ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madrid: Cátedra, 1994. vol. II. p. 179-193.

⁷⁹ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. op. cit. p. 1, nota 77.

Posteriormente, o termo *passagium generale* era usado para definir as expedições militares, avalizadas por uma bula papal, que conferia aos seus participantes privilégios especiais como a indulgência; a liberação do vínculo entre servo e vassalo; o estabelecimento de tréguas nas guerras entre cristãos; a proteção episcopal às propriedades dos nobres que se ausentassem; privilégios aos cruzados de serem julgados por cortes eclesiásticas e isenções de impostos e de moratórias.⁸⁰ É o que modernamente chamamos de *Cruzadas*.

A motivação para a realização destas empresas guerreiras em direção ao Oriente deve ser entendida tanto pela política de reforma do papado, iniciada na metade do século XI, quanto pela ameaça islâmica no Oriente.⁸¹

Como essa *passagium generale* não foi, a partir do século XIII, exclusivamente dirigida à Terra Santa, direcionando-se também a qualquer grupo considerado inimigo da cúria romana, houve a necessidade de uma nova distinção entre *crux transmarina* – para o Oriente – e *crux cismarina* – contra pagãos, hereges ou países não obedientes às ordens papais.⁸²

O conceito de passagem (*passagium*) evoluiu ao longo dos dois séculos em que os cristãos tentaram reconquistar a Terra Santa. Quando foi utilizado por Llull, tinha o significado de expedição armada que se dirigia ao Oriente Próximo. O filósofo se vale da palavra passagem (como se verá, por exemplo, no poema *Desconsolo*) como sinônimo *gládio corporal* – em oposição ao *gládio espiritual* – mas sem nunca deixar de lado a amplitude da transcendência da peregrinação espiritual, sempre com vistas à

⁸⁰ LEHMANN, Johannes. *Las cruzadas*. Los aventureros de Dios. Barcelona: Martinez Roca, 1989. p. 32-34.

⁸¹ TYERMAN, Christopher. *Las Guerras de Dios: Una nueva historia de las Cruzadas*. Barcelona: Crítica, 2007. p. 56-63.

⁸² DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. op. cit. p. 2., nota 77.

elevação da alma em direção à Jerusalém Celeste. Era uma viagem de peregrinação santa – e armada – para o cumprimento de uma obrigação religiosa (salvar o Santo Sepulcro das mãos dos infiéis e proteger os peregrinos indefesos) e uma purgação espiritual buscando a salvação.

No caso da Península Ibérica, desde o século VIII já ocorria uma guerra contra os invasores muçulmanos. Porém, até o século XI estas empresas guerreiras não eram estimuladas por uma mentalidade religiosa: tratava-se de empreendimentos autônomos onde os interesses financeiros e políticos prevaleciam sobre qualquer outro. Após a metade do século XI, alguns acontecimentos como a prática da guerra como remissão dos pecados e a invasão dos Almorávidas, fizeram com que ocorresse uma transformação nesta guerra até então dessacralizada.

A partir de então se estabeleceria o que conhecemos modernamente como a *Reconquista* ou *Cruzadas Espanholas*. Nessa ocasião, a luta contra os inimigos da Cristandade estava sacramentada, uma vez que ocorria um processo de expansão territorial estabelecido por uma motivação religiosa.⁸³

Valer-nos-emos da palavra *cruzada* ao invés de *passagem* por pura convenção histórica.

1.6. AS VISÕES NA IDADE MÉDIA

A vida de Ramon Llull, como a de vários personagens da Idade Média, foi marcada por uma ruptura gerada por um fato extraordinário. Para o maiorquino, esse acontecimento, as visões do Cristo crucificado, geraram a conversão ao Cristianismo, com

⁸³ TYERMAN, Christopher. op. cit. p. 66-68, 849-852, nota 82.

características próximas às de dois grandes modelos religiosos da Cristandade: Saulo de Tarso (c.10-67) e Francisco de Assis (c.1181-1226).

O primeiro passou pela *experiência da visão*, isto é, a luz de Cristo o cegou e, depois de alguns dias, voltou a enxergar o mundo através dos olhos da fé.⁸⁴ Esse fato fez com que Saulo sofresse uma profunda transformação interior: deixou de ser perseguidor dos cristãos para se tornar um servo de Deus. O apóstolo decidiu seguir a verdadeira luz, Jesus Cristo, caminho que abraçou pelo resto dos seus dias.

Giovanni Battista de Pietro Bernardone, mais conhecido como Francisco de Assis, nasceu na cidade italiana de Assis. Era filho de um abastado comerciante daquela região da Itália. Sua criação levou-o a conhecer a diferença entre a riqueza e a pobreza, a vida cavaleiresca e a vida burguesa. Sua conversão ocorreu em 1206. Quando renunciou ao conforto material e a herança paterna, tornou-se um pedinte.⁸⁵

A vida de Francisco de Assis, o grande exemplo de santidade do século XIII, também teve muita influência sobre Lull. O maiorquino ouviu um sermão sobre o despojamento de Francisco, que abriu mão da vida luxuosa proporcionada por sua família, para se dedicar ao tratamento dos leprosos e a mendicância, sobrevivendo apenas de doações recebidas da população citadina, fato que deu início ao ideal de pobreza e humildade franciscana.⁸⁶

⁸⁴ A lista de visões que aparece em Macróbio (c. 340-415) foi modificada por Santo Agostinho (354-430) em seu *De genesis ad litteram* [Sobre o genesis literal]. A partir da visão de São Paulo no caminho de Damasco, Agostinho estabeleceu uma hierarquia das visões: no nível inferior, a “visão corporal” pela qual nossos olhos podem ver realidades incorporais; no nível médio, a “visão espiritual” ou “imaginativa” que permite ver, como em sonho, as formas sem corpo; enfim, no nível superior, a “visão intelectual”, que dá acesso direto a realidades sem corpo e a conceitos sem imagens. DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 68-72.

⁸⁵ LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p.58-69.

⁸⁶ Ibid.

Esse exemplo levou Ramon a abandonar sua vida mundana e se dedicar ao serviço de Cristo. Ramon e Francisco tiveram uma vida semelhante antes da conversão: eram de uma família abastada, tiveram uma formação cavaleiresca e, após a conversão, abandonaram todos seus bens materiais, desprezaram os bens temporais, e passaram a se dedicar a um projeto de reforma social para o bem comum da Cristandade.

Nas sociedades tradicionais – ou pré-industriais – as visões ou os êxtases místicos sempre foram um importante meio de comunicação entre este mundo e o Além.⁸⁷

Ao longo do século XII houve um forte renascimento da mística medieval. Visões místicas possibilitavam o conhecimento do Paraíso. Dois importantes exemplos visionários desse século são Elisabeth von Schönau († 1165) e Hildegard von Bingen († 1179).

Elisabeth, em uma das suas visões paradisíacas, viu um edifício glorioso, cercado por três muralhas e com vários habitantes no interior. Além das muralhas, havia uma área cercada por espinhos picantes e ardentes, que muitos tinham que atravessar antes de ter acesso ao edifício. Já Hildegard, em sua Primeira Visão, observou a imagem do Criador, sentado sobre uma brilhante montanha cor de ferro.⁸⁸

Vários exemplos nas hagiografias medievais demonstram a manifestação de Cristo por visões que modificam de forma definitiva a vida daqueles que passam por elas.⁸⁹ A mística pela via contemplativa fez parte de todo o projeto missionário luliano. O *Livro*

⁸⁷ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 16; VAZ, H. C. de L. *Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

⁸⁸ DELUMEAU, op. cit., p. 85-87, nota 84. Sobre a *Visão de Túndalo*, a *Viagem de São Brandão*, ver ZIERER, Adriana. Modelos de Salvação Medieval: São Brandão e Santo Amaro. In: *História*. Revista do Departamento de História da UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n° 9, Vitória: EDUFES, 2001. p. 41-51.

⁸⁹ SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 15, 38-41, 62-63; DELUMEAU, op. cit., p. 85-87.

da *Contemplação em Deus* (1273-1274)⁹⁰ foi sua maior e mais importante obra sobre esse tema.

⁹⁰ No período em que foi escrito, Llull não costumava informar o local da redação e nem datar suas obras. Foi o Pe. Antoni R. Pasqual, no livro *Vindiciae Lullianae*, que fixou a data em 1273. Mossen Galmés fixa a data da composição em árabe em 1270 e sua versão catalã em 1272. Possui em sua estrutura, como em várias obras lulianas, um forte simbolismo numérico, com destaque para o número três, significando a Trindade divina. Está dividida em trezentos e sessenta e cinco capítulos, um para cada dia do ano, materialmente religados em três volumes, que englobam cinco livros, com quarenta distinções. Cada capítulo tem trinta parágrafos numerados, que estão divididos em dez grupos. A redação em primeira pessoa permite que o autor insira inúmeras passagens com conteúdo autobiográfico, tanto para a exaltação e agradecimento dos bens recebidos de Deus, quanto de penitência e autopunição pelos pecados cometidos na juventude, principalmente a luxúria. BADIA, Lola; SOLER, Albert. *Qui és Ramon Llull?* Disponível em: <http://quisestlullus.narpan.net/73_cont.html>. Acesso em: 18 Set. 2008.

2. RAMON LLULL: O POETA CRISTÃO

Ramon Llull, pensador que nasceu na cidade de Maiorca, cresceu em um ambiente marcado pelo convívio entre etnias e crenças diferentes, já que a posição da cidade tornou-a centro de atração para pessoas de diversas procedências.⁹¹ Sua educação foi típica de um nobre de sua época, a *educação cavaleiresca*. Aprendeu a montar e a usar armas. Tornou-se trovador.⁹²

Transformou-se em um fervoroso fiel da religião Católica após os trinta anos e dedicou-se até sua morte à conversão dos infiéis.

Seu perfil intelectual é complexo e atípico: como filósofo cristão desenvolveu criativamente materiais neoplatônicos e aristotélicos; como romancista foi um dos primeiros a propor temas contemporâneos, como apologista do cristianismo promoveu escolas de missionários e concebeu um novo método para a conversão. Llull também foi um dos primeiros escritores que usou a língua popular, em seu caso o catalão, para tratar de temas antes reservados ao latim, tais como teologia, filosofia e ciência.

Escritor proficiente, cristão fervoroso, chamado de *fantástico*,⁹³ Ramon é um personagem que ainda hoje desperta muito interesse. Conhecer sua biografia é indispensável para entendermos seu pensamento.

⁹¹ HILLGARTH, J. N. op. cit. p. 28, nota 10. Cf. DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. *Raimundo Lúlio: la Fe Consciente*. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em:

<http://www.hottopos.com/mirand6/raimundo_lulio_la_fe_consciente.htm> Acesso em: 20 set. 2007.

⁹² Para saber mais sobre a vida de Ramon Llull, cf. RAMON LLULL. Vida coetânea. In: *Obres selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. (ed., introd. i notes de Antoni Bonner). Mallorca: Moll, 1989, vol. I. p. 11-50.; GAYÁ, Jordi. *Biografia de Ramon Llull*. Disponível em:

<<http://www.jordigaya.com/llull/biografia/>>. Acesso em: 10 dez. 2008

⁹³ Sinônimo de louco.

2.1. E DEUS O CHAMOU PARA CANTAR A SALVAÇÃO

Em 1232 nasceu Ramon Llull. A maior parte das informações que temos sobre sua vida foi deixada por ele na obra *Vida Coetânea* (1311).⁹⁴

Seu pai, também chamado Ramon, seguiu Jaime I desde Barcelona e participou do processo de conquista da ilha de Maiorca. Não se sabe se eram membros da nobreza ou da alta burguesia. Contudo, tanto as terras que foram dadas ao pai após a conquista,⁹⁵ quanto a posição que Llull ocupará mais tarde na corte,⁹⁶ indicam que pertenciam ao primeiro grupo, o que fez com que Ramon recebesse a educação destinada aos seus componentes.

Ramon nasceu no auge da arte trovadoresca, e interessou-se profundamente por ela.⁹⁷ Infelizmente, não há vestígios da produção anterior à sua conversão. Essa experiência com a versificação marcou profundamente a vida de Llull, que refletiu em suas obras a intensa atividade dos jograis de seu tempo. Com Jaime I, foram muitos os jograis a serviço da corte, que passaram a ocupar uma esfera destacada no reino.⁹⁸

⁹⁴ Provavelmente por volta de setembro de 1311, Ramon ditou a *Vida Coetânea* a um monge da Cartuxa de Valvert, situada no entorno de Paris (onde hoje se encontram os Jardins de Luxemburgo). É uma justificação da vida e da obra do *personagem de Ramon*, muito bem pensada e sem expansões literárias: desde a conversão até a ida ao Concílio de Vienne (1311-1312) há uma perfeita distribuição de energias e atuações que apresentam o autor como um ser guiado por uma vontade superior.

⁹⁵ As informações sobre seu pai e suas posses são enumeradas nos documentos publicados no *Diplomatari lul·lià*. - HILLGARTH, J. N. *Diplomatari Lul·lià*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2001. p. 21-23, 25.

⁹⁶ Ramon foi senescal do filho de Jaime I, o futuro rei Jaime II de Maiorca (1267-1327).

⁹⁷ DE RIQUER, Martí. Pròleg. In: RUBIÓ I BALANGUER, Jordi. *Historia de la Literatura Catalana*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 2006. vol. I. p. 91.

⁹⁸ Destacamos aqui, Cerverí de Girona (1259-1290). Vinculado à Casa Real, foi um dos mais expressivos representantes da joglaria do século XIII. Suas obras possuíam uma intenção geralmente didática e moral, com um caráter lírico e narrativo. Seus escritos constituem a mais extensa e diversificada produção entre todos os trovadores do período. Conservam-se cerca de cento e vinte das suas composições, sendo cento e quatorze textos líricos, cinco narrativas e uma longa coleção de textos morais. Cf. ALONSO, Miguel. *Els*

O contato da Península Ibérica com a poesia veio do período da dominação árabe, e muitos poemas islâmicos continuavam a ser lidos. O foco propagador da poesia na Europa do período era a região de Provença, próxima à Catalunha. Nos séculos XII e XIII, os catalães cultos já haviam assimilado por completo o mundo do amor cortês e da poesia trovadoresca.⁹⁹

Por volta de 1263, ocorreu um fato que modificaria toda a vida de Lull. O trovador dedicado aos poemas profanos e aos amores mundanos tornou-se servidor do seu Amado – Deus – e um defensor do Cristianismo latino.

Conta-nos a *Vida* que quando tinha aproximadamente trinta anos, Ramon, então casado com Blanca Picany, com quem teve dois filhos, Domingues e Madalena, dedicava-se à composição de um poema para uma dama por quem estava apaixonado quando, ao olhar para a direita, teve a primeira visão de Jesus Cristo crucificado.

Apavorado, largou a composição e foi dormir. Entretanto, no dia seguinte, entregou-se “às vaidades de sempre”, retomando a composição da canção. Cerca de oito dias depois, no mesmo local e aproximadamente na mesma hora, Ramon preparava-se para finalizar sua canção, quando Jesus reapareceu, da mesma maneira que na primeira visão, crucificado. Ainda mais assustado, deitou-se.

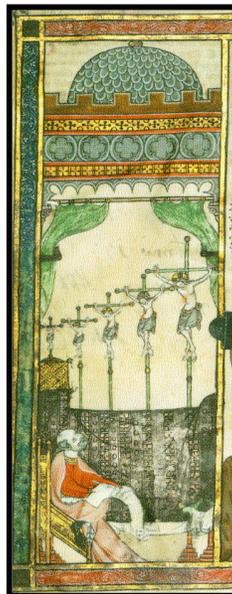
trobadors catalans. Disponível em: <<http://www.xtec.cat/~malons22/trobadors/index.htm>> Acesso em: 15 Set. 2008.

⁹⁹ O nascimento do *amor cortês* no século XII foi uma das maiores heranças que a Idade Média nos legou, pois propiciou à mulher um novo e destacado papel nas relações sociais. Assim, a necessidade de receber o consentimento da mulher para seguir seus anseios e desejos, tornou necessário o controle do impulso sexual violento masculino. Essa nova forma de comportamento social assumiu um caráter educativo nos círculos cavaleirescos, o que possibilitou a melhora da condição feminina. Cf. COUTINHO, Priscilla Lauret; COSTA, Ricardo da. Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da condição feminina na Idade Média. In: GUGLIELMI, Nilda (dir.). *Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad en la Edad Media*. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), Diciembre de 2003. p. 4-28

Mais uma vez o maiorquino ignorou a visão, e tentou concluir o poema para sua amada. Mas Cristo ressurgiu mais duas vezes e sempre da mesma forma. Até que na quinta aparição, Llull, completamente apavorado, passou toda a noite em claro meditando a respeito do significado que teriam aquelas visões. Ficou dividido entre a certeza de que aquilo significava que deveria mudar sua vida, abandonando tudo e dedicando-se ao serviço do Senhor, e a sua consciência, que lhe dizia ser indigno de servir a Cristo:¹⁰⁰

E como se repreendesse por ser indigno de servi-Lo, dada a vida que teve até aquele dia, esteve muito angustiado toda aquela noite, rogando ao Nosso Senhor que lhe iluminasse, e, observando em si a grande mansidão, paciência e misericórdia, a qual Nosso Senhor tem com os pecadores, confortou-se e teve verdadeira confiança em Nosso Senhor que, apesar da vida que teve até aquele dia, era vontade de Nosso Senhor que ele se entregasse totalmente a Seu serviço.¹⁰¹

Figura 1



As cinco visões de Cristo crucificado. Ramon teve as cinco visões enquanto compunha um poema profano (o manuscrito encontra-se em sua mão). Tal fato demonstra seu

¹⁰⁰ BONNER, op. cit., p. 13-14, nota 65.

¹⁰¹ “E com, d’altra part, argüís en si mateix ésser indigne de servi-lo, atesa la vida que fins en aquell dia havia tinguda, estec molt acongoixat tota aquella nit, pregant nostro Senyor que l’illuminàs, e, remirant en si mateix la gran mansuetud, paciència e misericòrdia la qual nostro Senyor ha envers los pecadors, confortà’s e hac vertadera confiança ab nostro Senyor que, no obstant la vida que fins en aquell jorn havia tinguda, voluntat era de nostro Senyor que ell totalment se donàs en sa servitud.” – Trad. nossa, baseada em: RAMON LLULL, op. cit., I: 4, nota 92.

conhecimento da arte trovadoresca, o que influenciou seus escritos mesmo após a iluminação.

Detalhe da Iluminura 1 do *Breviculum*

(*Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum Handschrift der Badischen Landesbibliothek Karlsruhe aus der Klosterbibliothek Sankt Peter Signatur: St. Peter, perg. 92*).

Decidido, colocou sua vida a serviço de Jesus, para honrá-Lo, levar Sua palavra e da Igreja a todos. Ideal que o maiorquino perseguiu até a sua morte. Tornou-se um cavaleiro disposto a ofertar sua vida ao serviço de Jesus e Maria.¹⁰²

A mudança veio acompanhada de três desejos: dedicar sua vida ao serviço de Deus, convertendo os não-cristãos; criar escolas para o estudo da língua dos infiéis; preparar-se para o martírio e escrever o melhor livro do mundo contra os erros dos infiéis.¹⁰³ Essa transformação espiritual irá impulsioná-lo a empregar toda a sua energia numa tarefa missionária e apologética.

Mesmo que os projetos não estivessem tão claros no momento da conversão, ao contrário do que parece na descrição contida na *Vida* sobre esse momento, pode se assegurar que não estão equivocados. É possível observar a ação de três elementos fundamentais na natureza de Lull: a súbita e impetuosa decisão de oferecer sua vida a Cristo; a ênfase na necessidade e na conveniência de argumentos racionais para alcançar a conversão dos infiéis (o que se reflete na sua decisão de escrever um livro com esse fim, e em sua insistência na formação adequada dos missionários como fator

¹⁰² SANCHIS GUARNER, M. L'ideal cavalleresc definit per Ramon Llull. In: *Estudios Lulianos*. Revista cuatrimestral de Investigación Luliana y Medievalística. Palma de Mallorca: Maioricensis Schola Lullística, Ano II, Vol. II, Fasc. III, 1958. p. 38.

¹⁰³ COSTA, Ricardo. Apresentação. In: RAMON LLULL. *O Livro da Ordem de Cavalaria* (trad., apres., e notas: Ricardo da Costa). São Paulo: Giordano, 2000. p.17.

preponderante para realizar a tarefa); o realismo que lhe faz ver a necessidade de obter apoio e suporte dos poderes da Cristandade.¹⁰⁴

Os textos com referências autobiográficas que tratam da vida de Ramon antes das visões insistem em dois fatos: sua pouca formação intelectual e sua vida dissoluta. No poema *Desconsolo*, Ramon comenta sobre sua vida antes das visões:

Quando cresci e senti a vaidade do mundo,
comecei a fazer mal e entrei em pecado,
esquecendo o Deus glorioso e seguindo o que é carnal [...]¹⁰⁵

Durante três meses adiou seus projetos. Até que em outubro, durante a festa de São Francisco, ouviu um sermão sobre a vida desse santo que lhe serviu de estímulo para ir a Santa Maria de Rocamadour e de lá, realizar a peregrinação a Santiago de Compostela, para orar a Deus para que Ele o guiasse na realização das três tarefas para as quais havia se proposto.¹⁰⁶

¹⁰⁴ HILLGARTH, op. cit., p. 31, nota 10.

¹⁰⁵ “Can fuy gran e senti del mon sa vanitat,/comense a far mal e entre en peccat,/ublidant Deus glorios, siguent carnalitat [...] - RAMON LLULL. op. cit., estrofe II, nota 5.

¹⁰⁶ BONNER, Anthony; BADIA, Lola. *Ramon Lull: Vida, pensamento i obra literária*. Barcelona: Empúries, 1991. p. 14.

Figura 2



Ramon Llull escuta o sermão sobre a vida de São Francisco. No meio da multidão, Ramon (de vermelho), escuta a eloqüente pregação de um bispo sobre a vida de São Francisco – até a natureza se verga para ouvi melhor o pregador (repare na inclinação de metade da árvore em direção ao pregador).

Detalhe da Iluminura 2 do *Breviculum*

(*Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum Handschrift der Badischen Landesbibliothek Karlsruhe aus der Klosterbibliothek Sankt Peter Signatur: St. Peter, perg. 92*).

Após a peregrinação, encontrou-se com Ramon de Peñafort (1185-1275), provavelmente em Barcelona. Foi quando esse antigo mestre geral da ordem dos dominicanos, pioneiro na fundação de escolas dessa ordem religiosa direcionadas à formação de missionários, aconselhou Llull a voltar para Maiorca e lá realizar seus estudos. O que contrariava os desejos de Ramon de seguir para Paris. Peñafort considerava que seria muito mais proveitoso para ele estudar na Península, onde o problema missionário era uma realidade cotidiana, e não em Paris, que formava profissionais para o trabalho administrativo, e não possuía contato prático com a realidade que o maiorquino desejava alterar.

Llull seguiu o conselho que recebeu, retornou à sua ilha natal e iniciou um período de nove anos de estudo. Desejava preparar-se para escrever *o melhor livro do mundo contra os erros dos infiéis*.

São escassas as informações sobre sua formação intelectual. Sabemos que aprendeu gramática, mas mesmo assim necessitava de tradutores para as suas obras nesse idioma, e adquiriu um escravo com quem aprendeu árabe.¹⁰⁷ Língua que, aliás, dominou muito bem, a ponto de poder disputar com sábios muçulmanos. Também teve contato com a Bíblia e o Alcorão.

A autobiografia *Vida Coetânea* informa a respeito do escravo que Ramon comprou e com quem teria aprendido árabe. No entanto, não há informações a respeito dos livros que teria lido nem sobre o nível de seus estudos. É possível que Llull conhecesse algumas obras e algumas correntes filosóficas árabes por intermédio da tradição oral de leitura das obras e poemas que divulgavam a doutrina sufi, muito freqüente no século XII.¹⁰⁸

Uma cronologia baseada nas datas apontadas pelo autor e em documentos da época demonstra o progressivo afastamento de Llull da sua vida social e familiar. Se os episódios da crucificação ocorreram entre 1263 e 1265, os documentos notariais de 1264 e 1271 demonstram que ele ainda não havia deixado totalmente de ocupar-se dos negócios familiares. O que muda em 1276, quando Blanca promoveu uma ação contra seu marido, acusando-o de ter abandonado a administração do patrimônio para dedicar-se à vida de eremita. A sentença, datada de 13 de Março de 1276, provou o abandono e nomeou um procurador para os bens familiares.¹⁰⁹

¹⁰⁷ DE RIQUER, op. cit. p. 92, nota 98.

¹⁰⁸ BENHAMAMOUCHE, Fatma. Ramon Llull y el mundo islámico: una relación apasionada. In: *Revue d'Histoire Magrebine* – Époque modern et contemporaine. Tunis: Zaghouan, 1995. p. 118.

¹⁰⁹ GAYÀ, Jordi. Introducció. In: RAMON LLULL. *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa* (introd. de Jordi Gayà; trad. de Pere Llabrés). Barcelona: Clàssics del Cristianisme 91. Facultat de Teologia de Catalunya/Fundació Enciclopèdia Catalana, 2002. p. 15.

2.2. AS VIAGENS DE RAMON LLULL

Após um período de preparação de aproximadamente nove anos (1265-1274), Ramon empreendeu uma série de viagens cuja finalidade era obter ajuda para os seus propósitos missionários. Em 1287 foi a Roma para falar com o papa e os cardeais a respeito da construção de colégios onde fossem ensinadas as línguas orientais e a sua *Arte*. Para ele, com tal preparação seria possível o envio de missionários para pregar nas terras dos infiéis.¹¹⁰ Entretanto, ao chegar à cidade, soube que o papa havia falecido.¹¹¹

De lá, Ramon dirigiu-se a Paris, quando teve o seu primeiro contato com os intelectuais da universidade parisiense. Porém, ao contrário do que esperava, ao expor sua *Arte*, não foi compreendido. Sua palestra fracassou, e o maiorquino foi duramente criticado por sua *maneira arábica de falar*.¹¹²

Figura 3



Ramon em uma leitura pública de sua *Arte*. A frustrante visita de Ramon a Paris fez com que ele repensasse a sua *Arte*. A partir daí, existiu um esforço do maiorquino para simplificá-la, tornando-a mais inteligível aos seus contemporâneos.

Detalhe da Iluminura 4 do *Breviculum*

¹¹⁰ LLINARÈS, A, op. cit., p. 74, nota 60.

¹¹¹ RAMON LLULL, op. cit., IV, 18-19, nota 92.

¹¹² Ibid. IV, 18-19.

(Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum Handschrift der Badischen Landesbibliothek Karlsruhe aus der Klosterbibliothek Sankt Peter Signatur: St. Peter, perg. 92).

Decepcionado, Ramon foi ao encontro do rei da França, Felipe, o *Belo* (1268-1314), para o qual escreveu e dedicou o *Livro das Bestas* (1285-1286).¹¹³ Posteriormente, o texto foi inserido no *Livro das Maravilhas* (1289).¹¹⁴ Nessa obra, Llull explicou o que o motivou a tentar uma aproximação com o monarca:¹¹⁵

[...] um homem que durante um longo tempo trabalhou para a utilidade da Igreja Romana veio a Paris e disse ao rei da França e à Universidade de Paris que fizessem mosteiros onde fossem ensinadas as línguas daqueles que são infiéis, e que se traduzissem para essas línguas a *Arte Demonstrativa* e com ela fosse aos tártaros e pregassem e lhes ensinasse a *Arte*; e que levassem alguns deles para Paris e lhes ensinasse a nossa língua e a nossa escrita antes que retornassem à sua terra. Todas estas coisas e muitas outras solicitou este homem ao rei e à Universidade de Paris, e que fosse confirmada pelo santo apóstolo e fosse uma obra perdurável.¹¹⁶

As obras escritas nessa época (entre 1287 e 1289) deixam claro o propósito de Llull: convencer Felipe, o *Belo* da necessidade de edificar, em Paris, colégios inspirados no modelo de Miramar.¹¹⁷

¹¹³ RAMON LLULL. *Livro das Bestas*. Tradução Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2006.

¹¹⁴ RAMON LLULL. *Fèlix o el Libre de Meravelles*. In: *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)* (ed. introd. i notes de Antoni Bonner). Mallorca: Moll, 1989, vol. II.p. 07-393.; RAMON LLULL. *Fèlix - O Livro das Maravilhas*. Parte I e II. Tradução Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2009.

¹¹⁵ LLINARÈS, A., op. cit., p. 75, nota 61.

¹¹⁶ “[...] un hom qui long temps havia treballat en la utilitat de l’Esgleia romana, venc a Paris, e dix al rei de França e a la Universitat de Paris que en Paris fossen fets monestirs on fossen apreses los lenguatges de aquells qui són infeels, e que hom en aquells lengatges trelladàs la *Art demostrativa*; e que ab aquella *Art demostrativa* hom anar als tartres, e que a aquells preïcàs a la *Art* mostras; e que de aquells hom a Paris hagués, e que la nostra letra e lenguatge los mostras, e que puixes a lur terra lurs trametès. Totes aquestes coses e moltes de altres demanà aquest hom al rei e la Universitat de Paris, e que fos confermat per lo sant apostoli e fos obra perdurable”. RAMON LLULL, op. cit., p. 291, nota 114.

¹¹⁷ HILLGARTH, op. cit., p. 77, nota 10.

Não são claras as relações de Llull com Felipe IV e os seus conselheiros. Ramon dedicou ao rei um número considerável de obras, algumas das quais com um elaborado panegírico. Contudo, como foi demonstrado na *Vida Coetânea* e em outros escritos, Llull não devia ser muito simpático aos juristas que auxiliavam Felipe em seus objetivos monárquicos, visto que o maiorquino não apoiava a supremacia do poder régio, por ser um grande defensor da soberania papal.¹¹⁸

Llull enfatizava a posição do papa na Cristandade e dava maior relevância ao cargo do regente espiritual. Essa posição de favorecimento do poder pontifício já era notada nas obras de Hugo de São Vitor (1096-1141)¹¹⁹ e São Bernardo de Claraval (1090-1153),¹²⁰ escritores de uma época de grande prestígio papal.¹²¹ É paradoxal que, mesmo após ter o conhecimento do que ocorreu em Agnani¹²² e ciente da vitória de Felipe, o *Belo* em seu

¹¹⁸ HILLGARTH, op. cit., p. 79, nota 10.

¹¹⁹ Filósofo e teólogo agostiniano nasceu, provavelmente, em Hartingam, na Saxônia. Foi o ilustre representante da escola da abadia de São Vitor, em Paris. Sua obra foi de grande importância para a valorização dos novos ensinamentos, tais como a história, as artes mecânicas, têxteis, a fabricação de armas, a agricultura, a caça, etc. Suas obras mais conhecidas são: *De sacramentis christianae fidei, Epitome in philosophiam, Commentum* (à hierarquia celeste) e *Didascalicon*, a obra mais completa sobre o saber da época. HUGO DE SÃO VITOR. *Didascalicon: da Arte de Ler*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

¹²⁰ São Bernardo de Claraval nasceu em 1090, e ingressou na ordem Cisterciense em 1113. Teve grande importância na consolidação da ordem. Em 1130, passou a agir de modo ativo também na vida da Igreja, auxiliando a resolver situações de crise, como a dupla eleição papal de Inocêncio II e Anacleto II, que provocou um cisma que durou oito anos. Em 1140, interveio contra os erros de Abelardo. Foi também o redator da regra da Ordem do Templo. SAN BERNARDO. *En la Escuela del amor*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996; BERNARDO DE CLARAVAL. *Elogio de la nueva milicia templaria*. Madrid: Siruela, 2005.

¹²¹ Para a questão da Hierocracia e a Teocracia Régia no século XII, como também a Teoria dos dois gládios, Cf. SOUZA, José Antônio de C. R. de (Org.). *O reino de Deus e o reino dos Homens: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana a João Quidort)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 63-71.

¹²² A Humilhação de Agnani ocorreu em consequência dos conflitos que envolveram o papa Bonifácio VIII e o rei Felipe, o *Belo*. Bonifácio, com a bula *Clericis laicos* (1296), decretou a excomunhão dos laicos que tributassem os bens da igreja sem o seu consentimento. Em represália, Felipe proibiu a saída de dinheiro para os estados pontifícios e forçou o clero francês a apoiá-lo. O papa então publicou a bula *Unam sanctam* (1302) e, pouco depois, excomungou o rei francês. Em represália ao papa, o monarca mandou que este fosse aprisionado em Agnani (1303), sofrendo com essa prisão grande humilhação. Bonifácio só foi liberto por interferência da população, o que garantiu o seu retorno a Roma, onde morreu pouco depois. VILLOSLADA, Ricardo Garcia. *Historia de la Iglesia Católica*. Vol III: Edad Nueva [La Iglesia en la época del Renacimiento y de la Reforma católica (1303-1648)]. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005. p. 613-623.

processo contra os templários,¹²³ Llull buscasse o apoio desse rei, sem, no entanto, abandonar sua defesa da soberania papal. Mesmo no final do século XIII, em um contexto onde o poder papal, cada vez mais fraco, era contrastado por um poder monárquico crescente, Llull ainda defendia a supremacia papal.¹²⁴

Contudo, nem o rei nem o papa contribuíram para a realização dos seus projetos. Desiludido, voltou a Montpelier em 1289 decidido a modificar sua *Arte* para simplificá-la e torná-la mais compreensível. Redigiu outro livro denominado *Art de trobar veritat* (1274)¹²⁵ porque, segundo ele, o intelecto humano não alcançava a compreensão da forma original da *Arte*.

O desespero de Ramon diante da incompreensão de sua *Arte* é claramente demonstrado na seguinte passagem do poema *Desconsolo*:

Senhor Deus glorioso! Há no mundo tal martírio
como este que suporto quando a Ti não posso servir?
Pois não há quem me ajude para que possa continuar
essa *Arte* que me foi dada, de onde tanto bem se pode seguir,
a qual temo que se perderá após meu fim,
pois nenhum homem a sabe bem,
segundo meu arbítrio,
nem eu posso forçar ninguém a escutá-la.
Ai de mim! Se ela se perde, o que Te poderia dizer,
que a deu a mim para ela enaltecer?¹²⁶

Foi para Gênova, onde conheceu Ramon de Gaufredi (†1310), mestre geral da ordem franciscana, que lhe concedeu uma carta de recomendação em 26 de outubro de 1289

¹²³ OLIVIER. O poder temporal do papa. In: *Estudios Lulianos* 5. Palma de Mallorca (España): Maioricensis Schola Lullística, 1958; CARRERAS Y ARTAU, op. cit., p. 621-623, nota 69.

¹²⁴ HILLGARTH, op. cit., p. 79, nota 10.

¹²⁵ BONNER, Anthony ; SOLER, Albert. *La mise en texte de la primera versió de l'Art: noves formes per a nous continguts*. Palma de Maiorca : Studia Lulliana, 2007, p. 29-50.

¹²⁶ Senyor Déus gloriós! Ha al món tal mártir/com aquest que sostenc, con tu no pusc servir?/Car no hai qui m'ajut, com pusca romanir/ esta art que m'has dada, d'on tant de bé es pot seguir,/la qual tem que es perdrá après lo meu fenir,/car null hom no la sab bé, segons mon albir./ni eu no pusc forçar null hom d'ella ausir./ Ai las! Si ella es perd, a tu què porai dir/qui la m'has donada per ella enantir? – RAMON LLULL. op. cit., estrofe XXXV, nota 5; COSTA; LEMOS, op. cit., nota 4.

autorizando-o a pregar nos conventos franciscanos da Itália. Foi o primeiro contato de Ramon com os *espirituais franciscanos*.¹²⁷

De Gênova, rumou para Roma onde foi pedir ao papa Nicolau IV (1288-1292) que criasse colégios para o estudo das línguas orientais e que proclamasse uma nova cruzada para reconquistar a Terra Santa.¹²⁸ Nicolau IV foi o primeiro papa franciscano da Igreja. Sua eleição se deu após um ano de sede vacante. Uma importante característica de seu pontificado foi a promoção de missões entre os tártaros e os mongóis.¹²⁹

Era 1292, e havia se passado um ano da queda de São João de Acre, o último reduto cristão latino em Ultramar tomado pelos muçulmanos. Movido pela comoção e pela indignação da Cristandade,¹³⁰ Ramon escreveu sua primeira obra sobre as cruzadas, o *Livro da Passagem*,¹³¹ dedicado ao papa Nicolau IV, que ainda se encontrava abatido e chocado com o fato ocorrido em 1291.¹³²

Pelas obras escritas entre 1287 e 1289 é possível perceber que Llull ainda não tinha nenhum interesse em promover uma cruzada. É provável que só tenha escrito a primeira obra de com esse intuito por causa da perplexidade diante dos fatos de 1291.

¹²⁷ Os espirituais (ou rigoristas) franciscanos formavam uma corrente de hábitos estritos dentro da ordem franciscana. Afirmavam que a Regra e o Testamento de São Francisco deveriam ser seguidos em todo o seu rigor, sem interpretações, mesmo que essas fossem feitas pelo papa. Tinham que levar uma vida de autêntica pobreza, mendigando o sustento a cada dia, vestindo os hábitos mais pobres, até mesmo se, para isso, tivessem que desobedecer aos superiores da sua comunidade. VILLOSLADA, Ricardo Garcia. *Historia de la Iglesia Católica*: Edad Nueva [La Iglesia en la época del Renacimiento y de la Reforma católica (1303-1648)]. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005. vol. II. p. 71-75.

¹²⁸ BATLLORI, Miquel. *Ramon Llull i el Lul·lisme*. Obra completa. València: Biblioteca d'estudis i investigacions, 1993. vol II. p. 17.

¹²⁹ VILLOSLADA, II, op. cit. p. 545-551, nota 127.

¹³⁰ RUNCIMAN, S. *História das Cruzadas*, vol. III: o Reino de Acre e as últimas cruzadas. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 372.

¹³¹ RAMON LLULL. Liber de Passagio. In: *Liber de sancta Maria in Monte Pessulano anno MCCXC*. Corpus christianorum. Continuatio Mediaevalia CLXXXII. Turnhout: Brepols, 2003. p. 323-353.

¹³² VILLOSLADA, II, op. cit., p. 545-547, nota 129.

Nesse texto e em petições posteriores encaminhadas a Celestino V (1215-1296),¹³³ Bonifácio VIII (1235-1304) e ao Concílio de Vienne (1311),¹³⁴ como também, no *Livro da Passagem* (1292), no *Livro do Fim* (1305) e no *Livro da Aquisição da Terra Santa* (1309),¹³⁵ Llull sempre harmoniza duas propostas: a missão (espada espiritual) e a luta armada (espada corporal) para recuperar a Terra Santa.¹³⁶

2.2.1 A crise de Gênova

A partir de 1292, teve início uma nova fase na vida de Ramon: ele afastou-se da vida contemplativa e passou para uma vida de ação ligada aos seus projetos missionários. Suas preocupações agora estavam relacionadas com a situação política da Cristandade. Voltou-se então para a pregação e a missão.¹³⁷

Em Gênova, Llull decidiu se dirigir ao norte da África, disposto a colocar em prática seus projetos missionários e, se necessário, sofrer o martírio.¹³⁸ Nessa mesma cidade encontrou homens e mulheres leigos dispostos a auxiliar sua expedição espiritual e apostólica.¹³⁹ O maiorquino não estava ligado a nenhuma ordem religiosa, embora tenha

¹³³ Celestino V (1215-1296) era um monge beneditino. Só permaneceu no cargo pontifício durante alguns meses de 1294.

¹³⁴ O *Concílio de Vienne* foi realizado na Catedral de Vienne na França, entre 1311 e 1312. Foi convocado pelo papa Clemente V para, dentre outras coisas, resolver a questão da supressão da Ordem dos Templários, e a condenação póstuma do papa Bonifácio VIII por ter excomungado Felipe, o Belo, rei da França. VILLOSLADA, III, op. cit. p. 26-61, nota 122.

¹³⁵ RAMON LLULL. Liber de acquisitione Terrae Sanctae. Tradução Waldemiro Altoé. In: *Studia Orientalia Christiana*. Collectanea 6 (P. Eugene Kamar, OFM). Edizioni del Centro Francescano di Studi Orientali Christiani. Cairo, 1961, p. 103-131. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com>>. Acesso: 20 jun. 2006.

¹³⁶ VILLOSLADA, II, op. cit., p. 545-547, nota 129.

¹³⁷ BATLLORI, op. cit., p. 18-19, nota 128.

¹³⁸ Ibid.

¹³⁹ RAMON LLULL, op. cit., nota 92.

se aproximado dos dominicanos (por sua racionalidade) e dos franciscanos (por seu misticismo).

Esse contraste interior, a indecisão sobre em qual dessas ordens ingressaria, ligado ao temor de morte por um possível martírio, causou-lhe a famosa *Crise de Gênova*:

E quando chegou a Gênova, prontamente divulgaram que ele desejava passar a Berbéria; e, de fato, o povo tinha confiança que Nosso Senhor Deus faria grandes maravilhas pelas mãos dele, como já tinham ouvido que Nosso Senhor lhe inspirara em certa montanha. E de fato, estando ele neste santo propósito, como aí houvesse já certa passagem pela Berbéria, e o dito reverendo mestre já havia recolhido os seus livros, sobreveio-lhe uma grande tentação, porque O seu entendimento lhe ditava, assim realmente como se ele o visse, que incontinenti que ele estivesse na Berbéria, sem deixá-lo disputar nem predicar, os mouros o apedrejariam, ou ao menos meter-lhe-iam no cárcere perpétuo; de tal coisa teve grande temor o dito reverendo mestre, assim como, lembrou-se do monsenhor São Pedro; e, de fato, o dito reverendo mestre, por este temor não se moveu àquela vez, obrigado por Nosso Senhor, ao qual nesse momento não suportaria.

E como o barco já havia partido, tentação contrária reteve o dito reverendo mestre, considerando que por aquele grande pecado Nosso Senhor o danaria; e não duvidando que houvesse feito escândalo ao povo contra a fé, quase se viu em ponto de desespero, e tinha tanta dor dentro de sua alma, que exalou uma parte para fora e caiu em uma grande doença, na qual esteve por um grande tempo, e ninguém jamais conseguiu descobrir a causa.¹⁴⁰

Em conseqüência desse dilema espiritual, a *Vida* descreve a dúvida existencial de Ramon: em que ordem ele deveria ingressar, a dos dominicanos ou a dos franciscanos? Doente, permaneceu no convento dos dominicanos, onde teve uma visão que lhe disse que só se salvaria se ingressasse nessa ordem.

¹⁴⁰ RAMON LLULL, op. cit., IV, 20, nota 92.

Porém, o maiorquino recordou que seus escritos sempre foram acolhidos pelos franciscanos. Isso gerou uma grande dúvida em sua mente. Decidiu não ingressar em ordem alguma, e divulgar a sua *Arte*. Optou por seu projeto missionário.¹⁴¹

Superada a crise, decidiu experimentar na prática seu método de conversão e partiu para Túnis (1293). Não era uma terra estranha. Os mercadores da Catalunha, Maiorca, Pisa e Gênova conheciam bem a região. Além disso, mercenários catalães formavam parte da milícia do sultão.

Ao desembarcar, Ramon foi procurar os líderes letrados da religião muçulmana.¹⁴² Iniciou o debate com eles dizendo que se converteria ao Islamismo caso provassem que a fé cristã era falsa.¹⁴³

Os debates promovidos por Ramon chegaram ao conhecimento das autoridades islâmicas que determinaram sua morte. Porém, um dos membros do conselho ponderou sobre as possíveis conseqüências desse ato.¹⁴⁴

Não convinha matar Ramon simplesmente porque ele estava defendendo sua crença, conforme nos atesta o texto da *Vida*.¹⁴⁵ Isso possibilitaria que os sarracenos também fossem mortos ao pregarem em território cristão. Então, expulsaram-no de Túnis, de onde retornou para Nápoles.¹⁴⁶

¹⁴¹ VEGA, Amador. *Ramon Llull y el secreto de la vida*. Madrid: Siruela, 2002, p. 43.

¹⁴² RAMON LLULL. *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa (Liber de fine)* (introd. de Jordi Gayà y trad. de Pere Llabrés). (trad. de Ricardo da Costa e Eliane Ventorim) Barcelona: Facultat de Teologia de Catalunya, 2002, p. 81-82. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/.htm>>. Acesso: 20 jan. 2005.

¹⁴³ RAMON LLULL, op. cit., VI, 26, nota 92.

¹⁴⁴ Ibid.

¹⁴⁵ Ibid., VII, 28.

¹⁴⁶ RAMON LLULL, op. cit., VII, 28, nota 92; VEGA, op. cit., p. 44-45, nota 140.

Em 1294, nessa mesma cidade, ele leu sua *Arte* e assistiu a eleição do papa Celestino V (1209-1296). Apresentou-se à nova corte pontifícia e novamente pediu auxílio para a realização dos seus planos de evangelização. Dedicou ao sumo pontífice o tratado denominado *Petitio Raymundi pro conversione infidelium ad Coelestinum V papam*,¹⁴⁷ no qual expôs basicamente três propósitos: a fundação de colégios para o ensino das línguas orientais; a conquista da Terra Santa; a unificação das ordens militares sob o comando de um único mestre.¹⁴⁸

Porém, com a abdicação do papa, em dezembro de 1294, viu novamente seus planos fracassarem. Esperava-se que Celestino realizasse uma reforma moral na Igreja.¹⁴⁹ Contudo, ao contrário de sua força espiritual, o pontífice não possuía grande capacidade administrativa para lidar com os monarcas da época e com os negócios da corte pontifícia.¹⁵⁰

2.2.2. Segunda crise: O Desconsolo

Houve uma nova eleição papal em 1294 e Bonifácio VIII (1294-1303) foi eleito. Ramon recobrou seu ânimo e acompanhou a corte papal de Nápoles até Roma, quando apresentou uma nova petição, a *Petitio pro conversione infidelium*,¹⁵¹ com propostas semelhantes ao tratado anterior.

¹⁴⁷ RAMON LLULL. Petició de Ramon al papa Celestí V per a la conversió dels infidels. In: PERARNAU I ESPELT, Josep. *Un text català de Ramon Llull desconegut: la «Petició de Ramon Llull al papa Celestí V per a la conversió dels infidels»*. Edició i estudi. Barcelona: [s/n], 1982.

¹⁴⁸ COSTA, Ricardo da. *Ramón Llull y la Orden del Templo* (Siglos XIII-XIV). 2003-2004. Tese (Pós-doutorado) Universitat Internacional de Catalunya, Barcelona, 2003-2004.

¹⁴⁹ DUFFY, Eamon. *Santos & Pecadores*. História dos papas. São Paulo: Cosac & Naif, 1998. p. 119.

¹⁵⁰ VILLOSLADA, II, op. cit., p. 552-556, nota 129.

¹⁵¹ RAMON LLULL. *Petitio Raymundi pro conversione infidelium ad Bonifacium VIII papam*. In: RENYÉ, Josep. *Ramon Llull: Alguns escrits sobre la croada*. Fondarella: Palestra, 1990.

Bonifácio era experiente nos assuntos relativos à cúria papal, e conhecedor do direito romano e do direito canônico.¹⁵² Era inimigo dos *espirituais franciscanos* (por suas propostas reformistas e anti-hierárquicas), e talvez essa antipatia com os espirituais possa ter auxiliado a recusa de Bonifácio aos pedidos de Llull.

Quando percebeu que o papa não o atenderia, Ramon partiu para Gênova. Tudo isso causou um estado de profundo desapontamento e depressão. Diante do fracasso de todo o seu trabalho pela honra de Cristo, ele caiu em profundo estado de melancolia.

Dar-se-ia nesse momento sua segunda crise. O filósofo escreveu o *Desconsolo* para manifestar toda a sua desolação. Quando a ineficácia das suas sugestões o desencorajava, Ramon refugiava-se na composição de poemas como esse, onde reflete toda a sua dor diante do fracasso para encontrar colaboradores, tanto religiosos quanto laicos, que tornassem viável a sua idéia de realização de uma cruzada para reconquistar a Terra Santa.

2.2.3 Recuperação da crise e novas viagens

Recuperado da crise, Ramon esteve novamente em Paris, entre 1297 e 1299, onde realizou uma segunda leitura pública de sua *Arte*. Durante esses anos, ele também concluiu obras de grande importância, como a *Árvore da Ciência* (1295-1296)¹⁵³ – obra

¹⁵² “O direito canônico é o da Igreja Católica, da comunidade de crentes. A sua influência sobre o direito laico da Europa ocidental é considerável, por diversas razões: – universalismo cristão da Idade Média; o mundo medieval no Ocidente é um mundo cristão; – o carácter escrito do direito canônico; este é, na Europa ocidental, o único direito escrito entre o fim do séc. IX e o séc. XIII; – a atribuição aos tribunais eclesiásticos da competência exclusiva em numerosos domínios da área do direito privado, tais como o casamento e o divórcio”. GILISSEN, John. *Introdução Histórica ao Direito*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2003. p. 17.

¹⁵³ RAMON LLULL. *Arbor scientiae* [1295-1296]. Trad. Pere Villalba i Varneda. In: *Boletín de La Real Academia de Buenas Letras de Barcelona* 48. Barcelona: Real Academia de Buenas Letras de Barcelona, 2002. p. 607-625.

enciclopédica dedicada a Felipe, o *Belo* – e a *Árvore da Filosofia do Amor* (1298),¹⁵⁴ dedicada à rainha Joana I de Navarra (†1305).

Em outubro de 1299, Ramon já havia saído da França. Quando estava em Barcelona, recebeu do rei Jaime II de Aragão permissão para pregar nas sinagogas e nas mesquitas dos seus domínios.¹⁵⁵ Os apologistas cristãos precisavam de uma licença real para realizar pregações. Na Coroa catalano-aragonesa, os judeus e sarracenos eram obrigados a escutar e debater com o missionário, contestando seus argumentos. A licença dada a Llull em 1299 obrigava os judeus e muçulmanos a estarem presentes, mas os dispensava do debate.

Entre 1300 e 1301, depois de anos longe de sua terra natal, Ramon voltou para Maiorca. Ao ver o colégio de Miramar abandonado, escreveu um dos seus poemas mais comoventes, o *Canto de Ramon* (1300).¹⁵⁶

Um novo ardor missionário tomou conta do *procurador dos infiéis*, e fez com que ele escrevesse muito durante esses anos, mesmo que estivesse sempre viajando. Quando recebeu a notícia que o *Ghazan* (ou *Kassan*) da Pérsia (1271-1304) havia tomado o território da Síria das mãos dos muçulmanos, Ramon embarcou imediatamente para Chipre, ao chegar ao seu destino, constatou que a boa nova era falsa.¹⁵⁷

Então pediu ao rei do Chipre permissão para pregar entre os infiéis e entre os cismáticos da ilha, e que o rei os obrigasse a disputar com ele. De sua parte, Ramon se

¹⁵⁴ RAMON LLULL. *Arbor philosophiae amoris*. In: *Raimundi Lulli Opera Latina 77*. Palma y Turnhout: Brepols, 1959.

¹⁵⁵ HILLGARTH, op. cit., p. 76, nota 10; CARRERAS Y ARTAU, op. cit., p. 249, nota 64.

¹⁵⁶ RAMON LLULL, op. cit., nota 5; COSTA; LEMOS, op. cit., nota 4.

¹⁵⁷ O câ da Pérsia era um aliado em potencial para os cristãos, só que as embaixadas enviadas ao Ocidente por Ilcã Arghun não obtiveram resposta. Assim, em 1295, logo após a morte Arghun, o Ilcã Ghazan adotou o Islamismo como religião do ilcanato, mesmo mantendo-se amigo dos cristãos e tendo ódio dos egípcios e turcos. RUNCIMAN, III, op. cit., p. 372, nota 129.

¹⁵⁷ VILLOSLADA, II, op. cit., p. 549, nota 129.

comprometia a continuar o processo de evangelização e converter o sultão da Babilônia e os reis da Síria e do Egito. A negativa real não o impediu de realizar sua pregação na ilha.¹⁵⁸

Em ação, Ramon caiu gravemente enfermo. Ao descobrir que fora envenenado pelo clérigo e pelo camareiro que o acompanhavam, fugiu ainda convalescente para Famagusta.¹⁵⁹ Ali foi hospedado e muito bem assistido pelo mestre dos templários, Jacques de Molay (c. 1243/ 1250-1314).¹⁶⁰

Uma vez restabelecido, viajou para a Armênia, e de lá foi para Chipre, depois para Malta e, em 1302, regressou a Maiorca. No ano seguinte, foi para Montpellier, passou por Gênova, e voltou para Montpellier, sem nunca deixar de escrever. Nessa última cidade, publicou o *Livro do Fim* (1305),¹⁶¹ no qual expressou de forma detalhada seus planos político-missionários de unificação da cristandade e conversão dos infiéis.¹⁶²

Naquela mesma cidade, assistiu a uma conferência do papa Clemente V (1264-1314), que acabava de ser eleito, para quem dedicou a obra anteriormente citada. Mais uma vez, Ramon acreditou que o novo papa realizaria seus projetos. Depois de uma breve estada em Barcelona, Llull foi para Lyon, para onde se dirigia a corte papal. Novamente, nem o papa, nem os cardeais deram atenção às suas idéias.¹⁶³

Por causa do pouco caso feito aos seus pedidos, Ramon deixou a corte pontifícia em direção a Paris. Ali permaneceu por pouco tempo, pois logo depois foi para Pisa com o

¹⁵⁸ RAMON LLULL, op. cit. VIII, 34, op. cit., nota 92.

¹⁵⁹ Ibid. VIII, 34.

¹⁶⁰ Ibid. VIII, 35; CARRERAS Y ARTAU, op. cit., p. 249, nota 64.

¹⁶¹ Cf. nota 142.

¹⁶² CARRERAS Y ARTAU, op. cit., p. 205, nota 64.

¹⁶³ RAMON LLULL, op. cit., IX, 41, nota 92; CARRERAS Y ARTAU, op. cit., p. 250, nota 64.

objetivo de passar à Berbéria. Sem encontrar nenhuma embarcação para esse destino, Ramon voltou para Maiorca em 1307.

Dali partiu então para Bugia, no Norte da África, e assim que pisou em terra firme, começou a pregar em praça pública a fé católica e apontar os erros dos infiéis.¹⁶⁴ Provocou a ira dos muçulmanos e, ao maldizer o profeta Maomé, foi preso. No caminho até a prisão foi atacado, apedrejado e teve parte da sua barba arrancada, quando a população quase o matou.¹⁶⁵

Essa passagem é descrita por ele no poema *Desconsolo*:

E mais, não sabeis como eu fui menosprezado
por Deus, ferido, amaldiçoado, e gravemente blasfemado,
em perigo de morte e a barba cortada,
e por virtude de Deus fui paciente;¹⁶⁶

O cadi da cidade conseguiu livrá-lo da morte. No entanto, o condenaram a uma punição tão severa que praticamente o mataria.

Por intervenção de alguns catalães e genoveses, foi conseguido o abrandamento do cárcere. Os muçulmanos modificaram o tratamento cruel pelo desejo de convertê-lo. Ofereceram-lhe mulheres, honras e riquezas, mas nada conseguiu desviá-lo de sua crença.¹⁶⁷

¹⁶⁴ Ibid. IX, 41.

¹⁶⁵ Ibid. IX, 39.

¹⁶⁶ Encar que no sabets con eu sui menyspreat/per Déu, ferit, maldit e greument blastomat./e en perill de mort, e per barba tirat,/e per vertut de Déu pacient sui estat; - RAMON LLULL, op. cit., estrofe LI, nota 5; COSTA; LEMOS, op. cit., nota 4.

¹⁶⁷ RAMON LLULL, op. cit., IX, 40, nota 92.

Então, Ramon conseguiu convencer os sarracenos a disputarem com ele. Propôs que cada um compusesse um livro dos seus diálogos e da defesa da sua própria fé.¹⁶⁸ Na prisão, começou a escrever a *Disputa de Ramon, o cristão e Homar, o Sarraceno*,¹⁶⁹ livro que só foi publicado na versão latina anos depois.¹⁷⁰

Segundo Llull, os sábios do Islã não conseguiam provar os erros da fé cristã e a verdade do Islamismo, então o rei de Bugia decretou a expulsão de Ramon, sob pena de morte caso ele tentasse permanecer ou regressar. Por isso, Ramon teve que deixar a cidade com sua obra inacabada.¹⁷¹

O filósofo embarcou para Gênova, mas o barco em que estava foi surpreendido por uma enorme tempestade. A embarcação foi lançada contra o litoral de Pisa. Somente sobreviveram Ramon e um marujo. Com esse trágico acontecimento, todos os livros que ele transportava se perderam.

Em Pisa, foi recebido com grandes honras, e um rico cidadão lhe hospedou em sua casa.¹⁷² Nessa cidade viveu retirado no convento de São Domingo de 1307 a 1308. Compôs novas obras e tentou organizar uma cruzada para conquistar a Terra Santa. Com esses propósitos, conseguiu obter do governo daquela república recomendações para o papa e os cardeais.¹⁷³ Saiu muito animado de Pisa para a corte pontifícia.

¹⁶⁸ Ibid., IX, 41.

¹⁶⁹ RAMON LLULL. *Disputatio Raimundi christiani et Homeri saraceni*. In: *Raimundi Lulli Opera Latina, Tomus XXII*. Turnhout: Brepols, 1998.

¹⁷⁰ RAMON LLULL. op. cit. IX, 40-41, nota 92.

¹⁷¹ Ibid. IX, 41, nota 92; CARRERAS Y ARTAU, op. cit, p. 251, nota 64.

¹⁷² RAMON LLULL, op. cit., IX, 41, nota 92.

¹⁷³ CARRERAS Y ARTAU, op. cit, p. 251, nota 64.

Ao passar por Gênova, Llull recebeu também uma oferenda de trinta mil florins de algumas damas da cidade para financiar sua viagem.¹⁷⁴ De lá foi para Montpellier, sem nunca parar de escrever.

Nesta cidade, publicou em 1309 o *Livro da Aquisição da Terra Santa*, que apresentou ao papa Clemente V.¹⁷⁵ No entanto, mais uma vez, seus desejos foram frustrados. Como último fôlego de esperança, seguiu para Paris.¹⁷⁶

Essa última viagem para a França (1310-1311) foi a que teve os melhores resultados. De Avignon, Ramon se dirigiu para Paris, onde expôs publicamente sua *Arte*. Dessa vez Llull teve um público maior e muitos aprovaram aquela “santa ciência e doutrina”,¹⁷⁷ como autêntica para os argumentos filosóficos e os princípios da Teologia.

Mesmo que alguns mestres de Paris sustentassem que a fé católica não podia ser provada, para opor-se e demonstrar que essa opinião era errada, ele compôs várias obras.¹⁷⁸

Neste momento de sua vida, Llull debatia com os doutores de Paris envolvidos pelas opiniões e obras de Averróis. Seu desejo nessa luta contra o averroísmo era que este pensamento fosse eliminado da Universidade de Paris, e que ninguém mais lesse,

¹⁷⁴ Gênova foi um lugar de destaque no que se refere à produção de textos de propaganda em favor das cruzadas. Em 1295, o genovês Galvano de Levanto redigiu uma obra sobre o tema que ficou bastante conhecida, pois influenciou a pregação de Felipe Busseri que, por sua vez, despertou em algumas nobres genovesas o desejo de financiar uma cruzada. Para Fernando Domínguez Reboiras, há grande possibilidade de que sejam as mesmas *senhoras devotas* que doaram dinheiro para auxiliar Llull em seus projetos missionários. DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. El proyecto luliano de predicación cristiana. In: DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando y DE SALAS, Jaime (eds.). *Constantes y fragmentos del pensamiento luliano. Actas del simposio sobre Ramon Llull en Trujillo, 17-20 septiembre 1994*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1996. p. 125.

¹⁷⁵ RAMON LLULL, op. cit., nota 135.

¹⁷⁶ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, op. cit., p. 286-287, nota 174.

¹⁷⁷ RAMON LLULL, op. cit., IX, 41, nota 92.

¹⁷⁸ Ibid. VIII, 35; CARRERAS Y ARTAU, op. cit., p. 251, nota 64.

citasse ou o comentasse. Llull considerava vergonhoso para os cristãos, principalmente os mestres de Paris, a afirmação de que a fé cristã não pode ser explicada racionalmente.

O averroísmo deixou marcas profundas em Paris. Influenciou sobremaneira os membros da Universidade. Llull, com sua pena em ação, foi um dos escritores que provocaram uma verdadeira guerra contra o averroísmo. Nesse aspecto de sua doutrina, ele obteve algum sucesso.¹⁷⁹

No final do livro *De natali Parvuli Pueri Jesu*,¹⁸⁰ Ramon pede a Felipe IV, a quem dedicou à obra que:

- 1) Fosse o guardião da fé cristã e banisse da Universidade de Paris todas as idéias averroístas;
- 2) Fundasse em Paris e em outros lugares do mundo colégios onde se aprendessem os idiomas dos infiéis;
- 3) Que, de todas as ordens militares, fosse feita uma só, para que houvesse um só rebanho e um só Pastor, e que esta recuperasse a Terra Santa do domínio dos infiéis, tudo isso pela honra do Divino Menino Jesus.

De acordo com um documento datado de 1310, quarenta mestres e bacharéis da Universidade de Paris aprovaram a doutrina de Ramon Llull. Por outro documento, de dois de agosto de 1310, Ramon conseguiu do rei da França cartas de recomendação para pregar em todos os territórios da cristandade, especialmente, para os seus súditos.

Segundo um terceiro documento, de nove de setembro de 1311, Francisco de Nápoles, chanceler da Universidade, por ordem do rei examinou várias obras de Llull e

¹⁷⁹ HILLGARTH, op. cit., p. 80-82, nota 10.

¹⁸⁰ RAMON LLULL. Liber natalis pueri parvuli Christi Jesu. In: *Raimundi Lulli Opera Latin/Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis XXXII*. Bélgica: Turnholt, 1975. Tomus VII, 168-177.

considerou-as corretas com relação à fé católica, cheias de zelo e retidão, bem escritas com o propósito de promover a fé cristã.¹⁸¹

Convocado pelo papa Clemente V para participar do Concílio do Vienne (1311), Llull viu reacender em seu espírito um jovial fervor, e pôs-se a caminho daquela cidade.¹⁸²

Ao final do Concílio, em 1312, Llull partiu para Montpellier, de onde regressou para Maiorca. Em sua terra natal, mesmo sendo um homem de idade avançada, continuou escrevendo novas obras para a conversão dos infiéis e a difusão de suas idéias.¹⁸³ Em 16 de abril de 1313, fez seu *Testamentum Raymundi Lulli*, onde manifestou o desejo de que fossem feitas cópias das suas obras e indicou o lugar onde deveriam ser depositadas.¹⁸⁴

2.2.4 A última viagem

De Maiorca embarcou para Messina, onde permaneceu durante um ano e se entregou ao projeto de conversão de judeus e sarracenos, já que contava com apoio e proteção do rei daquela região. Ali escreveu vários opúsculos.

Regressou para Maiorca, onde ficou até 1314, com o propósito de ir novamente para a terra dos sarracenos. Ramon aproveitou a circunstância favorável do recente tratado de paz e concórdia entre os reis de Maiorca e Bugia embarcou para Túnis em 1314.¹⁸⁵

¹⁸¹ CARRERAS Y ARTAU, op. cit, p. 252, nota 64.

¹⁸² RAMON LLULL, op. cit., IX, 41, nota 92.

¹⁸³ CARRERAS Y ARTAU, op. cit, p. 254, nota 64.

¹⁸⁴ RAMON LLULL. *Testamentum Raymundi*. In: FLORES, Abraham Soria; DOMÍNGUES, Fernando; SENELLART, Michel (Eds.). *Raimundi Lulli Opera Latina/ Civitate Maioricensi anno MCCCXIII compósita/Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis LXXX*. Bélgica: Turnholt/Brepols, 1991. Tomus XVIII, 208-212.

¹⁸⁵ CARRERAS Y ARTAU, op. cit, p. 254, nota 64.

Essa foi sua última viagem e teve circunstâncias distintas das de 1292. O sultão necessitava de aliados para defender seu território, e expressou o desejo de se converter ao Cristianismo. Para isso, iniciou contatos com os reis da Sicília e de Aragão. Os catalães mantinham relações comerciais e diplomáticas com Túnis.¹⁸⁶

Em Túnis, Ramon passou a exercer um tipo de função de embaixada. Isso lhe deu tranqüilidade durante a permanência na região. Naquela cidade, escreveu várias obras. Em 1315, ainda possuía fôlego para escrever. Nesse ano, enviou uma carta para Jaime II de Aragão, na qual pedia ao rei que mandasse para Túnis um discípulo seu para traduzir algumas obras do catalão para o latim, em especial a *Ars consili*.¹⁸⁷

Essa informação nos mostra que, mesmo em seus derradeiros dias de vida, ele continuou fiel aos seus propósitos. Suas últimas obras datam de 1315, todas redigidas em Túnis. Depois desse ano, não temos mais notícias suas.

Não sabemos ao certo quando e onde morreu Ramon Llull. Uma carta de Jaime II, de 29 de Outubro de 1315, é a última notícia documental sobre sua vida. Alguns afirmam que ele alcançou o martírio no Norte da África, vítima dos ferimentos recebidos em Tunis.¹⁸⁸ Porém, tudo indica que sua morte ocorreu em Maiorca, ou na viagem de volta para essa cidade, antes de Março de 1316. Seu corpo está enterrado em um convento franciscano da ilha.

Ramon não obteve muitos êxitos durante sua vida. Lamentou-se profundamente da indiferença em relação aos problemas da Cristandade que demonstravam os homens, criados para amar e honrar a Deus.

¹⁸⁶ BONNER, op. cit., p. 52, nota 65.

¹⁸⁷ RAMON LLULL. *Ars consili*. In: *Raimundi Lulli Opera Latina*. Palma de Maiorca: Johannes Stöhr, 1960. Tomus II.

¹⁸⁸ Para saber sobre a discussão em torno do martírio de Llull, cf. GAYÀ, op. cit., p. 26, nota 109.

No entanto, ao que parece, ele compartilhava a opinião de alguns contemporâneos, pois defendia que mesmo que os pecados dos homens pudessem impedir a realização do ideal, este seguiria sendo a base e norma do pensamento coletivo.¹⁸⁹

2.3 AS OBRAS DE RAMON LLULL

O *Catálogo Cronológico de obras de Ramon Llull*, de Anthony Bonner, dividiu a produção luliana em quatro etapas, segundo o desenvolvimento de sua *Arte*:¹⁹⁰

A fase pré-artística foi de 1271 a 1274. Compreendeu a época entre o fim do período de estudo e a visão de Randa. Llull escreveu três obras, entre elas o *Livro da Contemplação*.

A segunda fase, ou fase Quaternária abrangeu os anos de 1274 a 1289. Foi o período em que Llull inseriu em seus trabalhos as figuras geométricas. Correspondeu à fase de maior produção literária desse autor e dividiu-se em dois ciclos.

O Ciclo *Ars compendiosa inviniendi veritatem* (c. 1274-1283), que inclui obras pedagógicas, como o livro *Doctrina Pueril*.¹⁹¹ Llull também escreveu obras dirigidas aos judeus, cristãos e árabes. O segundo é o Ciclo da *L'art demonstrativa*, de 1283 a 1289.

¹⁸⁹ SANCHIS GUARNER, op. cit., p. 60, nota 102.

¹⁹⁰ Apud. COSTA, op. cit., p.18, nota 103.

¹⁹¹ RAMON LLULL. *Doctrina Pueril* (a cura de Gret Schib). Trad. Ricardo da Costa, Tatyana Nunes Lemos, Felipe Dias de Souza e Revson Ost. Barcelona: Barcino, 1972. Escrita em 1278 e dedicada ao seu filho Domingos, tem forte cunho pedagógico e catequético. Trata de temas variados, desde organização social a questões teológicas. Cf. SANTANACH E SUÑOL, J. *La Doctrina Pueril de Ramon Llull i la catequesi medieval*. <Disponível em: <http://www.bib.ub.es/www7/llull/7cateques.htm>.> Acesso em: 07 abr. 2006.

A Terceira Fase foi de 1290 a 1308. Nesse período, Llull buscou facilitar a compreensão de sua *Arte* e iniciou seus escritos políticos. O *Desconsolo* enquadra-se nesse período.

A Fase pós-Artística (1308 a 1315), quando com mais de setenta anos, o maiorquino passou a se preocupar com problemas mais concretos, como as missões e a crítica ao averroísmo. Foi quando redigiu *O Concílio*. As duas primeiras fases são as mais produtivas.

Não podemos ignorar o fato da variedade de obras, escritas em diversas línguas e tratando sobre inúmeros temas, ter sido conseguida por um autodidata, cuja vida foi marcada por uma intensa atividade missionária, demonstrando a grande energia criativa do autor.

Escreveu mais de duzentas obras sobre os mais variados temas (desde um tratado sobre a Retórica¹⁹² até textos de cunho pedagógico),¹⁹³ redigidas em catalão, árabe e latim. Em seu período, o catalão escrito não era totalmente estruturado. Sua decisão em escrever nesse idioma foi consciente e lhe exigiu uma boa preparação, pois seus textos possuíam um caráter filosófico experimental, o que requeria a criação de novas palavras e estruturas sintáticas.¹⁹⁴

Os variados temas explicam-se pelo fato de ele ter dedicado sua vida à persuasão de muçulmanos, judeus, cismáticos e católicos (que não trabalhavam pelo Senhor). Mas mesmo quando escreve sobre temas diferentes da fé, o faz dentro de seu programa apologético.

¹⁹² RAMON LLULL. *Retòrica nova* (edició a cura de Josep Batalla, Lluís Cabré i Marcel Ortín). Santa Coloma de Queralt: Brepòls / Obrador Edèndum, 2006.

¹⁹³ RAMON LLULL.op. cit., nota 191.

¹⁹⁴ TORRENT-LENZEN, A. Ramon Llull: El Dant Català. In: *Estudis de Llengua I Literatura Caralanes/XXX, Miscel.lània Germà Colón 3*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 1995. p. 19.

Isso o obrigou, além de dominar outras línguas, a modular sua voz segundo o público que queria alcançar, indo desde uma linguagem mais técnica, para convencer os membros da Faculdade de Paris, até a redação de romances, direcionados à burguesia de Montpellier e Maiorca.¹⁹⁵

¹⁹⁵ BONNER; BADIA, op. cit., p. 68-69, nota 106.

3. COM FERRO E FOGO E COM ARGUMENTAÇÃO

Islamismo e Cristianismo são duas realidades culturais e religiosas frente às quais se cristalizou desde o início o pensamento de Ramon. O que era natural devido ao ambiente de sua criação, um país fronteiriço entre a Cristandade e o Islã, com estreitas relações comerciais com o Magreb e em que o *outro* compartilhava espaços comuns.

Judeus e muçulmanos são o paradigma do infiel para Llull, mesmo que tenham pontos semelhantes, tais como a fé compartilhada em um Deus criador e remunerador e o uso da mesma linguagem para a expressão conceitual, a filosofia grega transformada em teologia escolástica.¹⁹⁶

Ramon Llull propôs uma forma de disputa que se diferenciava das mais utilizadas no período. Esse autor defendeu que a sua religião, o Cristianismo latino, era o único credo verdadeiro, portanto, a única forma de alcançar a salvação eterna. Llull não manteve uma posição *inclusivista* em seus textos.

O projeto missionário-apologético luliano seria realizado, principalmente, por meio da pregação. As disputas com representantes das outras religiões baseavam-se na busca pela verdade cristã e refutação dos erros dos outros. Assim, seu projeto era a busca da verdade, personificada na defesa da *verdadeira religião*, o Cristianismo latino.

¹⁹⁶ COLOMER, Eusebi. La actitud compleja y ambivalente de Ramon Llull ante el judaísmo y el islamismo. In: DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando y DE SALAS, Jaime (edits.). *Actas del pensamiento luliano. Actas del simposio sobre Ramon Llull en Trujillo*, 17-20 de septiembre 1994. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1996. p. 77.

3.1 AS FONTES

Para conhecermos suas idéias, utilizaremos como fontes dois poemas. A maioria dos estudiosos do pensamento do maiorquino afirma que o *Desconsolo* foi redigido em Roma, em 1295. No entanto, Mn. Josep Tarré propôs uma nova datação e localização, situando-a em Maiorca no ano de 1305.¹⁹⁷ Contudo, em nosso trabalho, utilizaremos a datação mais aceita, ou seja, 1295.

O *Desconsolo* é composto por sessenta e nove estrofes dodecásticas¹⁹⁸ com versos isométricos, ou seja, com a mesma medida. Lull utilizou *versos alexandrinos*, isto é, com doze sílabas métricas. Foi escrito em sua velhice, após passar uma vida de desgosto vendo sua *Arte* ser rejeitada. É a sua principal obra rimada e a que possui o tom mais pessoal.

O poema começa com um relato biográfico: Ramon está melancólico porque faz trinta anos que se dedica sem êxito à causa da conversão dos infiéis e da exaltação da fé. Um eremita que se encontra presente incentiva Ramon a fazer um exame de consciência para ver se sua *Arte* é efetivamente uma boa causa. Ramon acredita estar livre de pecado porque parte do amor a Deus e de um autêntico impulso de caridade. As reticências do interlocutor não consolam Ramon, apenas o incomodam. Finalmente, ‘o eremita considera se Ramon dizia a verdade’ e acaba reconhecendo que a obra que ele havia iniciado é boa e agradável a Deus. O texto termina com uma emotiva despedida e uma nova dose de esperança, nascida do comprometimento do, até então, crítico de Lull com sua causa.

¹⁹⁷ ROMEU I FIGUERAS, op. cit., p. 1280, nota 7.

¹⁹⁸ Estrofes compostas por doze versos. CÉLIA, Regina. *Pequeno glossário de literatura*. Disponível em: <<http://www.regina.celia.nom.br/lit.1.glossario.htm>>. Acesso em: 17 Jun. 2007.

Quando foi redigido, as perspectivas de êxito de suas petições haviam desvanecido. Junto com o *Canto de Ramon*, esse texto divide a categoria de lírica autobiográfica luliana. Foi redigido em momento de desânimo, mas possui toques de esperança, perceptíveis na ficção do texto. Esperanças depositadas nas futuras redações da *Arte*.

Uma das características mais marcantes no texto é a presença do eremita que debate com Ramon. Localizável no espaço, ele foi convertido pelo autor em uma bandeira de sua própria causa. É um personagem sem personalidade própria, uma voz antagonista domesticável. O desdobramento da personalidade de Llull, que se projeta num suposto eremita que o instiga com perguntas para que o leitor assista a um desfile completo das obsessões lulianas, do drama de incompreensão do qual se julga objeto e das justificativas morais que pensou.

Llull se sentia limpo de toda a culpa pela negligência, avareza, indiscrição e vanglória que via no mundo. A culpa é nossa, dos seus leitores:

*Mas se o homem estudasse fortemente meus livros,
e por outro saber eles não fossem esquecidos,
eu seria conhecido. Mas, como gato que passa
rapidamente por brasas, lêem-nos, pois com eles não fazem
quase nada de meu negócio. Mas, se existisse alguém que os
lembrasse,
os entendesse bem, e deles não duvidasse,
poderia, por meus livros, colocar o mundo em bom estado.*¹⁹⁹

Suas queixas foram dirigidas a toda a Cristandade. Seu anseio de conversão da humanidade à fé cristã é constantemente abordado nas passagens destacadas. O autor se coloca no texto como um exemplo a ser seguido, isto é, representa o verdadeiro cristão que trabalha arduamente em defesa da fé, mas que, diante da omissão daqueles que

¹⁹⁹ RAMON LLULL. op. cit. nota 5. Estrofe XXII. Os grifos são nossos.

poderiam ajudá-lo a executar o seu projeto chora freqüentemente e fica em estado de languidez.

O Concílio foi redigido em Vienne, França, em 1311, possivelmente motivado pela realização do quinquagésimo Concílio ecumênico (Vienne, França, 16 de outubro de 1311 a 6 de maio de 1312). É dirigido ao papa Clemente V. Trata-se da última obra versificada escrita por Ramon.

É formado por oitocentos e nove versos heterométricos, ou seja, que não possuem a mesma medida. Do primeiro ao setingentésimo, encontram-se cem estrofes heptásticas²⁰⁰ com os quatro primeiros versos octossílabos rimando entre si, e os três últimos divididos em dois tetrassílabos (o primeiro e o terceiro) e um octossílabo, também rimando entre si (a⁸, a⁸, a⁸, a⁸, b⁴, b⁸, b⁴). Do setingentésimo primeiro ao octogentésimo nono encontra-se a seguinte formação: um refrão monorrímo trístico²⁰¹ com versos tetrassílabos, mais quinze estrofes tetrásticas de versos octossílabos monorrímos, sempre seguidas da repetição do refrão (A⁴, A⁴, A⁴ // b⁸, b⁸, b⁸, b⁸ // A⁴, A⁴, A⁴).²⁰² No texto, nosso poeta-filósofo atribui importantes funções ao papa, aos cardeais, aos príncipes, aos prelados, aos religiosos, e elencou algumas qualidades que julgava fundamentais para a realização do Concílio, tais como a contrição e a devoção.²⁰³

²⁰⁰ Estrofes compostas por sete versos. CÉLIA, op. cit., nota 30.

²⁰¹ Estrofes compostas por três versos.

²⁰² ROMEU I FIGUERAS, op. cit, p. 1280, nota 7.

²⁰³ Para os medievais, a **contrição** é o sentimento pungente de arrependimento por pecados cometidos e pela ofensa a Deus, menos pelo receio do castigo do que pelo amor e gratidão à divindade. Em Llull, a penitência é “[...] a contrição do coração e a amargura da alma pelos pecados que fazes, dos quais se arrependes ou propões nunca mais fazê-los. Isso dá aflição ao corpo do homem, com jejuns, orações, peregrinações e outras coisas semelhantes a essas.” (RAMON LLULL, *Doutrina pueril*, op. cit. XXVI, 1, nota 191). E no *Livro dos Mil Provérbios* é assim definida pelo maiorquino: “1. Quem tem contrição está próximo da satisfação; 2. A consciência com contrição dá paixão à vontade; 3. Quem tem contrição não ri; 4. Quem conta seus pecados com risos não tem contrição; 5. Sem contrição não podes ter perdão; 6. A

Llull reproduz o propósito de divulgação de sua imagem, já utilizado na *Vida Coetânea*. Mostra-se menos iludido que em outros tempos. Foi dirigido ao papa Clemente V e tem um grande tom enérgico – Llull ameaça e admoesta:

Senhor Dom Papa Clemente Quinto,
que sois senhor de tanta gente,
fazeis que o Concílio ocorra rapidamente,
se o prolongardes longamente
parecerá fraude,
e Deus vos terá em desgraça:
*sereis julgado.*²⁰⁴

Acreditamos que a dureza que Ramon imprimiu ao seu discurso, sem poupar críticas inclusive ao papa, adveio da identidade apostólica que o catalão se atribuiu. Llull se via como detentor de uma mensagem que lhe fora dada diretamente de Deus – a *Arte*. Além disso, considerava-se um defensor da fé, um homem que abdicou da sua vida para honrar a Deus e alcançar a conversão dos infieis.

contrição dispõe o pecador a desejar o perdão; 7. Que a contrição te faça chorar para que possas rir no Paraíso; 8. Uma paixão por contrição vale mais que todas as bem-aventuranças por risos; 9. A contrição é a mensagem que o pecador envia à piedade de Deus; 10. A contrição sem esperança não tem forma; 11. A contrição e a graça de Deus são vizinhas no homem pecador; 12. Quem chora com contrição chora com doces lágrimas; 13. Se frequentemente pecas, frequentemente tens de ter contrição; 14. Quanto maior o pecado, maior a contrição; 15. Quem tem lenta contrição ou quem a enfraquece é vizinho do demônio; 16. Tua contrição está mais viva pelo amor que tens a Deus que pelo pavor que tens d’Ele; 17. Em todos os tempos a contrição é amiga leal; 18. A contrição é fonte de suspiros; 19. Quando com a contrição choras, a tua alma engorda; 20. A contrição por amor e contrição por pavor são vizinhas; 21. O tesouro de Davi e a sabedoria de Salomão não valem mais que a contrição”. RAMON LLULL. *O Livro dos Mil Provérbios*. (Trad.: Ricardo da Costa e Grupo II de Estudos Medievais da UFES). São Paulo: Escala, 2007. XX.

Por sua vez, a **devoção** é: “1. Se desejares ter grande devoção lembra, entende e ama frequentemente as grandes nobrezas e perfeições que Deus possui por essência e por obras; 2. Sem a santidade não podes ter devoção; 3. Podes ter maior devoção contemplando do que falando; 4. A contemplação é a fonte de onde nascem devotas palavras; 5. A devoção faz os olhos chorarem e o coração se alegrar; 6. A devoção satisfaz, engorda a alma e debilita o corpo; 7. Com a devoção falas e participas com Deus; 8. Com a devoção saberás se estás na graça de Deus; 9. Com a devoção pedes a Deus amor e com devoção Deus o dá; 10. A devoção te faz suspirar e o suspirar te faz amar; 11. Quem tem devoção possui todos os bens; 12. Tudo que precisas te é trazido por Deus pela devoção; 13. Com a devoção foge da tentação e terás paz; 14. Tem devoção e terás Deus; 15. O maior inimigo que tem o pecado é a devoção; 16. O homem devoto frequentemente chora e tardiamente ri; 17. A devoção é filha da caridade e da piedade; 18. Quem pede perdão com devoção não se fadiga; 19. Não podes ter melhor amigo que a devoção; 20. A amizade sem devoção não dura; 21. Tem devoção e não terás pavor”. RAMON LLULL, op. cit., nota 203. XXIX.

²⁰⁴ Sènyer en Papa quint Clement,/qui estats senyor de tanta gent,/faits que el concili sia breument/si trop hi faits d’allongament/parrà barat,/e Dèus vos en haurà desgrat:/serets jutjat. RAMON LLULL. op. cit., versos 71-77, nota 13. COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

Tais poemas foram escritos por Ramon no fim de sua vida. Possuem um grande tom de lamento, já que ele não conseguiu atingir seu maior objetivo, a conversão da humanidade à fé cristã. O *Desconsolo* pretende ser um resumo de sua vida, onde se encontrariam todos os trabalhos que o catalão desenvolveu nos anos que seguiram a sua transformação espiritual, incluindo suas propostas de conversão dos infiéis e de reforma da Cristandade. O *Concílio* era uma admoestação, um apelo de Llull aos membros da Igreja e aos nobres. A realização do Concílio de Vienne reanimou as esperanças do maiorquino que endureceu seu discurso para exigir que a reconquista da Terra Santa.

Llull foi trovador e recordava os antigos gêneros líricos, distorcendo-os e transfigurando-os até despojá-los de tudo o que não estivesse a serviço da exposição das verdades doutrinárias que desejava divulgar. Ramon promoveu uma reconversão espiritual de materiais profanos.

Ramon considerava os jograis como canais de difusão oral da literatura profana e arte da composição poética. A poesia deveria estar a serviço da *primeira intenção*, isto é, louvar e bendizer a Deus. Tudo o que fosse exclusivamente profano ficaria excluído por se considerado desvio.

Os poemas só seriam bons quando usados para textos de caráter religioso. Ramon sugeriu que os jograis tomassem o material poético do *Livro da Contemplação*.²⁰⁵ Os jograis reconvertidos dos desvios mundanos deveriam esquecer todos os textos que não fossem os que ele propunha.²⁰⁶

Reformar a jogralia era uma tarefa acima das possibilidades de Ramon, mas havia ao seu redor vários homens organizados e consagrados à difusão oral da doutrina cristã que

²⁰⁵ Cf. nota 90.

²⁰⁶ BADIA;BONNER. op. cit. p. 126-128, nota 106.

poderiam realizar esse tipo de jogral de valor – os frades das ordens mendicantes, treinados desde a juventude para fazer penetrar nos auditórios, através das palavras, os princípios básicos da moral.

3.2. A ARTE QUE CONVERTE

Figura 4



A Iluminação de Randa. Ramon recebeu de Deus (com vestes amarelas) o que se tornou a base de seu método apologético. Toda a argumentação utilizada posteriormente por Llull para alcançar a conversão dos infiéis derivou de sua *Arte*.

Detalhe da Iluminura 4 do *Breviculum*

(*Breviculum ex artibus Raimundi Lulli electum* Handschrift der Badischen Landesbibliothek Karlsruhe aus der Klosterbibliothek Sankt Peter Signatur: St. Peter, perg. 92).

Ramon buscava *razões necessárias* para demonstrar e provar os artigos da fé, principalmente a Encarnação e a Trindade, aos infiéis.

A solução veio aproximadamente em 1274, quando, aos quarenta e dois anos, ocorreu um dos acontecimentos mais cruciais para a vida do nosso autor: a iluminação de Randa, onde, segundo ele, recebeu de Deus seu método apologético, a *Arte*.

Ramon subiu no monte Randa, localizado próximo à sua casa, para contemplar a Deus.

A *Vida* nos relata que:

Quando ainda não estava ali uma semana completa, aconteceu um certo dia, enquanto olhava atentamente o céu, que subitamente o Senhor ilustrou sua mente, dando-lhe a forma e a maneira de fazer o livro contra os erros dos infiéis.²⁰⁷

Seguindo a narração e as referências que ele faz ao fato em suas obras, parece-nos que associava a descoberta da *Arte* a uma ocasião pontual, situada entre a intuição e um momento de Graça de Deus. O que não o impede de vê-la como um ponto de chegada de um processo reflexivo e contemplativo de longa duração.²⁰⁸

Trata-se de uma iluminação intelectual. Não foi de conteúdo, pois este já estava expresso no *Livro da Contemplação*, mas de “forma e maneira”, isto é, de como organizar e apresentar esse conteúdo. Portanto, de como alcançar as *razões necessárias* sem ter que recorrer às autoridades.²⁰⁹ Agora Ramon poderia fazer o *melhor livro do mundo contra os erros dos infiéis*.

A *Arte* é um sistema de pensamento aplicável a qualquer tema. Trata-se de uma tentativa de unificar todo o pensamento da cultura medieval, tomando-se um instrumento para a verdade das criaturas, tendo como pré-suposto a verdade de Deus. Foi criada com o objetivo de converter os infiéis e engloba uma série de obras produzidas por Ramon Llull ao longo de sua vida, dentre as quais:²¹⁰

1. *A Ars compendiosa inveniedi veritatem* ou *Ars magna* primitiva (1271?).
2. *Ars demonstrativa* (1274?).
3. *Ars inventiva* (1289).
4. *Tabula Generalis* (1293).

²⁰⁷ “Quan encara no hi havia estat una setmana completa, succeí un cert dia, mentre mirava atentament el cel, que de sobte el Senyor il.lustrà el seu ment, donat-li forma i manera de fer el llibre contra els errors dels infeels” – Trad. nossa, baseada em: RAMON LLULL, op. cit., III: 14, nota 11.

²⁰⁸ GAYÀ, op. cit., p. 16, nota 109.

²⁰⁹ BONNER, op. cit., p. 22, nota 65.

²¹⁰ PRING-MILL, R. *El microcosmos lul.lià*. Palma de Mallorca: Moll, 1962. p. 31-32.

5. *Arbre de Sciencia* (1296).

6. *Logica Nova* (1303).

7. *Ars Generalis Ultima* (1308).

8. *Ars Brevis* (1308).

Para Llull, só havia uma verdade, oriunda de Deus, à qual o homem poderia ascender mediante o uso da razão e da imaginação. A partir do pressuposto de que a razão não existia no homem sem a linguagem, seu objetivo era encontrar as palavras que transmitissem essa verdade – por definição acessível a todos. A *Arte* luliana é a busca por essas palavras em diferentes idiomas.²¹¹

A iluminação engloba basicamente três elementos que distinguem a filosofia luliana com muita precisão: **1)** a recepção de um conjunto de conhecimentos, de sabedorias, **2)** a recepção de figuras que elucidam os conteúdos textuais (as famosas figuras lulianas) e **3)** uma glorificação pessoal (ilustrar, tornar-se ilustre, glorificado, explicar um conhecimento transmitido). Mais ainda: tratava-se de uma *ilustração divina*.²¹² Parece claro que o filósofo acreditou ter recebido um contato direto de Deus, o que tornou o fato um acontecimento místico.²¹³

Após esse fato, Ramon empreendeu uma série de viagens a várias cidades européias e, principalmente ao Norte da África (estas com objetivo missionário). Iniciou, também, sua vasta produção literária.

²¹¹ FIERRO, Maribel. Apunts sobre La raó, llenguatge i conversió en el segle XIII a La Península Ibérica. In: ROQUE, Maria-Àngels (org.) *Ramon Llull i l'islam: L'inici del diàleg*. Barcelona: La Magrama, 2008. p. 95.

²¹² GAYÁ, op. cit., nota 109.

²¹³ A *mística* se define basicamente pela crença da possibilidade de uma comunicação direta entre o homem e Deus, o *êxtase*. Os místicos medievais tinham como base filosófica os tratados neoplatônicos, especialmente a obra de Proclo e do Pseudo-Dionísio. ABAGNANO, op. cit. p. 671-673, nota 74.

No século XII, a polêmica teológica catalã contra os gentios foi direcionada, por motivos históricos, aos judeus e muçulmanos. Numa Maiorca recém-conquistada, com uma pequena população cristã entre uma maioria sarracena, surgiu a obsessão por reviver a época heróica das cruzadas, e Llull levou essa polêmica para a literatura em língua vulgar.

Ramon Llull defendeu a conversão pela aceitação da fé cristã. Não bastaria converter, o infiel deveria entender a nova fé que lhe era mostrada. Ele pretendia vencer com uma disputa filosófica baseada num sistema que forçasse a inteligência à capitulação.²¹⁴

Llull aproveitou seu conhecimento sobre ciência e pensamento islâmico para tentar convencer os muçulmanos. Fugiu das citações de *autoridades*, contrariando o que faziam os escolásticos, e tentou transmitir sua mensagem aos islâmicos mais instruídos, por isso considerava fundamental dominar o árabe e conhecer os filósofos muçulmanos, mesmo sem citá-los. A partir disso, acreditava ser possível convencê-los utilizando argumentos baseados na razão.²¹⁵

A *Arte*, de acordo com Ramon, possuía cinco usos:

- 1) Conhecer e amar a Deus,
- 2) Praticar as virtudes e afastar os vícios,
- 3) Disputar racionalmente com os infiéis,
- 4) Ordenar e resolver questões;
- 5) Adquirir rapidamente o conhecimento de outras ciências, o que fazia de sua *Arte* a “ciência das ciências”.²¹⁶

²¹⁴ BONNER, op. cit., p. 91-92, nota 65.

²¹⁵ ROQUE, Maria-Àngels. Introducció. In: ROQUE, Maria-Àngels (org.) *Ramon Llull i l'islam: L'inici del diàleg*. Barcelona: La Magrama, 2008. p. 14.

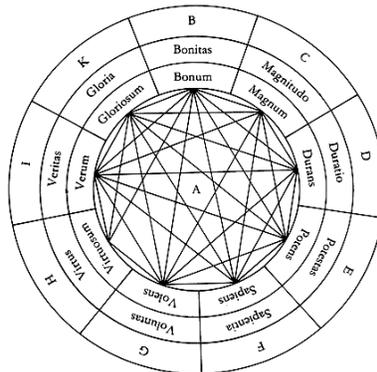
²¹⁶ COSTA, Ricardo da. *A Árvore Imperial - Um espelho de príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2000. p. 308-309.

No poema Desconsolo, Ramon descreveu a origem e os usos de sua Arte:

Ainda vos digo que trago uma *Arte Geral*,
 que me foi dada, recentemente, por dom espiritual
 para que o homem possa saber toda coisa natural,
 conforme o entendimento atinge o sensual.
 Vale para o Direito, para a Medicina e todo o saber,
 e para a Teologia, a qual me é mais cara,
 nenhuma arte vale tanto para resolver questões
 e para destruir os erros através da razão natural [...].²¹⁷

O filósofo tinha como ponto de partida sempre os *atributos divinos*, que em sua filosofia (*Arte*), são representados pela **Figura A**: “Esta parte se divide em quatro partes, ou seja, em quatro figuras. A primeira figura é a **A**.²¹⁸ Esta figura contém em si nove princípios, a saber, Bondade, Magnitude, etc., e nove letras, ou seja, **B, C, D, E**, etc.”²¹⁹

Figura 5 – As dignidades divinas



²¹⁷ Encara us dic que port un art general,/que novament és dada per do espirital,/per qui hom pot saber tota res natural/segons que enteniment ateny lo sensual./A dret e medicina e a tot saber val,/e a teologia, la qual m'és mais coral;/a soure qüestions nulla art tant no val,/ne errors destruir per raónatural [...]. RAMON LLULL. op. cit., estrofe VIII, nota 5. COSTA;LEMOS. op. cit., nota 4.

²¹⁸ Letras **B** (Bondade/Bem), **C** (Grandeza/Grande), **D** (Duração/Durabilidade), **E** (Poder/Potência), **F** (Sabedoria/Sapiência), **G** (Vontade/Desejo), **H** (Virtude/Virtuosidade), **I** (Verdade/Verdadeiro) e **K** (Glória/Glorioso). “Deus, naquilo que pode ser conhecido aos homens, se caracteriza por uma série de atributos essenciais, e estes são os princípios substanciais de todas as coisas (...) estas Dignidades se refletem em todos os aspectos da Criação (...). Todo o método indutivo, comparativo e demonstrativo da *Arte* consiste na redução das coisas particulares aos aspectos transcendentais da realidade que são estas Dignidades e, conseqüentemente, a comparação das coisas particulares entre si à luz das dignidades divinas.” Cf. PRING-MILL, Robert D. F. *Estudis sobre Ramon Llull*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 1991, p. 42-43.

²¹⁹ Cf. RUBIÓ, Josep E. Introducció. In: RAMON LLULL. *Arte breve* (introd. y trad. de Josep E. Rubio). Pamplona: EUNSA, 2004, p. 26.

A primeira figura representa as Dignidades de Deus. É composta de dois círculos sobrepostos e de diferentes tamanhos. Em suas bordas estão escritos os princípios absolutos – no disco menor como adjetivos e no maior como substantivos – no interior dos círculos várias linhas fazem a ligação entre estes princípios, para demonstrar que não há diferença destas dignidades em Deus.

Os princípios básicos da *Arte* foram extraídos do *substrato coletivo dos lugares comuns da cultura medieval*, compartilhado por cristãos, judeus e muçulmanos, e que, em boa parte, deriva da *síntese neoplatônica* que, durante os séculos anteriores ao XIII, foi adaptada às três crenças monoteístas.

A atribuição de determinadas qualidades a Deus, identificadas com sua própria essência, não era um dado estranho à teologia muçulmana ou judaica, pois remete às *hadras* ou *nomes divinos* dos teólogos do Islã, e às *sephiroth* da cabala hebraica. Convém ainda destacar a ausência de referências especificamente cristãs nas dignidades divinas: conceitos como a *Trindade* (ou *Paternidade*, *Filiação*, etc.) não entram na figura **A**.

3.3. O MODELO DE MIRAMAR: A PREPARAÇÃO DO MISSIONÁRIO

Ramon tinha cerca de quarenta e quatro anos, quando rogou a Jaime II que:

[...] fosse edificado um mosteiro no reino de Maiorca, bem dotado de posses, no qual pudessem viver treze frades para aprender a língua mourisca para converter os infiéis, e aos quais fossem dados cinquenta e cinco florins de ouro para seu sustento todos os anos.²²⁰

²²⁰ RAMON LULL, op. cit., I, 17, nota 92.

Llull fez essa petição quando foi chamado a Montpellier pelo herdeiro da Coroa de Maiorca após este ouvir que Ramon havia escrito bons livros. Jaime II solicitou a um frade menor – provavelmente o teólogo Beltrán Berenguer († 1283) – que analisasse as obras lulianas. O frade emitiu um parecer muito favorável ao maiorquino.²²¹

O monastério – chamado por Llull de Miramar – foi fundado e entregue aos franciscanos. Os dominicanos já contavam com um *studium linguarum* em Túnis e, eventualmente, regiam outro bilíngüe (de árabe e hebraico) em Múrcia. Os franciscanos não tinham nenhum e ficaram muito gratos a Ramon.

A doação do monastério aos frades franciscanos foi lembrada por Ramon no poema *Canto de Ramon*:

O Mosteiro de Miramar
fiz aos frades Menores dar
para aos sarracenos predicar.²²²

Llull solicitou que treze frades menores estivessem em permanente estudo da língua árabe e das demais disciplinas missionárias. O plano de estudo de Miramar era direcionado à formação filosófica e teológica de seus alunos. Além da língua árabe, os futuros missionários aprenderiam a doutrina do Corão, as tradições muçulmanas, a história de Maomé, a doutrina moral, filosófica e teológica islâmica, os costumes e práticas religiosas dos muçulmanos, além de geografia. Ensinar-se-ia, também, a *apologética das razões necessárias*, isto é, a *Arte luliana*.²²³ Após concluírem os estudos, doze frades seriam substituídos e enviados para predicar, prosseguindo assim o trabalho.

²²¹ GARCÍAS PALOU, op. cit. p. 124, nota 38.

²²² COSTA; LEMOS. op. cit., versos 13-15, nota 4.

²²³ Ibid., p. 126.

Supõe-se que a petição de Ramon ao rei ocorreu em 1275 e que os franciscanos iniciaram seus estudos ali em 1276. A fundação foi confirmada no dia 17 de outubro de 1276 por uma bula do papa João XXI (1226?-1277).

Entre 1292 e 1311, Ramon pediu insistentemente a fundação de colégios onde fosse ensinada a língua dos infiéis aos futuros missionários. Solicitou aos papas Nicolau IV em 1292, a Celestino V em 1294, a Bonifácio VIII em 1295, a Clemente V em 1305, 1308 e 1309, ao Concílio de Vienne, em 1311 e, também, a Felipe, o Belo, em 1289 e 1309.

No poema *Desconsolo*, Ramon também faz essa solicitação:

– Dom eremita, a maneira como Deus pode ser mais amado
já vos contei, se bem o lembrais,
isto é, que o Papa tivesse muitos homens letrados
que, por Deus, desejassem ser martirizados,
para que, em todo o mundo, Ele fosse entendido e honrado.
E que a todos eles a linguagem fosse mostrada,
conforme o que em Miramar tem sido ordenado,
– e que tenha consciência quem o malogrou!²²⁴

Miramar durou pouco, aproximadamente dezessete anos. Não se sabe ao certo o motivo de seu desaparecimento, e, como é possível notar na última frase do trecho acima, Ramon nunca se conformou com o fim do monastério.

Por achar imprescindível que os missionários conhecessem a língua e os costumes dos *infiéis*, Ramon insistiu constantemente na fundação desses locais onde os futuros missionários fossem preparados, e onde a sua *Arte* fosse ensinada.

²²⁴ RAMON LLULL. op. cit, estrofe LV, nota 5.

3.4. A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO

A apologética luliana era distinta da defesa da fé praticada pelos pregadores e clérigos de sua época. Ao analisar o método tradicional de conversão, o maiorquino teceu algumas críticas. O método tradicional consistia em atacar a fé dos judeus e dos sarracenos com as verdades da fé cristã, considerada a única via salvífica existente.²²⁵

O exemplo mais marcante se relaciona aos seus comentários sobre a missão do dominicano Ramón Martí (c. 1230-1281)²²⁶ entre os tártaros. Este missionário tinha como base de seu método de conversão o uso de *auctoritates* de fé, mas, por esse método apologético, não era possível provar logicamente o credo cristão.

Afinal, para os pregadores tradicionalistas, a Teologia era superior à Filosofia. Por isso, era *necessário crer antes de entender* os dogmas da fé cristã, pois estes, segundo eles, não podiam ser comprovados racionalmente.²²⁷

Em contrapartida, para Ramon Llull, que opunha *as autoridades* à filosofia (a razão), o debate com o infiel deveria ser realizado com o uso das *razões necessárias* –

²²⁵ CARRERAS Y ARTAU, op. cit., p. 339-342, nota 64.

²²⁶ O dominicano e catalão Ramón Martí foi o grande difusor do tomismo na Península Ibérica. Ramón “consciente do perigo que ameaçava destruir a integridade da fé no coração do povo, apresentava-se como seu defensor, e se fixou na intenção de sua ação por objetivos convergentes: atacar as confissões inimigas e atrair para a religião cristã as populações árabes e judaicas.” CARRERAS Y ARTAU, op. cit., p. 147-170, nota 64.

²²⁷ As regras das ordens mendicantes incluíam a missão como uma das obrigações dos frades. A regra dos franciscanos se refere expressamente aos frades que irão se dedicar à evangelização dos sarracenos e demais infiéis. Até mesmo São Francisco (c.1181-1226) se dirigiu três vezes ao norte da África, porém, só conseguiu completar a última viagem (1219), quando pregou para o sultão do Egito, porém, sem sucesso. Entre os dominicanos, a ação missionária estava inserida em sua regra desde os primórdios da ordem. São Domingo de Guzman (c. 1170-1221) em viagem a Dinamarca, entre 1203 e 1205, conheceu o trabalho missionário nas fronteiras do noroeste europeu. Quando fundou a ordem dominicana, estabeleceu como objetivo fundamental a pregação entre os batizados, para evitar o surgimento de heresias, e entre pagãos e cristãos. CANTERA MONTENEGRO. *Las Ordenes religiosas en la Iglesia medieval siglos XIII a XV*. Madrid: Arco/Libros, 1998. p. 71; PARDO PASTOR, Jordi. Las auctoritates bíblicas en Ramon Llull: etapa 1304-1311. In: *Revista Española de Filosofía Medieval*, 11, 2005. p. 167-180.

argumentos lógicos utilizados para explicar de forma racional as virtudes divinas ²²⁸ – dogmas que eram semelhantes, portanto, e aceitos pelas três *religiões do Livro*.

Segundo Llull, com essa forma de debate, os infiéis chegariam ao conhecimento de seus erros e voluntariamente aceitariam o Cristianismo, pois compreenderiam “a fé cristã para depois crer”. ²²⁹ Tais *razões necessárias* seriam explicadas com o uso da *Arte*, sistema lógico que poderia se aplicar a qualquer tema.

Ramon acreditava que os dogmas do Catolicismo poderiam ser provados. Isso fica evidente na seguinte passagem:

Dom eremita, se a fé o homem não pudesse provar,
então Deus não poderia aos cristãos culpar
se aos infiéis não a desejassem mostrar,
e os infiéis poderiam, por direito, de Deus se queixar,
pois a maior verdade não se deixa argumentar.
Porque o entendimento ajuda o nosso amar
quanto mais ama a Trindade e de Deus o Encarnar
e à falsidade mais pode contrastar. ²³⁰

Não significa que Ramon foi um total racionalista. Ele apenas abandonou a distinção feita por Tomás de Aquino (1225-1274) entre as verdades só alcançáveis por intermédio da razão e as que só poderiam ser conhecidas usando a fé.

Porém, mesmo concebendo que era possível que os homens entendessem a unidade de Deus e a Trindade, o entendimento ao qual Ramon se refere não é o que é inerente às

²²⁸ Virtude divina ou atributo divino era o termo utilizado no período escolástico para indicar os nomes de Deus. ATRIBUTO. In: ABBAGNANO, op. cit., p. 94, nota 74.

²²⁹ GAYÀ, op. cit., nota 119.

²³⁰ – N'ermità si la fe hom no pogués provar,/doncs Déus als crestians no pogra encolpar/si a los infeels no la vólon mostrar,/e els infeels se pogren de Déu per dret clamar,/car major veritat no lleix argumentar./ Per què l'enteniment ajud a nostre amar,/com mais am Trinitat e de Deu l'Encarnar,/e a la falsetat mais pusca contrastar. RAMON LLULL, op. cit., estrofe XXIV, nota 8. COSTA; LEMOS, op. cit., nota 8.

pessoas. Para ele, a única forma possível para conhecer a Deus era por meio do entendimento elevado pela Graça e pela luz soberana da sabedoria divina.²³¹

Para Llull, fé e razão são dois momentos solidários de um único processo de conhecimento, que parte da fé, passa pela razão e volta, agora enriquecido, para a fé. Trata-se, portanto, de um círculo hermenêutico, cujo ponto de partida é sempre a fé, condição prévia para o entendimento.

Ramon buscava uma dimensão de inteligência no interior da fé. A fé ajudaria o entendimento a crer, enquanto este a ajudaria a entender, pois, para o maiorquino, para entender verdadeiramente era necessário crer, e para crer era necessário entender. Porém, a fé era maior que o entendimento, visto que o homem, normalmente, acreditava mais do que entendia.

A razão luliana não é a razão autônoma, característica do pensamento moderno, mas é uma razão comprometida com a fé cristã, que a ajuda e é por ela ajudada.

3.5. O DIÁLOGO LULIANO

Para Llull, o diálogo era um duelo intelectual onde eram esgrimidas as *razões necessárias* a favor da fé cristã contra as razões alegadas pelos defensores da fé muçulmana, judaica ou de qualquer outra confissão. Ele estava convencido do triunfo final porque acreditava ser possuidor da verdade. Com seu método apologético – sua *Arte* – Ramon pretendia se tornar o campeão de uma nova cavalaria, posta a serviço da fé católica.²³²

²³¹ COLOMER I POUS. *El pensament als països catalans durant l'edat mitjana e el renaixement*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 1997. p. 145.

²³² CARRERAS Y ARTAU, op. cit, p. 265, nota 64.

As disputas entre representantes das diferentes religiões influenciaram na construção da *Arte* luliana. A partir de suas observações, Ramon definiu os seguintes parâmetros para a sua argumentação:

- 1) Iniciar a disputa com uma base admitida por todos os interlocutores;
- 2) Distinguir explicitamente os *dogmas diferenciais* e o detalhe da polêmica;²³³
- 3) Não discutir alguns textos sagrados, mas as crenças das pessoas;
- 4) Centrar a reflexão sobre Deus como o criador;
- 5) O método de respeito para conseguir ser escutado;²³⁴

Missionários conhecedores da língua e do credo de seu destinatário se colocariam em posição de diálogo, disputando com base em argumentos racionais. Iniciariam seu trabalho utilizando os argumentos concordantes entre os credos como, por exemplo, as dignidades divinas, pressuposto apriorístico de toda a realidade. Tais missionários seriam formados em escolas baseadas no modelo de Miramar.

Após o missionário e seus ouvintes concordarem com a igualdade da base de seus credos, passar-se-ia à demonstração dos pontos discordantes e comprovação dos erros aos quais o infiel estaria submetido. A conclusão seria a demonstração dos males que lhe adviriam, e, assim, a posterior conversão voluntária e sincera.

O diálogo não era somente o intercâmbio de posições e a definição de semelhanças e diferenças, mas também um enfrentamento epistemológico através do qual se poderia

²³³ Esses dogmas diferenciais são os aspectos que diferenciavam o Cristianismo das outras religiões, principalmente a Santíssima Trindade e a Encarnação.

²³⁴ ROQUE, op. cit., p.13, nota 215.

alcançar e ir além de uma disputa de autoridades, visto que para Ramon, as disputas baseadas em citações de texto não conduziam a nada.²³⁵

Contrariando o que faziam os escolásticos, Llull tentará transmitir a sua mensagem aos muçulmanos mais instruídos, que conheciam a epistemologia. Pensava que poderia convencê-los com o uso da razão, pois Ramon não considerava a fé islâmica verdadeira, e que, ao convertê-los, a população seguiria seu exemplo:

– Dom eremita, os sarracenos estão em tal estamento
que aqueles que são sábios, por força do argumento,
não crêem em Maomé, antes desprezam
o Corão, porque ele não viveu honestamente.
Assim, eles viriam à conversão rapidamente
se estivessem com eles em grande disputa,
e lhes mostrassem a fé por força do argumento,
e aqueles, convertidos, converteriam as gentes.
Não precisa muito tempo para aprender sua linguagem,
nem é preciso blasfemar Maomé imediatamente [...].²³⁶

Ramon considerava as táticas dominicanas fracassadas, principalmente por dois motivos. Para ele, basear os argumentos em *autoridades* só gerava disputas intermináveis sobre a interpretação desses textos. Além disso, Llull acreditava que não bastava refutar os argumentos dos adversários sem oferecer em contrapartida outros argumentos logicamente aceitáveis, capazes de persuadi-los da verdade da fé cristã. A divisa apologética de Llull era *non dimittere credere pro credere, sed pro intelligere* – não admitir o crer pelo crer, mas pelo entender.²³⁷

²³⁵ ROQUE, op. cit. p. 19.

²³⁶ – N'ermità els sarraïns son en tal estament,/que cells qui són savis, per força d'argument/no creen en Mafumet; ans tenen a nient/l'Alcorà per ço car no visc honestament./Per què aquells venrien tost a convertiment,/si hom ab ells estava en gran disputament,/e la fe los mostrava per força d'argument,/e aquells convertits, convertirien la gent./E en pendre llur llenguatge hom no està llongament./ne no cal que hom blastom Mafumet mantinent. RAMON LLULL. op. cit., estrofe XXVIII, nota 5. COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

²³⁷ BADIA; BONNER. op. cit. p. 106.

O maiorquino foi ao encontro das exigências dos interlocutores judeus e muçulmanos, ampliando o campo da controvérsia apologética desde o terreno das *preambula fidei* (verdades religiosas naturais que se supõe à fé cristã) até o terreno das afirmações doutrinárias concretas da fé cristã, sem excluir o que os crentes consideravam mistérios (Trindade e Encarnação).²³⁸

Llull não exigia do interlocutor não cristão nada além do uso da razão. Sua apologética era oposta à utilizada pelos dominicanos. Para Ramon, não se tratava de refutar os erros do interlocutor infiel ou responder negativamente suas objeções sobre a suposta irracionalidade da Trindade e da Encarnação, mas ajudá-lo a entender o que, em sua fé, o cristão acreditava.

A apologética luliana é um produto da direção tomada pela polêmica apologética e uma corrente franciscana. São Francisco concebeu a idéia de acabar com as Cruzadas e ainda assim realizar seu objetivo: substituir a conquista pela conversão. Entretanto, ele repudiava o peso da filosofia e da erudição, reservando-se somente à verdade do Evangelho, segundo ele acessível a todos, doutos ou leigos.²³⁹

Llull concordou com santo no propósito, mas discordou em relação aos meios. Os exemplos das controvérsias realizadas na Catalunha aliados à sua convivência com Ramon de Peñafort fizeram com que Ramon não abdicasse do uso da filosofia, já utilizado nas disputas. Ele não usou a arma da filosofia profissional ou escolástica como

²³⁸ COLOMER, Eusebi. ¿La actitud compleja y ambivalente de Ramon Llull ante el judaísmo y el islamismo?. In: DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando y DE SALAS, Jaime (edits.). *Actas del pensamiento luliano. Actas del simposio sobre Ramon Llull en Trujillo*, 17-20 de septiembre 1994. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1996. p. 78.

²³⁹ CARRERAS Y ARTAU, op. cit., 339, nota 64.

faziam os dominicanos, mas transformou a filosofia num instrumento popular a serviço da fé católica.²⁴⁰

Partindo do pressuposto de que o diálogo encerra certa medida de aceitação, acreditamos que Ramon não propôs um *diálogo inter-religioso*, mas uma forma diferenciada de disputa, baseada em suas *razões necessárias* e fundamentada em sua *Arte*. Diante da inexistência da *tolerância religiosa* no período medieval, Llull apenas defendeu um novo caminho para alcançar o seu grande sonho:

No Concílio estareis tão grandes
e tão belamente ordenados,
que Deus será muito honrado
e muitos homens serão salvos,
e *todo o mundo*
em sua longitude, amplitude e profundidade
*será abarcado.*²⁴¹

O ideal de propagar a *Palavra* por todos os lugares pode ser encontrado na Bíblia. Antes de Sua ascensão, Jesus teria dito aos apóstolos: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda Judéia e a Samaria, e até os confins da terra”.²⁴²

O *apóstolo* Ramon, também tinha esse desejo.

²⁴⁰ Ibid.

²⁴¹ L. 8-14. Grifos nossos.

²⁴² BÍBLIA de Jerusalém. op. cit. At. 1:8.

3.6. RAMON LLULL E O APÓSTOLO PAULO

3.6.1 De Saulo de Tarso a Paulo, o apóstolo

Saulo nasceu por volta de 3 d. C. na cidade de Tarso, na Ásia Menor (atualmente Turquia). Seu pai adquiriu a cidadania romana, porém o educou na tradição judaica.

Membro de uma rica família que pertencia ao grupo dos fariseus, Saulo pode ser considerado o mais erudito dos apóstolos, já que, diferente da maioria, composta predominantemente por pescadores, ele frequentou a Escola de Gamaliel, em Jerusalém, e teve sua formação primária em uma escola de cultura grega (seu idioma materno).

Mais tarde, após sua conversão, Saulo apresentou-se assim em discurso aos judeus em Jerusalém: “Eu sou judeu. Nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância exata da Lei de nossos pais, cheio de zelo por Deus [...]”.²⁴³

Em Jerusalém, Saulo participou do apedrejamento de Estevão, líder de um fervoroso grupo de seguidores de Jesus. Seu argumento para a perseguição aos seguidores de Cristo era a defesa da *tradição dos pais*, isto é, da lei mosaica, que ele via ameaçada pelos seguidores de Jesus.²⁴⁴ Porém, o zelote religioso, aquele que “progredia no judaísmo mais que muitos compatriotas [...], distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas”²⁴⁵, viu sua vida transformar-se por volta de 33 d. C., a caminho de Damasco, após pedir ao sumo sacerdote cartas para as sinagogas dessa cidade, “a fim de trazer

²⁴³ BÍBLIA de Jerusalém. op. cit. At 22:3, nota 70.

²⁴⁴ KUCHENBECKER, Valter. *O homem e o sagrado: a religiosidade através dos tempos*. Canoas (RS): Ulbras, 1998. p. 104.

²⁴⁵ BÍBLIA de Jerusalém. op. cit. Gl 1:14, nota 70.

para Jerusalém, presos, os que lá encontrasse pertencendo ao Caminho, quer homens, quer mulheres”.²⁴⁶

Quando se encontrava próximo à cidade, prestes a cumprir seu objetivo, narra que foi miraculosamente convertido a Jesus, e passou de perseguidor a um dos maiores arautos da religião de Cristo, mesmo nunca tendo convivido com Jesus.

Contam-nos em *Atos dos Apóstolos* que:

Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saul, Saul, por que me persegues?” Ele perguntou: “Quem és, Senhor?” E a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te, entra na cidade e te dirão o que deves fazer”.²⁴⁷

Após a visão, Saulo ficou cego por aproximadamente três dias, sem se alimentar. Foi curado por Ananias, um discípulo enviado pelo Senhor, que, em um primeiro momento, vacilou diante do chamado por saber das perseguições perpetradas pelo fariseu contra os discípulos de Cristo:

Ananias partiu. Entrou na casa, impôs sobre ele as mãos e disse: “Saul, meu irmão, o Senhor me enviou. Jesus, o mesmo que te apareceu no caminho por onde vinhas. É para que recuperes a vista e fiques repleto do Espírito Santo”. Logo caíram-lhe dos olhos umas como escamas, e recuperou a vista. Recebeu, então, o batismo e, tendo tomado alimento, sentiu-se reconfortado.²⁴⁸

A partir desse dia, Paulo, já discípulo de Jesus, iniciou uma série de viagens, onde disponibilizou seus grandes conhecimentos a serviço do Evangelho. Segundo a tradição

²⁴⁶ BÍBLIA de Jerusalém. op. cit. At 9:2, nota 70.

²⁴⁷ Ibid. At 9:3-6.

²⁴⁸ Ibid. At 9: 17-19.

cristã, morreu decapitado em Roma (c. 67), vítima das perseguições movidas por Nero (37-68) contra os cristãos.²⁴⁹

3.6.2 Coincidências ou identidade apostólica?

A primeira semelhança evidente entre Paulo e Ramon é que a maior parte das informações sobre os dois foram deixadas por eles em seus textos.²⁵⁰

Paulo não pertencia ao grupo dos doze discípulos de Jesus. Ao contrário, dedicou-se durante anos à perseguição dos que consideravam Cristo o messias. Como defensor do judaísmo, não foi convertido pela palavra do Evangelho, mas por um acontecimento místico, por uma iluminação diretamente enviada pelo Senhor.

Assim ele nos relata: “Com efeito, eu vos faço saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, pois eu não o recebi nem aprendi de algum homem, mas por revelação de Jesus Cristo”.²⁵¹ Sua fé, não originária de uma tradição herdada, condicionou seus métodos de persuasão e seus escritos.

O mesmo ocorreu com Llull, que, apesar de viver em um ambiente de cristianização da Península Ibérica – era o período da Reconquista cristã – só passou a seguir e viver a palavra de Jesus após uma experiência pessoal, marcada por visões. Em ambos os casos foram conversões súbitas e mudanças radicais que deixaram marcas visíveis nos fundamentos de suas pregações.

²⁴⁹ RUBIO, Ana Martos. *¿Pablo de Tarso, Apóstol o Hereje?: La inquietante verdad sobre la identidad del auténtico fundador Del cristianismo*. Madrid: Nowtilus S. L, 2007. p. 162.

²⁵⁰ Sobre Paulo ainda contamos com os relatos dos Atos dos Apóstolos.

²⁵¹ BÍBLIA de Jerusalém. op. cit. Gl 1:11-12, nota 70.

Dos vinte e sete livros que compõem o Novo Testamento, treze são epístolas de autoria do apóstolo Paulo. Isso indica que ele também privilegiava a escrita como transmissão das doutrinas do cristianismo.

Ramon escreveu quase trezentas obras em catalão, latim e árabe, onde abordou variados temas. Era muito preocupado com a divulgação de seus textos, chegando, inclusive, a pagar para que fossem feitas cópias de suas obras.

Paulo também empreendeu diversas viagens com o objetivo de divulgar a palavra de Cristo. Nelas realizou pregações em sinagogas, na casa de simpatizantes e durante encontros interpessoais, aproveitando os contatos que os deslocamentos lhe proporcionavam.

As viagens missionárias de Llull estão bem documentadas. Esteve no Norte da África para pregar para os muçulmanos; foi a Paris ler sua *Arte*; esteve em Roma e outras cidades da atual Itália, com o objetivo de conseguir auxílio para a conversão dos infiéis e divulgar o método que acreditava ter sido dado por Deus.

Contudo, as semelhanças não acabam aí. Paulo, após a conversão, abraçou como missão levar a palavra de Jesus aos gentios, e recebeu por isso, a denominação de *Apóstolo dos gentios*: “Quando, porém, aquele que me separou *desde o seio materno* e me *chamou* por sua graça, houve por bem revelar em mim seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios, [...]”.²⁵² Paulo sublinhou o aspecto interior de sua visão, ligando-a à sua vocação de Apóstolo dos gentios.

²⁵² BÍBLIA de Jerusalém. op. cit. GL 1:15-16, nota 70.

A transformação espiritual sofrida por Llull impulsionou-o a empregar toda a sua energia numa tarefa missionária e apologética para conseguir a conversão dos infiéis, mesmo que isso lhe custasse a vida. Por isso, Ramon também é chamado de *Procurador dos infiéis*.

É difícil identificar e separar os personagens aqui abordados ao tratarmos de um projeto evangelizador que se ajusta com o tempo e com a prática, de uma missão para a conversão em larga escala, de uma evangelização que não exclui, que defende que todos podem encontrar a mensagem de Deus, e que não existem impedimentos para a recepção do Evangelho. Aliás, esse longo alcance dado por Paulo ao Evangelho, essa sua busca de conversão dos gentios foi um ponto de discórdia entre ele e outro apóstolo – Pedro, que defendia apenas a conversão dos judeus à palavra de Cristo.

Coincidentemente, Ramon deu a uma de suas obras o título de *A disputa entre Pedro, o clérigo, e Ramon, o fantástico*.²⁵³ Escrita em 1311, narra uma disputa ocorrida entre Ramon e um clérigo a caminho do Concílio de Vienne. O clérigo demonstra-se um opositor de Ramon, argumentando que por suas idéias e objetivos Llull é *fantástico*. Trata-se da loucura da fé, da qual Paulo também foi acusado, e sobre a qual fez o seguinte comentário: “Certamente, a palavra da *cruz é loucura* para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus”.²⁵⁴

Paulo fundamentava seu impulso evangelizador em quatro principais fatores: o mandato de Cristo: “E disse-lhes: ‘Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda

²⁵³ LOLA BADIA, Versió catalana de la Disputa del clergue Pere i de Ramon, el Fantàstic. Tradução Ricardo da Costa. In: *Teoria i pràctica de la literatura en Ramon Llull*. Barcelona: Quaderns Crema, 1991, p. 211-229.

²⁵⁴ BÍBLIA de Jerusalém. op. cit. 1Cor 1:18, nota 70. Os grifos são nossos.

criatura”;²⁵⁵ o plano de Deus, concebido desde sempre a todos os seres humanos: “Portanto, não nos destinou Deus para a ira, mas sim para alcançarmos a salvação, por Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós, a fim de que nós na vigília ou no sono vivamos em união com ele”.²⁵⁶ Como Deus único, razão soberana acima de todas as coisas, esse plano seria um reflexo da imagem divina, isto é, uno e universal.

Além disso, Paulo se baseava na universalidade do Evangelho, já que Deus estende seu reino a todo o universo: a aceitação do Evangelho por não-judeus no interior de suas culturas demonstraria o plano divino. E mais: não cabia ao evangelizador implantar o reinado de Deus (já implantado com morte e ressurreição de Cristo), mas proclamar, entender e levar a cumprimento o que Deus realizou. Por último, ele acreditava na liturgia do Evangelho, isto é, agradar a Deus por meio das missões de conversão, já que Ele deseja para Si os gentios.

Tudo isso é muito semelhante ao que defendia o maiorquino. Ramon também foi um apologista cristão preocupado com a propagação do Evangelho aos infiéis. Como Paulo, defendeu um ambicioso projeto de uma só fé, uma só lei religiosa movida pela ação conjunta de venerar a Deus.

Paulo tinha consciência de ser apenas um instrumento: “Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da palavra ou da sabedoria para vos anunciar os mistérios de Deus”.²⁵⁷ Deus é tudo; Ele tem primazia sobre o empreendimento; Ele concede a graça, a fé e promove o crescimento; Ele tem Seu plano e o leva adiante. O evangelizador recebe uma graça e tem que ser fiel a ela: “Mas pela graça de Deus sou o que sou: e Sua graça a mim dispensada não foi estéril. Ao

²⁵⁵ BÍBLIA de Jerusalém. op. cit., Mc 16:16, nota 70.

²⁵⁶ Ibid. 1Tes 5:9-10.

²⁵⁷ Ibid. 1Cor 2:1.

contrário, trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo”.²⁵⁸

Há em Llull o mesmo relato de trabalho pela graça obtida de Deus.²⁵⁹ Considerava-se um depositário de uma mensagem de salvação, como podemos perceber nessa confissão do que a loucura de sua fé fez com sua vida:

Deus, com Vossa virtude começa este *Desconsolo*,
o qual faço em canto, para que me console
e com ele narre a falta e o dano
que o homem faz contra Vós, que nos julgastes na morte.
E quanto mais me consolo, menos o coração está forte,
pois de ira e dor meu coração é porto,
por isso, o consolo retorna como um grave desconsolo.
Por isso, estou em trabalho e distração,
e não há nenhum amigo que alguma alegria me traga,
mas tão somente Vós, para que eu O torne um porto,
na queda e na ascensão. E estou assim em tal sorte
que nada vejo ou escuto que me traga conforto.²⁶⁰

Assim como Paulo, Ramon teve como característica de seu método apologético o conhecimento do *outro*. Ele aprendeu árabe, conhecia o *Corão*. Em alguns casos, optou pela não-agressão àquele que com ele disputava. Partiu de dogmas religiosos comuns para iniciar a discussão, não da ofensa ao outro.²⁶¹ Semelhante a Paulo, o ponto de partida na evangelização não era o que o missionário trazia, mas os valores que as pessoas manifestavam.

²⁵⁸ BÍBLIA de Jerusalém. op. cit., 1Cor 15:10, nota 70.

²⁵⁹ Basta recordarmos da crise moral sofrida em 1293, em Gênova, após desistir da viagem à terra dos infiéis por medo da morte. Ao ter que escolher entre a própria salvação e a salvação da *Arte*, Ramon abdica de sua salvação para resguardar o que recebeu de Deus. Cf. BADIÀ; BONNER. op. cit. p. 31-32.

²⁶⁰ Déus, ab vostra vertut començ est desconhort,/lo qual fas en xantant, per ço que me'n conhort./e que ab ell recontre lo falliment e el tort/que hom fa envers vós, qui ens jutjats em la mort./E on mais mi conhort, e menys hai lo cor fort./car d'ira e dolor fa mon coratge port;/per què el conhort me torna en molt gran desconhort./Per açò estaig en treball e en deport,/e no hai null amic qui negun gauig m'aport,/mas tan solament vós; per què eu lo faix en port/en caent e llevant, e són çai en tal sort/que res no veig ni auig d'on me venga confort. RAMON LLULL. op. cit., nota 5; COSTA; LÊMOS. op. cit. Estrofe III, nota 4.

²⁶¹ Isso não é uma regra. Basta conferir o que o filósofo catalão fala sobre Maomé na obra *Doutrina para Crianças*. Cf. RAMON LLULL. op. cit. LXXI, nota 191.

Paulo defendia uma pastoral da cordialidade, como se vê no trecho a seguir que relata sua atitude e trabalhos durante a estada em Tessalônica:

Tampouco procuramos o elogio dos homens, quer vosso quer de outrem, ainda que nós, na qualidade de apóstolo de Cristo, pudéssemos fazer valer nossa autoridade. Pelo contrário, apresentamo-nos no meio de vós cheios de bondade, como uma mãe que acaricia os filhinhos. Tanto bem vos queríamos que desejávamos dar-vos não somente o Evangelho, mas até a própria vida, de tanto amor que vos tínhamos. Ainda vos lembrais, meus irmãos, dos nossos trabalhos e fadigas. Trabalhamos de noite e de dia, para não sermos pesados a nenhum de vós. Foi assim que pregamos o Evangelho de Deus. Vós sois testemunhas e Deus também o é, de quão puro, justo e irrepreensível tem sido o nosso modo de proceder a cada um de vós como um pai aos filhos; nós vos exortávamos, vos encorajávamos e vos conjurávamos a viver de maneira digna de Deus, que vos chama ao Seu reino e à Sua glória.²⁶²

Os trabalhos de Ramon pela fé são descritos na estrofe XIV do poema *Desconsolo*:

– Eremita, vede vós se estou ocioso
em tratar o bem público, de justos e pecadores,
pois deixei mulher, filhos e possessões,
por trinta anos estive em trabalho e langor.
E cinco vezes na corte, com minhas despesas,
estive. E mais: com os Pregadores
em três capítulos gerais, e ainda com os Menores
em outros três capítulos gerais. E se vós,
soubésseis o que falei a reis e a senhores
e como trabalhei, não estaríeis duvidoso
de mim, que fui preguiçoso neste feito,
e sim teríeis piedade, se fôsseis um homem piedoso.²⁶³

O *personagem Ramon* tem muitos pontos em comum com a vida e o pensamento do apóstolo Paulo. Sabemos que Llull leu a Bíblia nos anos de preparação que antecederam o início de sua atividade missionária.

²⁶² BÍBLIA de Jerusalém. op. cit. 1Tel 2:6-12, nota 70.

²⁶³ N'ermita, vos vejats si eu son ócios/en tractar public be de justs e pecados,/car muyller n'ay lexada, fils e possessios/e .xxx. ans n'ay estat en trebayl e langos,/e .v. vets a la cort ab mies messions/n'ay estat, e encara a los Preicadors/a .iiij. capitols generals, e a los Menors/altres tres generale capitols; e, si vos/sabiets que n'ay dit a reys e a seynors,/ni con ay trebayllat, no seriets duptos/en mi que sia estat en est fayt pereos./ans n'auriets pietat, si sots hom piados – RAMON LLULL. op. cit., nota 5; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4. Estrofe XIV. Tal passagem também assinala a relação de Llull com as ordens mendicantes, tanto franciscanos quanto dominicanos, já que ele afirma ter participado de alguns capítulos gerais de ambas as ordens.

Os apóstolos têm como missão essencial dar testemunho da vida de Jesus por todo o universo. São inspirados pelo Espírito Santo, um poder precedente de Deus e enviado por Jesus Cristo, que lhes outorga os carismas que autenticam a pregação; dá-lhes o dom da profecia, de anunciar Jesus Cristo, apesar das perseguições – como ocorreu a Pedro e João no Sinédrio²⁶⁴ – e de dar testemunho Dele.

Llull poderia ter se inspirado na vida do apóstolo ao criar sua autobiografia? Seria essa a origem da sua apresentação como um escravo do ideal religioso, que extrai a sua razão de viver do amor de Deus? Difícil precisar. Ramon, coerente com seu método apologético, não utilizou as *autoridades* ao redigir seus textos, quase não citou a Bíblia, mesmo que hajam vestígios em seus textos.

Porém, muitas são as semelhanças que demonstram que Ramon Llull tinha em mente a vida do perseguidor de cristãos convertido em apóstolo ao imaginar como poderia construir sua auto-imagem para divulgar a sua *Arte*.

O apóstolo também detinha a autoridade para admoestar a Cristandade. Poderia chamar as autoridades para trabalhar em nome da fé, para que a palavra de Deus fosse conhecida e divulgada. A exortação dos crentes para a ação era também uma de suas incumbências.

No Concílio, não sejas duvidosos,
 avaros, tristes ou preguiçosos,
 sejas tão fortes e completos de amor,
 de suspiros, lágrimas e prantos
 pelo bom amor,
 que Deus vos fará acabar
 o Seu honrar.²⁶⁵

²⁶⁴ BÍBLIA de Jerusalém. op. cit. At. 4: 1-31, nota 70.

²⁶⁵ RAMON LLULL. op. cit, nota 13; COSTA;NUNES. op. cit., versos 22-28, nota 4.

Ramon se valeu desse direito ao escrever *O Concílio*. Convocou a todos para que fosse realizada a *Passagem*, os *infiéis* fossem convertidos e assim, alcançar-se-ia o principal objetivo do homem: honrar a Deus.

3.7 O EXEMPLO QUE CONVERTE: O IDEAL DO BOM CRISÃO

Ramon acreditava que o exemplo de um cristão consciente converteria mais infiéis que a organização de novas cruzadas e buscou construir uma ética pessoal moldada pela fé cristã.

As ações dos cristãos seriam delimitadas pelo conflito entre virtudes e vícios, sendo as virtudes os instrumentos utilizados para combater os males do mundo, isto é, os vícios, e o caminho para se chegar à glória celestial. Diversas obras lulianas citam as virtudes e os vícios, esta era uma forma recorrente de dar exemplos na Idade Média.²⁶⁶

As virtudes são sete, divididas entre teologais (fé, esperança e caridade) e cardeais (prudência, temperança, justiça e fortaleza), e contrapõem-se aos vícios, representados pelos sete pecados capitais (gluttonia, luxúria, avareza, soberba, acídia, inveja e ira). Tais virtudes eram normas que deveriam ser seguidas pelos homens, permitindo-lhes alcançar a salvação divina.

Além de aplicá-las aos crentes, Lull as usou como auxílio para a boa execução do seu Concílio, que tinha como maior objetivo a reconquista do Santo Sepulcro.

²⁶⁶ CARRERAS Y ARTAU, Tomás. L'esperit cavalleresc en la producció lul.liana. In: *La Nostra Terra*. Mallorca, 1934. p. 327.

De todas as virtudes, a principal é a **fé**, definida como “[...] crer verdadeiras as coisas invisíveis convenientes à fé cristã, [...] sem que a razão demonstre as coisas em que o homem crê”.²⁶⁷ Ela é a origem de todas as outras virtudes e fortalece-as contra os vícios que buscam corromper o homem. Não pode ser mensurada. Com ela o homem pode ver Deus sem precisar de intermediários.²⁶⁸ Ramon lamentou a sua ausência no Concílio. Afirmou que ela necessitava de amigos, isto é, questionou a fé dos seus participantes:

Se a fé não tem grandes amigos,
ao Concílio, o que fará?
O Concílio clamará
a Deus, porque a fé de nada valerá.
Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
*pois o pecado aumenta!*²⁶⁹

A **esperança** é acreditar na justiça divina. Só pode ser alcançada através das boas obras. É um meio de ajudar o homem a vencer seus conflitos e serve de auxílio na hora das necessidades, pois “é melhor estar temeroso e ter esperança que estar seguro sem esperança”.²⁷⁰ A esperança era a arma contra os opositores do Concílio, contra aqueles que não desejavam trabalhar pela reconquista da Terra Santa:

Quem o Concílio desejar honrar,
a esperança pretenderá guiar,
porque com ela poderá acabar
e o falso homem não lhe oporá.
Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
*pois o pecado aumenta!*²⁷¹

²⁶⁷ RAMON LLULL. op. cit. LII,1, nota 191.

²⁶⁸ Ibid. LII, 6.

²⁶⁹ Si la fe grans amics no há/a lo concili, què farà/Lo concili es clamarà/a Déu car la fe no hi valrà./*Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car pecat puja!* RAMON LLULL. op. cit., versos 740-746, nota 13; COSTA; LEMOS. op.cit., nota 4.

²⁷⁰ RAMON LLULL. *Libre D'intenció*. Obres de Ramon Llull (ed. Moss. Salvador Galmés) (Obres Ramon Llull), (tradução Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III). Palma de Mallorca: 1935, volume XVIII, p. 03-66. V.2,1.

²⁷¹ Qui el concili volrà honrar/esperança vulla menar,/car ab ella es porà acabar;/fals hom no hi porà contrastar./*Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car pecat puja!* RAMON LLULL. op. cit. versos 745-753., nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

A **caridade** está ligada ao amor e às outras virtudes.²⁷² Significa amar a Deus e ao próximo. Enriquece o homem com a coragem e aproxima-o de Deus. Ela também ajusta uma virtude à outra e separa um vício do outro.²⁷³ Seria a responsável por motivar os membros da Igreja a realizarem verdadeiramente o objetivo do Concílio:

Caridade, vinde ajudar
o Concílio, para o bem fazer,
o papa enamorar
e os cardeais aconselhar.
*Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
pois o pecado aumenta!*²⁷⁴

A **prudência** faz com que os homens tenham conhecimento do bem e do mal, podendo amar o bem e tornar-se inimigo do mal. Com seu uso, o homem se esquivava dos danos corporais e espirituais.²⁷⁵

Prudência, sejais conselheira
que aconselha o feito verdadeiro,
ao Concílio é necessária,
sem ela, de nada valerá dinheiro.
*Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
pois o pecado aumenta!*²⁷⁶

Nota-se aqui uma crítica de Ramon ao seu contexto. Muitos reis utilizavam a cruzada como um pretexto para conseguir dinheiro, já que ao se proporem a rumar para a Terra Santa, eram autorizados pelo papa a impor um dízimo para esse fim.²⁷⁷ Não é estranho

²⁷² RAMON LLULL. op. cit. LIV, 4, nota 191.

²⁷³ RAMON LLULL. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad., apres., e notas de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000. VI, 5.

²⁷⁴ Caritat, venits Aidar/al concili per lo bé far/e el Papa enamorar/e cardenals aconsellar./*Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car pecat puja!* RAMON LLULL.op. cit., versos 719-725, nota 13; COSTA; LEMOS. op.cit., nota 4.

²⁷⁵ RAMON LLULL. op. cit. VI, 8, nota 273.

²⁷⁶ Prudència sia conseller,/que consella fait verdader;/a lo concili és mester,/sens ella no valrà diner./*Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car pecat puja!* RAMON LLULL.op. cit., versos 754-760, nota 13; COSTA; LEMOS. op.cit., nota 4.

²⁷⁷ A atual Inglaterra é um exemplo dessa prática. Entre 1301 e 1327 a autorização papal para arrecadar o dízimo para a Cruzada proporcionou ao tesouro inglês 92% de sua renda. REBOIRAS. op. cit. p. 12, nota 77.

que Llull critique essa prática, que prescindia da efetividade da *Passagem*, beneficiava os reis, prejudicava os prelados e abria caminho para a arrecadação de novos impostos.

A **fortaleza** é “o fortalecimento da alma, pelo qual é vivificada a força corporal”.²⁷⁸ É o principal meio para combater os sete pecados capitais. Ela seria responsável por manter o propósito do Concílio entre os seus membros, desviando-os de possíveis corrupções:

Fortaleza, dai grande conforto,
do Concílio sejais porto,
se não fordes, sereis meu desconsolo
porque o bem perderá sua sorte.
Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
*pois o pecado aumenta!*²⁷⁹

A **justiça** é “restituir a cada um o que é seu de direito”.²⁸⁰ Para Llull, a maior justiça é a divina, e a justiça terrena, exercida pelo príncipe, deveria ser seu reflexo.

Quando o Concílio estiver reunido,
verdadeiro Deus, dai justiça
para aconselhar os prelados,
porque ali ninguém será fraudado.
Ao Concílio, verdadeiro Deus, ajudai.
Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
*pois o pecado aumenta!*²⁸¹

Novamente Ramon busca armas para combater uma possível fraude no Concílio. O desinteresse pela cruzada já era notado por Llull e seus contemporâneos. A partir do fim do século XII, os escritos já se referem à apatia do Ocidente, lamentam-se sobre a falta

²⁷⁸ RAMON LLULL. op. cit. LVII, 1, nota 191.

²⁷⁹ Fortitudo de gran confort/de lo concili sia port./si no ho és, ja me'n desconhort./car lo bé hi perdrà son sort./*Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car pecat puja!* RAMON LLULL. op. cit., versos 726-732, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

²⁸⁰ RAMON LLULL. op. cit. V.5, 2, nota 270.

²⁸¹ Quan el concili er justats,/ver Déus, justícia donats/per conseller a los prelats,/car no hi serà null barats./Al concili, ver Déus, aidats./*Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car pecat puja!* RAMON LLULL. op. cit., versos 711-718, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4. Essa é a única estrofe do poema que é formada por oito versos.

de gana do clero frente à Cruzada e sobre a indiferença de príncipes e cavaleiros. Ramon ainda insistia na necessidade da reconquista de Jerusalém.

A **temperança** é o meio termo entre a privação e o excesso, ou seja, “[...] é refrear a vontade estando entre duas extremidades contrárias em quantidade”.²⁸² Serve como reguladora das ações do homem, já que “[...] o homem pode ter temperança em comer, em falar, em vestir, em andar, em cogitar, em querer, em entender e nas outras coisas semelhantes a essas. E como cada uma das coisas ditas acima pode ser usada em pequena ou grande quantidade, é dada a temperança ao homem”.²⁸³

Se o Concílio tem sua força,
grande temperança será o seu tesouro
e tudo será vestido de ouro,
de virtudes e de bom coração.
*Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
pois o pecado aumenta!*²⁸⁴

Ramon reiterou seu pedido para que as virtudes fossem as diretrizes do Concílio, regessem o coração dos seus participantes e a Terra Santa fosse reconquistada.

Essas virtudes seriam forças, potências, capacidades para produzir o efeito desejado.²⁸⁵

Constituíam um sistema ético cujo uso ou não determinaria o prêmio a ser recebido de Deus: a glória celestial para os bons e as penas do inferno para os maus.²⁸⁶ Sua

²⁸² RAMON LLULL. op. cit. LVII, 1, nota 191.

²⁸³ RAMON LLULL. op. cit. V.7, 2, nota 270.

²⁸⁴ Si lo concili ha son for./temprança gran serà el tresor/car tot serà vestiti d'or/e de virtuts e de bon cor./ *Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car pecat puja!* RAMON LLULL. op. cit., versos 733-739., nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

²⁸⁵ TRÍAS MERCANT, S. La ética luliana de las virtudes en el Félix de las Maravelles (II). In: *Estudios Lulianos. Revista cuatrimestral de Investigación Luliana y Medievalística*. Palma de Mallorca: Maioricencsis Schola Lullística, Año XIV, Vol. XIV, Fasc. 2-3, 1970. p. 136.

²⁸⁶ TRÍAS MERCANT, S. La ética luliana de las virtudes en el Félix de las Maravelles (I). In: *Estudios Lulianos. Revista cuatrimestral de Investigación Luliana y Medievalística*. Palma de Mallorca: Maioricencsis Schola Lullística, Año XIII, Vol. XIII, Fasc. 2-3, 1969. p. 113-114.

atividade era feita mediante a oposição aos vícios, representados pelos sete pecados capitais.

Quando o homem se propunha a seguir o caminho da retidão, seria tentado por elas. E no Concílio, reunido para realizar ações que exaltassem o nome de Deus, elas também tentariam atrapalhar os participantes, desviando-os de seus objetivos.

O primeiro é a **gluttonia**, “[...] desejo destemperado de comer e beber”.²⁸⁷ Ela engendra debilidade ao corpo, atrai pobreza e gera preguiça e fraqueza. É combatida pela temperança, pela abstinência e pela prudência.²⁸⁸

Gluttonia é um machado
de golpe mortal.
Se no Concílio tem casa,
ele de nada vale.
*Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
pois o pecado aumenta!*²⁸⁹

A **luxúria** é o pior dos pecados, pois atenta contra a ordem do matrimônio e contra Deus. Através dela, “[...] a vontade é tentada contra a prudência, a caridade e a virgindade”.²⁹⁰ A maior arma contra esse vício é a fortaleza, pois “a fortaleza combate a luxúria com nobreza de coração”.²⁹¹

Luxúria é pecado
por todo o mundo disseminado;
que do Concílio seja expulsa
e de todo o homem dela enamorado.
*Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,*

²⁸⁷ RAMON LLULL. op. cit. LX, 1, nota 191.

²⁸⁸ Ibid. LX, 6.

²⁸⁹ Gluttonia és destral/ab colp mortal,/si al concili ha hostal/lo concili en res no val./*Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car peccat puja!* RAMON LLULL. op. cit., versos 768-774, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

²⁹⁰ RAMON LLULL. op. cit. V. 9, 1, nota 270.

²⁹¹ RAMON LLULL. op. cit. VI, 11, nota 273.

*pois o pecado aumenta!*²⁹²

Ramon acreditava que esse vício estava espalhado por todo o mundo, impedindo que os homens trabalhassem para Deus. Incluí esse vício entre os clérigos participantes do Concílio, reforçando as críticas já tão comuns naquele período sobre a vida dissoluta dos religiosos.

Já a **avareza** é “[...] juntar coisas que são supérfluas ao homem e necessárias aos pobres”.²⁹³ É um vício que atenta contra a largueza, a esperança, a caridade, a justiça e a fortaleza.²⁹⁴

Avareza é caminho
para que o homem vá ao mau fim.
Se ela está no Concílio,
ele não valerá nada.
Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
*pois o pecado aumenta!*²⁹⁵

Ramon reforçou sua preocupação com o destino do dinheiro arrecadado para a realização de mais uma expedição para a retomada do Santo Sepulcro. Suas críticas à prática de arrecadação utilizada na época são constantes, daí a sua preocupação com o comportamento dos envolvidos no Concílio.

A **soberba** é uma obra da vontade contra a humildade. Com ela os demônios desejam ser semelhantes a Deus.²⁹⁶ É responsável por expulsar do homem a caridade, a piedade e

²⁹² Luxúria és pecat/per tot lo món escampat;/del concili sia gitat/e tot hom d’ella enamorad./*Senyor Déus, pluja./per què el mal fuja./car pecat puja!* RAMON LLULL. op. cit., versos 775-781, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

²⁹³ RAMON LLULL. op. cit. LXIII, 1, nota 191.

²⁹⁴ RAMON LLULL. op. cit. V.10, 1, nota 270.

²⁹⁵ Avarícia és camí/per qui hom va a mala fi./si és ella al concili/ell no valrá un peitavi/*Senyor Déus, pluja./per què el mal fuja./car pecat puja!* RAMON LLULL. op. cit., versos 761-767, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

²⁹⁶ RAMON LLULL. op. cit. LXIV, 4, nota 191.

as outras virtudes. É o vício da desigualdade e a geradora da solidão, pois “o homem soberbo não deseja ter iguais, e por isso prefere estar só”.²⁹⁷

Se ao Concílio vai o orgulho
com alguém e nele é acolhido,
tudo aí será de mau estorvo:
não deve ir Ramon Llull!
Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
*pois o pecado aumenta!*²⁹⁸

Essa é a única vez que Ramon se colocou nominalmente no texto do *Concílio*. Acreditamos que Llull receava que suas solicitações não fossem novamente acolhidas pelo papa e queria se poupar de mais uma negativa, caso o orgulho dominasse a assembléia, por isso se aconselha a não ir.

A **acídia** é “a tristeza da alma, agravada pelo bem de seu próximo”.²⁹⁹ É contrária à caridade, à justiça, à fortaleza e à prudência.³⁰⁰ Torna o homem amante do mal e inimigo do bem. Demonstra os sinais da danação melhor que os outros vícios. O seu contrário representa melhor os sinais da salvação.³⁰¹

Acídia é negligenciar
fazer o bem e perturbar.
Se no Concílio ela pode entrar,
nenhum homem bom deve ir.
Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
*pois o pecado aumenta!*³⁰²

²⁹⁷ RAMON LLULL. op. cit. VI, 14, nota 273.

²⁹⁸ Si al concili va ergull/ab null hom, ne en ell l'acull/tot hi serà de mal escull:/no hi cal anar Ramon Llull!/Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car pecat puja! RAMON LLULL. op. cit., versos 782-788, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

²⁹⁹ RAMON LLULL. op. cit. LXII, 1, nota 191.

³⁰⁰ RAMON LLULL. op. cit. V.2, 1, nota 270.

³⁰¹ RAMON LLULL. op. cit. VI, 13, nota 273.

³⁰² Accídia e neclijar/de far bé e destrobar/si al concili pot entrar/no hi cal null hom bo anar./Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car pecat puja! RAMON LLULL. op. cit., versos 789-795, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

Aqueles que tinham preguiça de fazer o bem necessário para a Cristandade deveriam ser excluídos do Concílio. Trata-se de mais uma crítica à apatia dos cristãos, que mesmo após a perda de São João de Acre não se mobilizaram para retomar a Terra Santa.

A **inveja** é “desejar outros bens sem meritória possessão”.³⁰³ Para combatê-la é necessário recorrer à temperança, à justiça, à prudência e à caridade. Ramon pediu que a inveja não influenciasse os membros do Concílio e que eles desejassem apenas a exaltação da Cristandade:

Inveja é desejo
de fêmea, castelo e prata.
Se o Concílio é seu parente,
tudo será vestido de nada.
*Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
pois o pecado aumenta!*³⁰⁴

Por fim está a **ira**. Ela faz com que o homem não meça as conseqüências dos seus atos, já que “a razão demonstra que nenhum homem irado não faz nem deve fazer nada, pois se o que faz é mau, se não estivesse irado, não faria tanto mal”.³⁰⁵ Deve ser combatida com a caridade, a paciência, a abstinência, a esperança, a justiça e a fortaleza.³⁰⁶

Ira é triste paixão,
dela não vem conselho bom;
se no Concílio tem casa,
ele não será bom.
*Senhor Deus, chova,
para que o mal fuja,
pois o pecado aumenta!*³⁰⁷

³⁰³ RAMON LLULL. op. cit. LXV, 1, nota 191.

³⁰⁴ Enveja és desijament/de fembra, castell e argent;/si lo concili és son parent/tot serà vestit de nient./*Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car pecat puja!* RAMON LLULL. op. cit., versos 796-802, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

³⁰⁵ RAMON LLULL. op. cit., LXVI, 4., nota 191.

³⁰⁶ Ibid, LXVI, 4.

³⁰⁷ Ira és trista passió/d'ella no ve consell bo;/si al concili ha maisó/lo concili no serà bo./*Senyor Déus, pluja,/per què el mal fuja,/car pecat puja!* RAMON LLULL. op. cit., versos 803-809, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

Llull acreditava que o cristão só poderia realizar sua missão através da vida ativa, ou seja, difundindo a religião católica.³⁰⁸ Defendia que Deus era o princípio e o fim de todas as coisas. Alcançar a misericórdia divina seria um dos objetivos do homem, e ele deveria agir de forma que pudesse despertá-la para alcançar a salvação, que não poderia ser obtida por méritos próprios, pois se tratava de um dom divino.³⁰⁹ Para ser digno deste prêmio, ter uma vida virtuosa seria o melhor caminho.

Llull defendia que a *arma espiritual* suprema era o martírio. No poema *Canto de Ramon*, ele confessa seu desejo de “morrer em pélogo de amor”, isto é, sofrer o martírio:

Desejo morrer em um pélogo de amor
 Por ser grande não tenho pavor
 nem de mau príncipe, nem de mau pastor.
 Todos os dias considero a desonra
 que faz a Deus o grande senhor,
 ao colocar o mundo em erro.³¹⁰

Ramon propôs aos príncipes que também se oferecessem ao martírio para que pudessem honrar a Deus:

Mais vale um cavaleiro despedaçado
 para que Deus seja honrado
 que um malvado vivo e desamado
 por Deus, e que não chore seus pecados.
 Ah, cavaleiros,
 néscios verão quais são os primeiros
 e bons guerreiros!³¹¹

³⁰⁸ COSTA, Ricardo da. op. cit., p. 61, nota 216.

³⁰⁹ SANTANACH E SUÑOL. op. cit., nota 191.

³¹⁰ Vull morir en pelag d'amor./Per ésser gran no hai paor/de mal príncep ne mal pastor./Tots jorns consir la desonor/que fan a Déu li gran senyor/qui meten lo món en error. RAMON LLULL. op. cit., versos 49-54, nota; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

³¹¹ Mai val cavaller pecejats/per tal que Déus sia honrats,/que malvat viu e desamats/per Déu, e no plor sos pecats./Ah, cavallers,/cras veirem quals són primers/e bons guerrers! RAMON LLULL. op. cit., versos 267-273, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

Incluiu, ainda, os religiosos, solicitando-os que sofressem o martírio enquanto pregavam para os infiéis, já que, a seu ver, isso era agradável a Deus:

Religiosos, se desejais servir
muito a Deus, ides por Seu amor morrer,
e da santa fé verdadeira dizer
aos infiéis, para converter,
pois grande prazer
Deus tem do homem que deseja sofrer
a morte para a verdade dizer.³¹²

3.7.1. Imagem construída - Ramon Llull: O exemplo do cristão

Um recurso muito usado por Llull eram os *exemplum*, que no século XIII converteram-se na alma da pregação dirigida ao povo. Tratava-se de breves relatos, tratados como verídicos e destinados a serem inseridos em um discurso para convencer um auditório através de uma lição moralmente saudável. Llull os utilizava como auxílio para a exposição de suas doutrinas filosóficas e teológicas e para embelezar o seu discurso.

Ramon chegou, inclusive, a usar passagens de sua vida como *exemplum*:

Sou um homem velho, pobre, menosprezado,
não tenho ajuda de nenhum homem nascido,
mas comecei um grande feito.
Grande coisa do mundo tenho buscado,
ótimo exemplo tenho dado,
mas sou pouco conhecido e amado.³¹³

Era a propaganda feita por meio de sua biografia. Ramon abandonou seu anonimato e se dedicou a apresentar seu *eu empírico*. As transformações desse *eu empírico* serão uma das linhas mestras da literatura luliana de 1290 até a sua morte. Um *eu* que se

³¹² Religiós, si vols servirmolt Déu,/vai per sa amor morir,/e de la santa fe ver dir/als infeels, per convertir,/car gran plaer/ha Déu d'home que vol sostener/molt per dir ver. RAMON LLULL, op. cit., versos 372-378, nota 13. COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

³¹³ Son hom veyl, paubre, meyspreat,/no ay ajuda d'home nat/e ay trop gran fait emparat./Grans res ai de lo mon cercat,/mant bon exempli hai donat:/poc son conegut e amat. RAMON LLULL. op. cit., versos 43-48, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

apresentava como o menosprezado defensor de um ideal que só traria bem à humanidade, um homem que extraía sua razão de viver do amor de Deus.³¹⁴

Aonde vou penso grande bem fazer,
 Mas no fim, nada posso fazer,
 pelo que *tenho ira* e pesar.
Com contrição e pranto,
 desejo tanto a Deus mercê clamar
 que meus livros quero exaltar.³¹⁵

Novamente Lull ressaltou o desinteresse dos religiosos e nobres em defender a Cristandade. Ao se colocar como um exemplo, Ramon não se eximiu de sofrer as tentações dos vícios, mas também indicou o caminho que seguia para eliminá-los e alcançar o perdão divino.

Um dos maiores exemplos dessa nova tática de divulgação de suas idéias é o poema *Desconsolo*. Junto com a *Vida Coetânea* é a maior mostra da construção desse *eu empírico* realizada por Ramon. A partir desse poema, Ramon passou a utilizar a sua história como meio de divulgação das suas idéias.

No texto do *Concílio* notamos o que Ramon dizia ser a sua motivação: todo o seu trabalho era voltado para a honra de Deus, para que Ele fosse conhecido e amado por todos. Nele também foi expressa a sua preocupação com a conversão dos infiéis e demonstrou como o bom cristão impressionaria os que não seguiam a palavra de Jesus.

No Concílio, não façais lei
 por prata, castelo ou por ouro,
 temei-o como um sinal de amor,
 pois se tiverdes bom e grande coração,
 ah, o que dirão
 judeus, sarracenos e cristãos,

³¹⁴ BADIA; BONNER. op. cit. p. 106.

³¹⁵ On que vage cuit gran bé far,/e a la fi res no hi pusc far;/per què n'hai ira e pesar./Ab contrició e plorar/vull tant a Deu mercè clamar/que mos libres vulla exalçar. RAMON LLULL. op. cit., versos 61-72, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

tártaros e outros!³¹⁶

Ramon se atribuiu o direito de admoestar os “maus príncipes” e “maus pastores”, já que ele amava verdadeiramente a Deus, ao contrário daqueles que não trabalhavam pela Sua honra. Tratava-se, portanto, de uma imagem pensada e construída para ajudá-lo a alcançar seus propósitos. Mais uma tática empregada pelo catalão para convencer aqueles que ele acreditava deterem o poder para recuperar a Terra Santa e espalhar a mensagem do Cristianismo latino.

3.8 COMBATER E PREGAR

Em Ramon Llull era constante o ideal de missão. A idéia de missão pregada por ele é fundamental para entender suas relações políticas com reis e papas, seus projetos de cristianização dos cismáticos e a conversão dos infiéis. A *missão* significava pregação ou diálogo com os infiéis, cujo intuito seria convertê-los ao Cristianismo. Esse conceito tem como sinônimo a *cruzada* ou o *gládio espiritual*.³¹⁷

A missão luliana fundamentava-se na *contemplação* e na *vida virtuosa*, condições que possibilitariam a realização do diálogo do cristão com o outro, fosse ele infiel, cismático ou pagão.

A *contemplação*, a vida dedicada exclusivamente ao conhecimento do divino, para as culturas antigas, era um estado mental sumamente bom (*summum bonum*), pois olhava a

³¹⁶ En concili no façats for/per argent, castell ne per or;/temets-ho com seny si que mor,/car si havets bo e gran cor./ah, quèdiran/juseu, sarraí cristian/tartres e mant! – RAMON LLULL. op. cit., versos 15-21, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

³¹⁷ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, op. cit., p. 258, nota 91.

forma do bem: ao buscar Deus com sua mente, o místico deveria refletir sobre as virtudes e, assim, se afastar dos vícios.

Por exemplo, Aristóteles, filósofo grego, disse que a atividade da *vida contemplativa* – a vida que olha a verdade – era o que melhor existia em nós, pois era a atividade virtuosa, a única estimada por si mesma, isto é, a própria felicidade. O cristianismo nada mais fez que incorporar esse modo supremo de vida e integrá-lo em sua concepção, em seu conceito de *beatitude*.³¹⁸

Após a perda definitiva da Terra Santa, o papado e certos soberanos continuariam até o fim da Idade Média a arquitetar projetos de Cruzada. A queda de São João de Acre em 1291 não foi vista como o fim da idéia ou da realidade da Cruzada, mas como um triste episódio que fez despertar essa idéia e tudo o que ela carregava política e religiosamente consigo.³¹⁹ Entretanto, o entusiasmo desapareceu e poucos foram para o Oriente.

Em contrapartida, quando os cavaleiros abandonaram o caminho para Jerusalém, o tema da Cruzada encontrava eco inesperado e tardio entre as camadas populares, como em 1250 e 1320, quando populares percorreram parte do atual território da França para protestar contra a inatividade do clero e convidar os leigos para irem para Jerusalém. Tal ressurgimento comprova o fascínio que a perspectiva do combate por Deus ainda gerava, mesmo que não atingisse mais os nobres.³²⁰

³¹⁸ COSTA, Ricardo da. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: a *infinidade* e a *eternidade* divinas no *Livro da contemplação* (c. 1274). In: *Scintilla: Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), vol. 3, n. 1, janeiro/junho 2006, p. 107-133. p. 122.

³¹⁹ DOMINGUES REBOIRAS. op. cit., p. 6, nota 77.

³²⁰ VAUCHEZ. op. cit. p. 141, nota 87.

Entre 1274 e 1320 houve um florescimento das publicações sobre a cruzada e os problemas relativos à Terra Santa. Os escritos começaram com o Concílio II de Lyon (1274)³²¹ e terminaram uns anos após o Concílio de Vienne (1311).

Nos primeiros escritos, feitos quando ainda existiam redutos cristãos no Oriente com graves problemas de administração cívico-militares (Trípoli e São João de Acre), os problemas não se referiam tanto à organização de uma empresa militar para reconquistar Jerusalém, mas sobre medidas para proteger os locais ameaçados pelo sultanato mameluco do Egito. As propostas giravam em torno do envio de cavaleiros, sob soldo real, que protegessem permanentemente os locais, além de críticas à ausência de perspectivas missionais nas ações militares.³²²

Após 1291, o problema mudou: não havia mais redutos cristãos. A Terra Santa teria que ser reconquistada a partir do zero, como nos tempos da Primeira Cruzada.

Ramon inicialmente desconfiava da eficácia espiritual das Cruzadas, e modificou sua postura em relação às expedições com o passar do tempo. Da conversão do mundo apenas pela pregação, passou a esboçar projetos de Cruzadas considerando os interesses políticos da época, tanto eclesiásticos quanto das casas reais da França e de Aragão.³²³ Lull abordou o tema por saber que estava em voga em seu contexto.

Distinguem-se três etapas na argumentação luliana. A primeira vai até aproximadamente 1285, quando ainda é *pacifista*, cujo único ideal é a missão. Num segundo momento, passou a unir cruzada e missão, isto é, buscou alcançar a conversão dos infiéis mediante o uso de armas espirituais e armas materiais. Finalmente, a partir

³²¹ Convocado pelo papa Gregório X, empreendeu uma tentativa de união da Igreja Ocidental com a Oriental.

³²² DOMINGUES REBOIRAS. op. cit., p. 15, nota 77.

³²³ HILLGARTH. op. cit. p. 49, nota 10.

de 1292, motivado pela queda de São João de Acre, último reduto cristão, houve um predomínio da idéia de cruzada sobre a de missão, quando o maiorquino fez petições, livros e tratados esboçando ambiciosos projetos de cruzada com descrições de planos de operações sob o comando de uma cabeça que unisse as ordens unificadas.³²⁴

Era a defesa do *bellator rex*, um rei cuja função seria unificar os esforços da Cristandade em prol da Cruzada e terminar com a escandalosa divisão do dízimo, reclamando para si todo o dinheiro que se arrecadava em prol da cruzada e que era utilizado com outros fins. Llull reforçou seu pedido de união das ordens militares sob um único comandante no poema *Desconsolo*:

[...] E que do Templo e do Hospital fosse feita uma união,
e que seu maior fosse rei do Santo Monumento;
pois, para honrar a Deus, não existe mais elevado tratamento.³²⁵

E reforçou o pedido no Concílio:

Senhores cardeais, ordenais
que cavaleiros sejam escolhidos,
religiosos, e *lhes sejam dados*
do Templo e os poderes
de outras casas,
de outras religiões
bons cavaleiros.

Tal cavaleiro deve estar
por todos os tempos em Ultramar.
O dízimo lhe façais dar
para o Sepulcro recuperar.
O grande poder
que terá, quem o poderá saber?
Desejais fazê-lo!³²⁶

³²⁴ COLOMER I POUS. op. cit., p. 152, nota 231.

³²⁵ [...] e del Temple e Espital fos fait um uniment./e que llur major fos rei del Sant Muniment;/per què a honrar Déus no sai tal tractament. RAMON LLULL. op. cit., Estrofe LVI, nota 5. ; COSTA ; LEMOS. op. cit., nota 4.

³²⁶ Senyores cardenals, ordenats/que cavaller sia triats,/religiosos, e si los dats/ço del Temple e les potestats/d'altres maisós/de les altres religiós/cavallers bos.

Ao longo do século XIII, o termo *Passagem* e as ações direcionadas contra os sarracenos no Oriente deixaram de ser sinônimos. O termo passou a definir toda ação militar que cobrisse os interesses do papa, prescindindo de um condicionamento geográfico ou religioso.

Llull tinha consciência dessa mudança e defendeu o nexo inicial entre as cruzadas e os muçulmanos, mas dirigiu os esforços para a conversão destes, aliando pregação e uso da força. Para ele, o uso da força só era aceitável contra os adeptos do Islamismo.

Entretanto, a Cruzada lulliana era diferenciada. A guerra, financiada com recursos destinados somente para esse fim, era somente um meio para recuperar essa terra que ele acreditava ser cristã por direito ou servia para abrir novos caminhos que permaneceriam inacessíveis de outro modo. Ramon não prescinde das armas espirituais em nenhum momento. A ação militar apenas fazia possível o ensinamento da verdade cristã ao garantir uma audiência cativa para os missionários.³²⁷

Quando me pus a considerar do mundo o seu estado,
quão poucos são os cristãos e como muitos Lhe descrêem,
então, em meu coração tive tal concepção
que fosse a prelados e a reis, igualmente,
e a religiosos, com tal ordenamento,
para que ocorresse a Passagem, e com tal pregação
que *com ferro e fogo, e verdadeira argumentação,*
se desse à nossa fé tão grande exaltação
que os infiéis viessem à conversão [...].³²⁸

Tal cavaller vaja estar/per tot temps mai en Ultramar,/la dècima li faits donar/per lo Sepulcre a cobrar;/lo gran poder/qui haurà qui lo pot saber?/Vullats-ho fer! RAMON LLULL. op. cit., versos 162-175, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4. Os grifos são nossos.

³²⁷ COLOMER I POUS. op. cit., p. 177, nota 231.

³²⁸ Can pris a consirar del mon son estament,/com paucs son cristians e molt li desereent,/adoncs en mon/coratge ac tal concebiment:/que anas a prelats e a reys, exament,/e a religioses, per tal ordenament,/que se-n seguis passatge e tal preicament,/que ab ferre e fust e ab ver argument/se donas de nostra fe tan gran exalsament,/que-ls infeels venguessen a convertiment. RAMON LLULL. op. cit., Estrofe III, nota 5. ; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4. Os grifos são nossos.

Mesmo ao defender a Cruzada, Ramon ainda acreditava que o caminho para propagar a fé era o dos apóstolos, de Cristo e dos mártires. Aproximava-se das críticas feitas pelos espirituais franciscanos que, além de considerarem o uso da força contrário aos ensinamentos do Evangelho, denunciavam os interesses materiais que moviam a Passagem, exigindo a propagação do Cristianismo latino.³²⁹ Na relação entre missão e cruzada, a primazia ainda seria da primeira.

O que não significou ausência de coação. Mesmo abdicando do extermínio físico do *infidel*, Ramon ainda aceitava a violência. Afinal, propôs que fosse assegurada uma audiência cativa para os missionários. A partir de então, os muçulmanos teriam suas vidas poupadas, mas perderiam a sua liberdade.

Com a idade, a atitude de Llull se tornou mais rígida. Os desenganos pelo fracasso dos seus esforços em prol da unidade o tornaram mais sensível ao uso da força. O *Desconsolo* demonstrou a desolação de Ramon diante do que ele entendia como indiferença do papa Bonifácio VIII em relação à conversão dos infieis e a recuperação da Terra Santa. É um documento sobre a crise do ideal de cruzada no final do século XIII.³³⁰

Ramon só se referiu aos planos de cruzada quando se dirigiu diretamente ao papa. Aliás, seus tratados sobre esse tema apareceram, quase sempre, após a eleição de um novo papa. O papado era o promotor e defensor dessa idéia. Llull adotou o discurso favorável à cruzada porque somente ele era válido na corte papal para abordar as relações entre cristãos e muçulmanos. A missão pacífica não era admissível nesse ambiente. Ramon

³²⁹ DOMÍNGUEZ REBOIRAS. *op. cit.*, p. 10-11, nota 77.

³³⁰ *Ibid.* p. 19.

adaptou o seu discurso para esse interlocutor, mesmo sem abdicar do seu ideal de missão.³³¹

Até o pontificado de Nicolau IV, Llull não via a necessidade de apresentar um texto diretamente ao papa – suas obras anteriores usavam o rei de Aragão como intermediário. Sua atividade se reduzia a despertar o interesse dos reis e das ordens mendicantes, a cujos capítulos gerais assistia com frequência.

Talvez a inspiração para escrever diretamente para o papa tenha derivado das características desse pontífice. Ramon confiava que seria escutado, pois o papa conhecia bem a situação do Oriente cristão (residia em Acre quando foi eleito) e era franciscano, ordem com a qual Llull tinha muita aproximação intelectual.

Contudo, o maiorquino só obteve algum êxito sob o papado de Clemente V, mais precisamente no Concílio de Vienne.

3.9 RAMON LLULL E O CONCÍLIO DE VIENNE

Convocado pelo papa Clemente V para participar do Concílio do Vienne (1311), Llull pôs-se a caminho daquela cidade.

Nesse Concílio, Ramon fez os seguintes pedidos:

- 1) A instituição de três colégios de línguas, em Roma, Paris e Toledo (o que é uma redução do seu projeto de fundar escolas não só no interior dos reinos cristãos, mas, também, nas fronteiras com os infiéis;
- 2) A fusão das ordens militares para melhor realizar a conquista da Terra Santa;
- 3) A instituição de um dízimo da Igreja para prover os gastos da conquista;

³³¹ Ibid., p. 10.

- 4) A supressão dos luxos supérfluos, destinando a quantia obtida à realização da Passagem;
- 5) A uniformidade e simplicidade na indumentária dos clérigos;
- 6) A instauração de medidas contra os usurários;
- 7) A proibição da filosofia dos averroístas;
- 8) A pregação, nos sábados aos judeus e nas sextas aos muçulmanos súditos dos príncipes cristãos;
- 9) A ordenação da ciência do direito e da medicina de acordo com os princípios de sua *Arte*³³²

No poema *Desconsolo*, Ramon reiterou o pedido para que se estabelecesse um dízimo destinado à retomada de Jerusalém:

[...] E mais: que à Passagem fosse dado o dízimo de tudo o que possuíssem o clérigo e o prelado, e que isso durasse até que fosse conquistado o Sepulcro. Sobre isso, um livro foi ordenado.³³³

O último pedido, Llull expressou nos versos do poema que compôs antes realização do concílio:

Senhor Dom Papa, fazei predicar
a santa fé e claramente mostrá-la,
para que sejam batizados
todos o infieis, e sejam salvos.
E eu sei razões
contra as quais não valem seus sermões,
dai-lhes perdões.³³⁴

Ramon demonstrou nesse trecho de seu texto a sua crença no valor de sua *Arte* como único método válido para alcançar a conversão dos infieis. E reafirmou esse fato em outro poema:

³³² CARRERAS Y ARTAU, op. cit., p. 253, nota 64.

³³³ [...] e que al passatge fos lo deè donat/de tot quant posseeixen li clergue e el prelat;/e que açò tant duràs tro que fos conquistat/lo Sepulcre. E d'açò llibre n'hai ordenat. RAMON LLULL. op. cit., Estrofe LV, nota 5. ; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

³³⁴ Sènyer En Papa, faits preicar/la santa fe e mostrar clar/perquè véngon a batejar/tuit l'infesal e per salvar;/e eu sai raisons/contra què no val llurs sermons;/dats-hi perdons. RAMON LLULL. op. cit., versos 106-112, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

*Novo saber encontrei,
por ele se pode conhecer a verdade
e destruir a falsidade.
Sarracenos serão batizados,
tártaros, judeus e todos os errados,
pelo saber que por Deus me foi dado.*³³⁵

Seu êxito foi parcial. Foi decidida a fundação de cinco colégios (em Roma, Paris, Salamanca, Bolonha e Oxford) com o objetivo de ensinar hebraico, árabe e aramaico. Além disso, ficou decidida a realização de uma nova expedição militar à Terra Santa, confiada a Felipe, o *Belo*, concedendo-lhe o dízimo para seis anos. Além disso, criaram-se medidas para tentar evitar o fausto e a ostentação dos eclesiásticos, e foi determinado o seu vestuário.

Contudo, as decisões contra o averroísmo só ocorreram nos termos pedidos por Llull no Concílio Lataranense V, de 1512.

³³⁵ Novell saber hai atrobat;/pot n'hom conèixer veritat./e destruir la falsetat./Sarraïns seran batejat./tartres, jueus e mant errat./per lo saber que Déus m'ha dat. RAMON LLULL. op. cit., versos 31-36, nota 13; COSTA; LEMOS. op. cit., nota 4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção neste trabalho foi analisar as proposta de conversão dos infieis desenvolvidas pelo escritor catalão Ramon Llull principalmente em duas de suas obras versificadas – *Desconsolo* e *O Concílio*.

Apesar da superioridade numérica de sua obra em prosa, Ramon teve seu primeiro contato com o mundo das letras por intermédio da poesia. Mesmo abandonando a poesia profana após as visões, ele não deixou de empregar sua técnica. Convertido em trovador de Deus, serviu-se para os seus propósitos dos gêneros, formas métricas e procedimentos estilísticos que foram criados pela primeira escola poética conhecida em língua vulgar, os trovadores occitanos, para a comunicação de pensamentos e sentimentos profanos.

Isso pode ser notado nos versos alexandrinos de origem francesa empregados no *Desconsolo*, e na obra *O Concílio*, inspirada nas *sirventès de croada*, um gênero político trovadoresco de temática denunciadora diversa (moral, política, bélica, satírica), escrito em estilo muito vivo e animado, até mesmo agressivo e violento, que era cantado com a melodia de uma canção preexistente, de onde se tirava a forma estrófica e a métrica – como no estribilho, inspirado em uma canção popular para pedir chuva, que Ramon incorpora às últimas estrofes do texto.

Llull utilizou o verso como recurso mnemônico. Como tinha interesse que sua mensagem fosse divulgada, inclusive por jograis – convertidos ao serviço do Cristianismo – chegou a sugerir quais as toadas que deveriam ser usadas ao declamarem seus textos – O *Desconsolo* deveria ser cantado ao som de *Berart*. O uso do texto versificado era, também, uma forma de fazer com que suas idéias chegassem até as camadas mais baixas da população, que tinham acesso aos textos divulgados pelos jograis.

Preocupado com a divulgação de seus escritos, escreveu em catalão, para o público laico cristão, e em latim, para os clérigos – ou então mandava traduzir as suas obras para esse idioma –. Tudo para que o Ocidente latino também tivesse conhecimento da base de seu pensamento científico.

Com Ramon, o catalão adquiriu plenamente a categoria de língua literária, apta para expressar todo o tipo de pensamento e sentimento, adequada a todos os âmbitos, capaz de servir para a comunicação dos aspectos mais humildes e cotidianos e para o relato das mais elevadas especulações.

Diante da constatação, no século XIII, da inviabilidade do extermínio da sociedade islâmica, passou-se a buscar sua conversão. Ramon viveu em uma região de diversidade econômica, cultural e religiosa, na qual conviviam cristãos, judeus e muçulmanos. Fruto de seu contexto, não poderia deixar de incluir em seus projetos reformistas a conversão dos muçulmanos.

Os dominicanos já haviam iniciado uma tarefa apologética organizada. Tradicionalmente se recorria aos argumentos da Bíblia e ao Novo Testamento, o que

produzia infundáveis discussões hermenêuticas, já que não se abordava nem a fé nem os costumes dos praticantes das religiões, apenas seus livros.

Ramon Llull se opôs a esse método apologético por considerá-lo falho, já que não tratava das *razões demonstrativas* da fé cristã que os muçulmanos sempre exigiam. O maiorquino argumentava a partir do senso comum e não de autoridades, que segundo ele poderiam ser interpretadas de diferentes maneiras.

Baseou seus argumentos não em textos, mas em fatos religiosos ou científicos que todos poderiam aceitar – só há um Deus; Ele tem atributos; o mundo se fundamenta em quatro elementos; etc. Usou argumentos aceitáveis às religiões monoteístas, o que tornava o ponto de partida das discussões regras neutras e não dogmas a serem impostos.

Construiu seus argumentos não sobre uma base doutrinal que poderia ser usada por um contra o outro, mas a partir de uma técnica que todos poderiam empregar em iguais condições, a sua *Arte*. Ramon defendia que o muçulmano, por acreditar na unidade de Deus e nos atributos divinos, deveria se tornar cristão.

Llull esperava que seu novo método – a sua *Arte* – o ajudasse a alcançar sua ousada proposta: a existência de apenas uma lei religiosa. Para isso, partiu do pressuposto de que todos, inclusive infiéis, se regiam pela razão que Deus dá a todos os homens. Por isso a necessidade de uma fundamentação plausível à razão, já que, para o maiorquino, as elites letradas dos muçulmanos só acreditavam em Maomé porque ninguém ainda havia lhes dado provas de que sua fé era errada e que o Cristianismo latino era o detentor da verdade. Caso isso fosse feito, eles se converteriam e o restante da população os seguiria.

No século XIII havia a constatação do fracasso da idéia primogênita de Cruzada, cujos objetivos eram a ocupação do território e o extermínio da população infiel. Não era mais viável aplicar a *solução dos francos* – proposta feita pela ordem de Cluny e posta em prática na 1ª Cruzada em 1096, que consistia em retirar dos muçulmanos os seus territórios e, se possível, suas vidas.

O jovem Ramon Llull viu a adulteração desse conceito – de uma Cruzada pensada contra o infiel, tornou-se uma Cruzada contra os hereges e, finalmente, uma Cruzada a serviço do rei da França. Além disso, Ramon acompanhou a liquidação do último reduto cristão na Terra Santa, São João de Acre.

Com essas influências, a Cruzada para Ramon não assumiu o sentido que tinha para os seus contemporâneos. Ele não concordava com o aniquilamento do infiel. A Cruzada era apenas mais uma forma para conseguir seu propósito missionário. Estava a serviço da pregação. Não via como contradição propor a conversão do infiel através da pregação ou da Cruzada. Fazer as pessoas estimarem e conhecerem Deus era a meta de toda a empresa luliana.

Há somente um ideário nas propostas de Ramon Llull a respeito da cruzada na Terra Santa: a conversão de todos os infieis através da compreensão racional da maior verdade contida na fé cristã. Essa missão se encontra unida à idéia de cruzada preparatória e propiciatória. As duas coisas, missão e cruzada, são só uma, apesar de terem valores distintos para Llull.

Em Llull, a Cruzada não era um fim em si mesmo e nem o aspecto central das suas proposições, mas uma necessidade dos seus projetos de conversão. A empresa militar estava sempre subordinada aos objetivos espirituais e fazia parte da estratégia de Ramon

para conseguir seu propósito de unificação da humanidade sob a fé cristã. O uso da força era para obrigar os muçulmanos a ouvirem as pregações, já que sem isso eles não iriam assistir os missionários.

Na última década do século XIII, Ramon estava cada vez mais desiludido ao constatar que seus projetos não funcionavam como havia pensado nem dentro da Cristandade nem na hora de aplicá-los ao Islamismo e passou a insistir mais na necessidade da Cruzada.

Ramon tinha interesse pela persuasão em todos os níveis: intelectual e social. Isso explica a multiplicidade de formas que empregou – novelas, tratados, poemas. Modificou sua voz de acordo com o público e circunstâncias de sua fala. Não mudou apenas o estilo, mas suas posições políticas.

Oscilou entre pacifismo e belicosidade, em alguns momentos pensando no ambiente ou temperamento de uma corte real ou papal. A tolerância ou intolerância demonstrada, por exemplo, contra os judeus, era medida em grande parte pelo público ao qual dirigia suas obras – para uma Maiorca marcada pelo pluralismo, redigiu o *Livro do gentio e dos três sábios*, mais conciliatório, para o ambiente parisiense, escreveu *Félix, o Livro das Maravilhas*, com um tom mais anti-semita.

Ser filósofo ou teólogo era uma coisa puramente acessória aos seus propósitos. Não lhe interessava formar uma doutrina ou propor um sistema filosófico novo. O que desejava era criar uma *Arte de encontrar a verdade* que fosse completamente prática e servisse de base para a conversão dos infiéis e a salvação do mundo.

Aprendeu árabe por defender um apostolado mais amplo, dedicado, principalmente, à refutação da doutrina islâmica, que considerava incompatível com os dogmas católicos.

Nunca pensou em se restringir à Maiorca, ainda mais porque seu porto lhe dava fácil acesso ao continente africano e ao Oriente.

Defendia, ainda, que fé e razão não eram contraditórias e estavam a serviço da mesma causa. Porém, no debate com o infiel a razão teria o papel mais relevante, já que este não desejava trocar uma crença por outra, mas, partindo da crença, desejava entender.

Sua estratégia para realizar as discussões consistia em não atacar os erros dos infiéis, mas dizer-lhes que se encontrassem erros em sua fé, cristã, converter-se-ia. Ao invés de colocar o adversário na defensiva, Ramon dava-lhes a ofensiva, proporcionando uma oportunidade para o adversário e tentando reduzir a hostilidade.

Acreditava no bom exemplo do fiel cristão como arma para atingir seus propósitos. Defendia que seguir uma vida virtuosa seria o melhor caminho para alcançar a salvação e que, ao verem o exemplo, os infiéis se converteriam. Além disso, os verdadeiros crentes teriam que estar dispostos a utilizar a *arma espiritual* suprema: o martírio – maior prova do amor do cristão a Deus.

O auto concebido apóstolo Ramon tinha necessidade de divulgar sua mensagem. Construiu sua imagem com essa finalidade. Era o exemplo do bom cristão, dedicado e, mesmo assim incompreendido. Tudo era válido para que pudesse obter apoio para os seus projetos de fundação de escolas missionárias para o ensino das línguas dos infiéis e para a sua cruzada de pregação.

Ramon não obteve muitos êxitos durante sua vida. Encontrou vários entraves para difundir suas idéias.

Havia a dificuldade dos indivíduos imersos no universo de uma religião para adaptar-se a um universo mental consideravelmente diferente. Além disso, haviam as resistências encontradas por Ramon devido ao seu peculiar método de argumentação e as propostas sobre as quais se baseava. Seu ideal de cruzada era utópico e não interessava à corte papal, já que ele não aceitava a definição ampla que o termo havia adquirido em sua época e insistia para que as expedições fossem utilizadas exclusivamente contra os infiéis a fim de convertê-los.

As dificuldades de comunicação que poderia ter um homem autodidata, chegado de uma ilha do Mediterrâneo, com propósitos intelectuais centrados nos problemas relacionados com o Islã, em um ambiente fechado com problemas e métodos próprios podem ajudar a entender a pouca receptividade que alcançou em Paris.

Além disso, Llull criou seu projeto missionário em Maiorca, onde conheceu, em sua maioria, muçulmanos escravizados ou transplantados por razões políticas e econômicas, portanto, artificialmente reagrupados.

Quando mais tarde transportou seu projeto para sociedades muçulmanas de outras regiões, este deixou de ser eficaz, o que o deixou perplexo e desconcertado, sendo ele incapaz de admitir esse fato, devido ao seu apego ao seu ideal. O *outro*, o muçulmano construído em seus textos com base em suas observações nesse ambiente restrito não era o mesmo que encontrou em Tunis ou Bugia. Lá eles eram interlocutores vivos e autônomos que ele não poderia manejar como quisesse.

Acrescentem-se ainda, a estranheza que deve ter causado sua *Arte*, repleta de figuras geométricas, tão diferentes de tudo o que haviam visto até o momento. Além disso, sua

linguagem filosófica, o *modus loquendi arabicus*, com um vocabulário de derivados – bonificativo, bonificável, bonificar – era totalmente estranho à audiência.

Além disso, a Idade Média dava pouca importância à originalidade. Os maiores círculos de influência não eram permeáveis às idéias inovadoras. A chance de sucesso era maior para aqueles que seguiam as propostas em voga, coisa que o maiorquino não fez.

Acreditamos que não existiu na Idade Média o *diálogo inter-religioso*. Este seria inviável em um contexto com religiões já constituídas em contentores identitários e apoiadas em estruturas de poder, onde o menor resvalo poderia reativar a violência latente.

Esse mundo teocrático não dava razão às outras crenças. Cada uma se achava detentora da verdade e possuidora da chave para a felicidade eterna. O único contato possível era a controvérsia, na forma de disputas, pregação ou escritos polêmicos.

Llull não era *pacifista* ou *tolerante*. Desejou a conversão da humanidade ao Cristianismo. Nunca defendeu a tolerância religiosa. Não se eximiu de propor a coação. Ao defender a existência de uma audiência cativa para que os missionários propagassem o Cristianismo latino, Ramon apenas trocou a privação imposta aos muçulmanos: ao invés de serem privados de suas vidas, seria cerceada sua liberdade até que se convertessem.

A compenetração entre os aspectos políticos e religiosos não permitiria falar da sociedade medieval como laica ou tolerante. Seria anacrônico exigir de um homem do século XIII que tivesse resolvido o problema da tolerância religiosa quando, no século XXI, grande parte do mundo o tem mal resolvido ou ainda por resolver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

BERNARDO DE CLARAVAL. *Elogio de la nueva milicia templaria*. Madrid: Siruela, 2005.

BÍBLIA de Jerusalém. Português. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2006.

COSTA, Ricardo da; LEMOS, Tatyana N. *Poemas de Ramon Llull*. Desconsolo (1295) - Canto de Ramon (1300) - O Concílio (1311). 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Angelicvm/CEMOrOC, 2009.

HUGO DE SÃO VITOR. *Didascálicon: da Arte de Ler*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LOLA BADIA, Versió catalana de la Disputa del clergue Pere i de Ramon, el Fantàstic. Tradução Ricardo da Costa. In: *Teoria i pràctica de la literatura en Ramon Llull*. Barcelona: Quaderns Crema, 1991.

RAMON LLULL. Lo Desconhort. In: *Poesies* (text, introducció, notes i glossari de Ramon d'Alòs-Moner). Barcelona: Barcino, 1928. p. 69-105.

_____. Del Concili. In: *Poesies* (text, introducció, notes i glossari de Ramon d'Alòs-Moner). Barcelona: Barcino, 1928. p. 106-134.

_____. *Libre D'intenció*. Obres de Ramon Llull (ed. Moss. Salvador Galmés) (Obres Ramon Llull), (tradução Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III). Palma de Mallorca: 1935, volume XVIII, p. 03-66.

_____. Lo Desconhort. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I. p. 1308-1328.

_____. Del Concili. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I. p. 1328-1344.

_____. Arbor philosophiae amoris. In: *Raimundi Lulli Opera Latina 77*. Palma y Turnhout: Brepols, 1959.

_____. Ars concili. In: *Raimundi Lulli Opera Latina*. Palma de Maiorca: Johannes Stöhr, 1960. Tomus II.

_____. Liber de acquisitione Terrae Sanctae. Tradução Waldemiro Altoé. In: *Studia Orientalia Christiana. Collectaea 6* (P. Eugene Kamar, OFM). Edizioni del Centro Franciscano di Studi Orientali Christiani. Cairo, 1961, p. 103-131. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com>>. Acesso: 20 jun. 2006.

_____. *Doctrina Pueril* (a cura de Gret Schib). Trad. Ricardo da Costa, Tatyana Nunes Lemos, Felipe Dias de Souza e Revson Ost. Barcelona: Barcino, 1972.

_____. Liber natalis pueri parvuli Christi Jesu. In: *Raimundi Lulli Opera Latin/Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis XXXII*. Bélgica: Turnholt, 1975. Tomus VII, 168-177.

_____. Petició de Ramon al papa Celestí V per a la conversió dels infidels. In: PERARNAU I ESPELT, Josep. *Un text català de Ramon Llull desconegut: la «Petició de Ramon Llull al papa Celestí V per a la conversió dels infidels»*. Edició i estudi. Barcelona: [s/n], 1982.

_____. Vida coetânea. In: *Obres selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. (ed., introd. i notes de Antoni Bonner). Mallorca: Moll, 1989, vol. I. p. 11-50.

_____. Fèlix o el Libre de Meravelles. In: *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)* (ed. introd. i notes de Antoni Bonner). Mallorca: Moll, 1989, vol. II. p. 07-393.

_____. Petitio Raymundi pro conversione infidelium ad Bonifacium VIII papam. In: RENYÉ, Josep. *Ramon Llull: Alguns escrits sobre la croada*. Fondarella: Palestra, 1990.

_____. Testamentum Raymundi. In: FLORES, Abraham Soria; DOMÍNGUES, Fernando; SENELLART, Michel (Eds.). *Raimundi Lulli Opera Latina/ Civitate Maioricensi anno MCCCXIII compósita/Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis LXXX*. Bélgica: Turnholt/Brepols, 1991. Tomus XVIII, 208-212.

_____. Disputatio Raimundi christiani et Homeri saraceni. In: *Raimundi Lulli Opera Latina, Tomus XXII*. Turnhout: Brepols, 1998.

_____. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad., apres., e notas de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000.

_____. El desconsuelo. In: VEGA, Amador. *Ramon Llull y el secreto de la vida*. Barcelona: Siruela, 2002. p. 221-242.

_____. *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa (Liber de fine)* (introd. de Jordi Gayà y trad. de Pere Llabrés). Trad. de Ricardo da Costa e Eliane Ventorim. Barcelona: Facultat de Teologia de Catalunya, 2002, p. 81-82. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/.htm>>. Acesso: 20 jan. 2005.

_____. Arbor scientiae [1295-1296]. Trad. Pere Villalba i Varneda. In: *Boletín de La Real Academia de Buenas Letras de Barcelona* 48. Barcelona: Real Academia de Buenas Letras de Barcelona, 2002.

_____. Liber de Passagio. In: *Liber de sancta Maria in Monte Pessulano anno MCCXC*. Corpus christianorum. Continuatio Mediaevalia CLXXXII. Turnhout: Brepols, 2003. p. 323-353.

_____. *Lo Desconhort. Cant de Ramon* (edició a cura de Josep Batalla). Barcelona: Obrador Edèndum, 2004. p. 61-129.

_____. *Livro das Bestas*. Tradução Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2006.

_____. *Retòrica nova* (edició a cura de Josep Batalla, Lluís Cabré i Marcel Ortín). Santa Coloma de Queralt: Brepols / Obrador Edèndum, 2006.

_____. *O Livro dos Mil Provérbios*. Trad.: Ricardo da Costa e Grupo II de Estudos Medievais da UFES. São Paulo: Escala, 2007.

_____. *Félix - O Livro das Maravilhas*. Parte I e II. Tradução Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2009.

SAN BERNARDO. *En la Escuela del amor*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996.

Bibliografia de apoio

ABAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 290.

ALONSO, Miguel. *Els trobadors catalans*. Disponível em:
<<http://www.xtec.cat/~malons22/trobadors/index.htm>> Acesso em: 15 Set. 2008.

BADIA, Lola; SOLER, Albert. *Qui és Ramon Llull?* Disponível em:
<http://quisestlullus.narpan.net/73_cont.html>. Acesso em: 18 Set. 2008.

BATALLA, Josep. Introducció. In: RAMON LLULL. *Lo Desconhort. Cant de Ramon* (edició a cura de Josep Batalla). Barcelona: Obrador Edèndum, 2004.

BATLLORI, Miquel. *Ramon Llull i el Lul·lisme*. Obra completa. València: Biblioteca d'estudis i investigacions, 1993. vol II.

BENHAMAMOUCHE, Fatma. Ramon Llull y el mundo islámico: una relación apasionada. In: *Revue d'Histoire Magrebine – Epoque modern et contemporaine*. Tunis: Zaghuan, 1995.

BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média* (século XII). Lisboa: Edições 70, 1983.

BONNER, Anthony. Ambient històric i vida de Ramon Llull. In: *Obres Selectes de Ramon Llull* (1232-1316). Maiorca: Moll, 1989. vol. I.

_____ ; BADIA, Lola. *Ramon Llull: Vida, pensamento i obra literària*. Barcelona: Empúries, 1991.

_____. Ramon Llull i l'elogi de la variant. In: *Actes del Novè Col·loqui Internacional de Llengua i Literatura Catalanes* (a cura de Rafael Alemany, Antoni Ferrando i Lluís B. Meseguer). Barcelona: Abadia de Montserrat, 1993, vol. I.

_____ ; SOLER, Albert. *La mise en texte de la primera versió de l'Art: noves formes per a nous continguts*. Palma de Maiorca : Studia Lulliana, 2007.

CANTERA MONTENEGRO. *Las Ordenes religiosas en la Iglesia medieval siglos XIII a XV*. Madrid: Arco/Libros, 1998. p. 71; PARDO PASTOR, Jordi. Las auctoritates bíblicas en Ramon Llull: etapa 1304-1311. In: *Revista Española de Filosofía Medieval*, 11, 2005.

CARR, Raymond (Ed.). *Historia de España*. Barcelona: Península, 2006.

CARRERAS Y ARTAU, Tomás. L'esperit cavalleresc en la producció lul·liana. In: *La Nostra Terra*. Mallorca, 1934.

CARRERAS Y ARTAU, Tomás e Joaquín. *Historia de la Filosofía Española: filosofía cristiana del siglo XIII al XV*. Barcelona: Facsímil/Institut d'Estudis Catalans: Diputació de Girona, 2001. vol I.

CÉLIA, Regina. *Pequeno glossário de literatura*. Disponível em: <<http://www.regina.celia.nom.br/lit.1.glossario.htm> >. Acesso em: 17 Jun. 2007.

CIRLOT, Victoria; GARÍ, Blanca. *La mirada interior: escritoras místicas y visionarias en la Edad Media*. Madrid: Siruela, 1999.

COLOMER, Eusebi. La actitud compleja y ambivalente de Ramon Llull ante el judaísmo y el islamismo. In: DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando y DE SALAS, Jaime (edits.). *Actas del pensamiento luliano. Actas del simposio sobre Ramon Llull en Trujillo*, 17-20 de septiembre 1994. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1996.

COLOMER I POUS. *El pensament als països catalans durant l'edat mitjana e el renaixement*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 1997.

COSTA, Ricardo da. *A guerra na Idade Média – um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Paratodos, 1998.

_____. *A Árvore Imperial – Um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316)*. 2000. Tese, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

_____. Apresentação. In: RAMON LLULL. *O Livro da Ordem de Cavalaria* (trad., apres., e notas: Ricardo da Costa). São Paulo: Giordano, 2000.

_____. Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300). In: *Mirabilia I: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*, 2001.

_____. *Ramón Llull y la Orden del Templo* (Siglos XIII-XIV). 2003-2004. Tese (Pós-doutorado) Universitat Internacional de Catalunya, Barcelona, 2003-2004.

_____; PASTOR, Jordi Pardo. Ramon Llull e o diálogo inter-religioso: cristãos, judeus e muçulmanos na cultura ibérica medieval: o *Livro do gentio e dos três sábios* (c. 1274) e a *Vikuah* (c. 1264) de Nahmânides sobre a Disputa de Barcelona de 1263. In: LEMOS, Maria Teresa Toribio Brittes e LAURIA, Ronaldo Martins (org.). *A integração da diversidade racial e cultural do Novo Mundo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

_____. *Ramón Llull, la cruzada y las órdenes militares de caballería*. Conferência proferida no Seminário Cristianisme i l'Islam - el cas de Tortosa i Tartous a la Mediterrània. Facultat de Ciències Jurídiques i Polítiques da Universitat Internacional de Catalunya (UIC)/Barcelona, 2005. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/lacruzada.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2008.

_____. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: a *infinidade* e a *eternidade* divinas no *Livro da contemplação* (c. 1274). In: *Scintilla: Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), vol. 3, n. 1, janeiro/junho 2006, p. 107-133.

_____. *Entre Realismo e Interpretismo: uma proposta alternativa de teoria histórica*. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com>>. Acesso em: 28 Ago. 2007.

_____. *A expansão árabe na África e os Impérios Negros de Gana, Mali e Songai (sécs. VII-XVI)*. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/imperiosnegros.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2008.

COUTINHO, Priscilla Lauret; COSTA, Ricardo da. Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da condição feminina na Idade Média. In: GUGLIELMI, Nilda (dir.). *Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad en la Edad Media*. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), Diciembre de 2003. p. 4-28.

DE RIQUER, Martí. Pròleg. In: RUBIÓ I BALANGUER, Jordi. *Historia de la Literatura Catalana*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 2006. vol. I.

DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.

DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. El proyecto luliano de predicación cristiana. In: DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando y DE SALAS, Jaime (eds.). *Constantes y fragmentos del pensamiento luliano. Actas del simposio sobre Ramon Llull en Trujillo*, 17-20 septiembre 1994, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1996.

_____. Introdução. In: *Corpus Christianorum. Continuatio medievalis CLXXXII*. Turhout: Brepols Publishers, 2003.

_____. *A Espanha medieval, fronteira da cristandade*. (trad. L. Jean Lauand). Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand10/reboiras.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2007.

_____. *Raimundo Lúlio: la Fe Consciente*. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand6/raimundo_lulio_la_fe_consciente.htm>. Acesso em: 20 set. 2007.

DUFFY, Eamon. *Santos & Pecadores. História dos papas*. São Paulo: Cosac & Naif, 1998.

ECO, Humberto. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

EINHARD. *Vida de Carlos Magno*. (Trad.: Prof. Luciano Vianna e Profa. Cassandra Moutinho. Rev. e notas: Prof. Dr. Ricardo da Costa). Base da tradução: *Medieval Sourcebook: Einhard: The Life of Charlemagne* (translated by Samuel Epes Turner) New York: Harper & Brothers, 1880. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/textos/vidacarlos.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

FAVIER, Jean. *Carlos Magno*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FELDMAN, Sérgio Alberto. *A monarquia visigótica e a questão judaica: “entre a espada e a cruz”*. Disponível em:
<http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum17_dos01_feldman.pdf>. Acesso em: 29 Ago. 2009.

FERNANDEZ, Emilio Mitre. *Historia del Cristianismo*. El mundo Medieval. Madrid: Trota, 2004. p. 317-324. Cf. ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madrid: Cátedra, 1994. vol. II.

FIERRO, Maribel. Apunts sobre La raó, llenguatge i conversió en el segle XIII a La Península Ibérica. In: ROQUE, Maria-Àngels (org.) *Ramon Llull i l'islam: L'inici del diàleg*. Barcelona: La Magrama, 2008.

FLETCHER, Richard. *Em busca do El Cid*. São Paulo: UNESP, 2002.

GADAMER, Hans-Georg (org. Pierre Fruchon). *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. *Acotaciones hermenéuticas*. (Trad. de Ana Agud e Rafael de Agapito). Madrid: Trotta, 2002.

GARCÍAS PALOU, Sebastian. *Ramon Llull y el Islam*. Palma de Mallorca: Gráficas Planisi, 1981.

GAYÀ, Jordi. Introducció. In: RAMON LLULL. *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa* (introd. de Jordi Gayà; trad. de Pere Llabrés). Barcelona: Clàssics del Cristianisme 91. Facultat de Teologia de Catalunya/Fundació Enciclopèdia Catalana, 2002.

_____. *Biografia de Ramon Llull*. Disponível em:
<<http://www.jordigaya.com/llull/biografia/>>. Acesso em: 10 dez. 2008

GEISLER, Norman L. *Enciclopèdia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã*. São Paulo: Vida, 2002.

GILISSEN, John. *Introdução Histórica ao Direito*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2003.

HECKMAN, Susan J. *Hermenêutica e sociologia do conhecimento*. (Trad. de Luís M. Bernardo e Artur Morão). Lisboa: 70, 1990.

HEERS, Jacques. *História Medieval*. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1997.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.

- HILLGARTH, J. N. *Diplomatari Lul·lià*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2001.
- HILLGARTH, J. N. *Ramon Llull i el naiximent del lul·lisme* (a cura d'Albert Soler). Barcelona: Abadia de Montserrat, 1998. p. 28. Cf. DOMINGUES REBOIRAS, Fernando. *Raimundo Lúlio: la Fe Consciente*. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand6/raimundo_lulio_la_fe_consciente.htm> Acesso em: 20 set. 2007.
- HOURANI, Albert. *Uma História dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Universidade de Brasília, 1989.
- KUCHENBECKER, Valter. *O homem e o sagrado: a religiosidade através dos tempos*. Canoas (RS): Ulbras, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1995. vol. II.
- _____. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LEHMANN, Johannes. *Las cruzadas. Los aventureros de Dios*. Barcelona: Martinez Roca, 1989.
- LEWIS, Bernard. *Os árabes na história*. Lisboa: Estampa, 1982.
- LIBERA, Alain de. Filosofia Medieval. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, São Paulo, 22/09/2002. Entrevista concedida a Luiz Felipe Pondé.
- LLINARÈS. *Ramon Llull*. Barcelona: 62, 1987.
- MEGALE, Heitor. *Elementos de Teoria Literária*. São Paulo: Nacional, 1975.
- MENOCAL, Maria Rosa. *O ornamento do mundo: como muçulmanos, judeus e cristãos criaram uma cultura de tolerância na Espanha medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- NEVES, Guilherme Pereira das. *História e Hermenêutica: uma questão de método?* Conferência de encerramento do I Seminário Nacional de História e Historiografia Brasileira, realizado na Universidade Estadual do Rio Janeiro entre 29 e 31 de Outubro de 2008.
- OAKESHOTT, Michael. *Sobre a História & outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

OLIVIER. O poder temporal do papa. In: *Estudios Lulianos* 5. Palma de Mallorca (Espanya): Maioricensis Schola Lullística, 1958.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: 70, 1986.

POLIAKOV, Léon. *De Maomé aos Marranos*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

PREVITÉ-ORTON. C. W. España y Portugal: la Reconquista. In: *Historia del mundo en la Idade Media*. Barcelona: Ramon Sopena, 1967. Tomo III.

PRING-MILL, R. *EI microcosmos lul.lià*. Palma de Mallorca: Moll, 1962.

_____. *Estudis sobre Ramon Llull*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 1991.

RAMÓN GUERRERO, Rafael. *Filosofías árabe y judia*. Madrid: Síntesis, s/d. p. 215-246.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia I*. São Paulo: Paulinas, 1990.

ROMEU I FIGUERAS, Josep. Introducció. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I. p. 1280.

ROQUE, Maria-Àngels (org.). *Ramon Llull i l'islam: L'inici del diàleg*. Barcelona: La Magrama, 2008.

_____. Introducció. In: ROQUE, Maria-Àngels (org.) *Ramon Llull i l'islam: L'inici del diàleg*. Barcelona: La Magrama, 2008.

RUBIO, Ana Martos. *¿Pablo de Tarso, Apóstol o Hereje?: La inquietante verdad sobre la identidad del auténtico fundador Del cristianismo*. Madrid: Nowtilus S. L, 2007.

RUBIÓ, Josep E. Introducció. In: RAMON LLULL. *Arte breve*. Introd. y trad. de Josep E. Rubio. Pamplona: EUNSA, 2004.

RUNCIMAN, S. *História das Cruzadas*, vol. III: o Reino de Acre e as últimas cruzadas. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

SANCHIS GUARNER, M. L'ideal cavalleresc definit per Ramon Llull. In: *Estudios Lulianos*. Revista cuatrimestral de Investigación Luliana y Medievalística. Palma de Mallorca: Maioricensis Schola Lullística, Año II, Vol. II, Fasc. III, 1958.

SANTANACH E SUÑOL, J. *La Doctrina Pueril de Ramon Llull i la catequesi medieval*. <Disponível em: <http://www.bib.ub.es/www7/llull/7cateques.htm>.> Acesso em: 07 abr. 2006.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOUZA, José Antônio de C. R. de (Org.). *O reino de Deus e o reino dos Homens: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana a João Quidort)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

TORRENT-LENZEN, A. Ramon Llull: El Dant Catalã. In: *Estudis de Llengua I Literatura Caralanes/XXX, Miscel.lània Germà Colón 3*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 1995.

TRÍAS MERCANT, S. La ética luliana de las virtudes en el Félix de las Maravelles (I). In: *Estudios Lulianos. Revista cuatrimestral de Investigación Luliana y Medievalística*. Palma de Mallorca: Maioricensis Schola Lullistica, Año XIII, Vol. XIII, Fasc. 2-3, 1969.

_____. La ética luliana de las virtudes en el Félix de las Maravelles (II). In: *Estudios Lulianos. Revista cuatrimestral de Investigación Luliana y Medievalística*. Palma de Mallorca: Maioricensis Schola Lullistica, Año XIV, Vol. XIV, Fasc. 2-3, 1970.

TYERMAN, Christopher. *Las Guerras de Dios: Una nueva historia de las Cruzadas*. Barcelona: Crítica, 2007.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *A Universidade Medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VAZ, H. C. de L. *Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

VEGA, Amador. *Ramon Llull y el secreto de la vida*. Madrid: Siruela, 2002.

VEIGA, Bernardo. *É impossível o diálogo inter-religioso? O pensamento de Bento XVI e a visão de Raimundo Lúlio sobre o diálogo inter-religioso*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2009.

VILLOSLADA, Ricardo Garcia. *Historia de la Iglesia Católica: Edad Nueva [La Iglesia en la época del Renacimiento y de la Reforma católica (1303-1648)]*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005. vol. II.

_____. *Historia de la Iglesia Católica: Edad Nueva [La Iglesia en la época del Renacimiento y de la Reforma católica (1303-1648)]*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005. Vol III.

ZIERER, Adriana. Modelos de Salvação Medieval: São Brandão e Santo Amaro. In: *História*. Revista do Departamento de História da UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, nº 9, Vitória: EDUFES, 2001.

APÊNDICES

Desconsolo (1295)

Ramon Llull (1232-1316)

Trad. e revisão: Tatyana Nunes Lemos e Ricardo da Costa (Ufes)

<p>I Déus, ab vostra vertut començ est desconhort, lo qual fas en xantant, per ço que me'n conhort, e que ab ell recontre lo falliment e el tort que hom fa envers vós, qui ens jutjats en la mort.</p> <p>E on mais mi conhort, e menys hai lo cor fort, car d'ira e dolor fa mon coratge port; per què el conhort me torna en molt gran desconhort. Per açò estaig en treball e en deport, e no hai null amic qui negun gauig m'aport, mas tan solament vós; per què eu lo faix en port en caent e llevant, e són çai en tal sort que res no veig ni auig d'on me venga confort.</p>	<p>I Deus, com Vossa virtude começa este <i>Desconsolo</i>, o qual faço em canto, para que me console e com ele narre a falta e o dano que o homem faz contra Vós, que nos julgastes na morte.</p> <p>E quanto mais me consolo, menos o coração está forte, pois de ira e dor meu coração é porto, por isso, o consolo retorna como um grave desconsolo. Por isso, estou em trabalho e distração, e não há nenhum amigo que alguma alegria me traga, mas tão somente Vós, para que eu O torne um porto, na queda e na ascensão. E estou assim em tal sorte que nada vejo ou escuto que me traga conforto.</p>	<p>05</p> <p>10</p>
<p>II Quan fui gran e sentí del món sa vanitat, comecei a far mal e entrí en pecat, oblidant lo Deus glorios, seguent carnalitat;</p> <p>mas plac a Jesucrist, per sa gran pietat, que es presentà a mi cinc vets crucificat per ço que el remembràs e en fos enamorat e que eu procuràs com ell fos preïcat per tot lo món, e que fos dita veritat de sa gran Trinitat e com fo Encarnat. Per què eu fui espirat en tan gran volentat, que res àls no amé mas que ell fos honrat; e adoncs comencé com lo servís de grat.</p>	<p>II Quando cresci e senti a vaidade do mundo, comecei a fazer mal e entrei em pecado, esquecendo o Deus glorioso³³⁶ e seguindo o que é carnal.</p> <p>Mas agradou a Jesus Cristo, por Sua grande piedade, apresentar-Se a mim cinco vezes crucificado, para que O relembresse e me enamorasse, e fizesse que Ele fosse predicado por todo o mundo, e que fosse dita a verdade de Sua Trindade, e como encarnou. Porque fui inspirado em tão grande vontade, que nada amei mais do que Ele fosse honrado e, então, comecei a servi-Lo de bom grado.</p>	<p>15</p> <p>20</p>
<p>III Quan pris a consirar del món son estament, com són paucs crestians e molt li descreent, adoncs en mon coratge hac tal concebiment que anàs a prelats e a reis eixament, e a religiosos, ab tal ordenament, que se, 'n seguís passatge e tal preïcament que ab ferre e fust e ab ver argument se dés a nostra fe tan gran exalçament que els infeels venguessen a ver convertiment. Ez eu hai ço tractat, trenta anys ha, verament;</p> <p>no n'hai res obtengut, per què n'estic dolent tant, que en plore sovent e en són en llanguiment.</p>	<p>III Quando me pus a considerar do mundo o seu estado, quão são poucos os cristãos e muitos os descrentes, então, em meu coração tive tal concepção que fosse a prelados e a reis, igualmente, e a religiosos, com tal ordenamento, para que ocorresse a Passagem, e com tal pregação que com ferro e fogo, e verdadeira argumentação, se desse à nossa fé tão grande exaltação que os infiéis viessem à conversão. E isso tenho tratado, verdadeiramente, há trinta anos, mas não obtive nada, pelo que estou doente, tanto, que choro freqüentemente, e estou em languidez.</p>	<p>25</p> <p>30</p> <p>35</p>

³³⁶ Em OE, "Deus glorioso"; em Batalla "Deus verdadeiro".

<p>IV Dementre que enaixí estava en tristor e consirant sovent en la gran deshonra que Déus pren en lo món per sofratxa d'amor, com a home irat que fuig a mal senyor, me n'aní al boscatge, on estava ab plor, tant fort desconhortat, que el cor n'haic gran dolor;</p> <p>mas per ço car plorava e sentia dolçor, e car a Déu parlava faent a ell clamor, con tant pauc exoeix li just e el pecador, quan l'aoren e el creuen tractar sa honor; car si mais los donava d'ajuda e fervor tost convertirien lo món a sa valor.</p>	<p>IV Enquanto estava assim, em tristeza, considerando freqüentemente a grande desonra que Deus recebe do mundo por falta de amor, como um homem irado, que foge do mal senhor, fui a um bosque, onde estive em pranto, tão fortemente desconsolado, que o coração estava em dor.</p> <p>Mas como chorava, sentia doçura³³⁷, e a Deus falava fazendo-Lhe clamor, como tão pouco escuta o justo e o pecador quando Lhe adoram e crêem tratar Sua honra, pois se lhes desse mais ajuda e fervor, todos converteriam o mundo ao Seu valor.</p>	<p>40</p> <p>45</p>
<p>V Enaixí com estava ab malencolia, a lluny guardí e viu un hom qui venia, un bastó en sa mà e gran barba havia, e en son dors cilici portec, pauc valia. Segons son captener ermità paria. E quan fo pres de mi, dix-me què havia,</p> <p>ne lo dol que eu menava, e d'on me venia, ni si ell per nulla res aidar-me podia. Ez eu, las, respòs-li que tal mal sentia, que per ell ni per altre no em consolaria; car, segons que hom perd, creix la fellonia.</p> <p>E ço que eu perdut hai, e dar qui ho poria?</p>	<p>V Assim, enquanto estava em melancolia ao longe observei e vi que vinha um homem. Tinha um bastão em sua mão e uma grande barba, em seu dorso cilício trazia, e pouco vestia.³³⁸ Parecia eremita, segundo seu comportamento. E quando chegou a mim, perguntou-me o que tinha e de onde vinha a dor que eu trazia, e se ele de alguma forma poderia me ajudar. E eu respondi, ai, que tal ira sentia³³⁹ que nem por ele nem por outro consolar-me-ia, pois, conforme o que o homem perde, cresce a felonia. E o que eu havia perdido, dizê-lo quem poderia?³⁴⁰</p>	<p>50</p> <p>55</p> <p>60</p>
<p>VI – Ramon, dix l'eremità, vós, què havets perdut? Per què no us consolats en lo Rei de salut, qui abasta a tot ço qui per ell és vengut? Mas aquell qui el perd no pot haver vertut en ésser consolat, car trop és abatut. E si vós no havets null amic qui us ajut digats-me vostre cor e què havets haüt; car si flac cor havets ne si sóts decebut,</p> <p>bé poria ésser que us fos acorregut per la mia doctrina, tant que si sóts vençut</p> <p>que us mostrarà a vençre vostre cor combatut</p> <p>de ira e dolor, ab que Déus hi ajut.</p>	<p>VI – Ramon, disse o eremita, o que haveis perdido?³⁴¹ Por que não vos consolais no Rei da salvação, que basta a tudo o que Dele vem? Mas aquele que O perde não pode ter virtude para ser consolado, pois está muito abatido. E se vós não tendes nenhum amigo que vos ajude, dizei-me vosso coração o que houve, pois, se tiverdes coração fraco ou estiverdes decepcionado, bem poderia ser que fósseis socorrido pela minha doutrina, tanto, que se estiverdes vencido, mostrar-vos-ei como vencer vosso coração combalido de ira e dor, para que Deus vos ajude.</p>	<p>65</p> <p>70</p>
<p>VII – N'ermità, si eu pogués portar a compliment – la honor que eu tracté por Déu tan llongament, no hagra re perdut ni en fera clamament,</p>	<p>VII – Dom eremita, se eu pudesse levar a cumprimento a honra que por Deus tratei por tanto tempo, não haveria nada perdido nem faria clamor, e sim ganharia tanto que à conversão</p>	<p>75</p>

³³⁷ Nessa passagem seguimos a edição OE; na de Batalla, o sentido é de ação simultânea: “mas per ço car plorava e sentia dolçor”.

³³⁸ Na edição de Batalla, “...e en son dors cilici portec, pauc valia”, isto é, o homem valia pouco – ao contrário de OE, que seguimos.

³³⁹ Batalla: “Ez eu, las, respòs-li que tal mal sentia”.

³⁴⁰ Em Batalla: “E o que eu havia perdido, quem o poderia dar?”. Seguimos a edição OE.

³⁴¹ Aqui inicia-se o diálogo entre Ramon e o eremita.

<p>ans guasanyara tant que a convertiment ne vengron li errat, e lo Sant Moniment hagren los crestians. Mas per defalliment d'aquells a qui Déus ha donat mais d'honrament,</p> <p>qui no em volon ausir, ans tenen a nient mi e mes paraules, com hom qui follament parla, e res no fa segons enteniment; per què eu per ells perd tot lo procurament que fas per honrar Déu e d'hòmens salvament.</p>	<p>viriam os errados, e o Santo Sepulcro teriam os cristãos. Mas, por falta daqueles a quem Deus tem dado mais honramento,</p> <p>que não desejam ouvir e não consideram nem a mim nem minhas palavras, como homem que loucamente fala e nada faz segundo o entendimento; para que eu perca por eles toda a procuração que faço para honrar a Deus e ter dos homens a salvação.</p>	<p>80</p>
<p>VIII</p> <p>Encara us dic que port un art general, que novament és dada per do espirital, per qui hom pot saber tota res natural segons que enteniment ateny lo sensual. A dret e medicina e a tot saber val,</p> <p>e a teologia, la qual m'és mais coral; a soure qüestions nulla art tant no val, ne errors destruir per raó natural; e tenc-la per perduda, car quaix a hom no cal.</p> <p>Per què eu en planc e en plor, e n'hai ira mortal:</p> <p>car null home qui perdés tan preciós cabal,</p> <p>no poria haver gauig mai de res terrenal.</p>	<p>VIII</p> <p>Ainda vos digo que trago uma <i>Arte Geral</i>, que me foi dada, recentemente, por dom espirital para que o homem possa saber toda coisa natural, conforme o entendimento atinge o sensual. Vale para o Direito, para a Medicina e todo o saber,</p> <p>e para a Teologia, a qual me é mais cara, nenhuma arte vale tanto para resolver questões e para destruir os erros através da razão natural. E a tenho por perdida, porque ao homem quase não interessa.</p> <p>Por isso, estou em pranto, em lágrimas e em ira mortal:</p> <p>pois nenhum homem que perdesse tão precioso cabedal</p> <p>poderia ter novamente gozo de coisa terrenal.</p>	<p>85</p> <p>90</p> <p>95</p>
<p>IX</p> <p>– Ramon, si vós faits ço que a vós se cové, en procurar honor a Déu e far gran bé, e no sòts escoltat ni ajuda no us ve d'aquells qui han lo poder, ges per ço no us cové</p> <p>que en siats despagat, car Cell qui tot ho ve, vos n'ha aitant de grat, com si es complís desse</p> <p>tot ço que demanats; car hom qui bé es capte</p> <p>a tractar sa honor, aconsegueix en se mérit e esmenda, do, pietat, mercè.</p> <p>Per què fa gran pecat qui en son cor reté</p> <p>ira ni desconhort, faent Déus a ell bé qui es concorda ab gauig, esperança e fe.</p>	<p>IX</p> <p>– Ramon, se vós fazeis o que vos convém, procurar honra para Deus e fazer grande bem, e não sois escutado nem a ajuda vos vem daqueles que têm poder, por tudo isso não convém</p> <p>que estejais descontente, pois Deus, que tudo vê, vos é tão grato como se cumprísseis imediatamente</p> <p>tudo o que pedistes, pois o homem que bem se porta</p> <p>para tratar Sua honra, conseguirá, para si mérito e correção, dom, piedade, mercê.</p> <p>Por isso, comete grande pecado quem em seu coração retém</p> <p>ira e desconsolo, fazendo Deus a ele bem que concorda com gozo, esperança e fé.</p>	<p>100</p> <p>105</p>
<p>X</p> <p>Ramon, de vostra art no siats consirós, ans en siats alegre e estats-ne joiós; car, pus Déus la us ha dada, justícia e valors la multiplicaran en lleials amadors.</p> <p>E si vos en est temps ne'n sentits amargors, en altre temps mellor haurets ajudadors tals qui lens apendran, e en vençran les errors d'aquets món, e en faran molt bon fait cabalós.</p> <p>Per què us prec, mon amic, que conhort sia ab vós,</p> <p>e d'hui mai no plorets contra fait virtuós;</p>	<p>X</p> <p>– Ramon, com vossa <i>Arte</i> não fiqueis preocupado, e sim, estejais alegre e jubiloso, pois já que vos foi dada por Deus, justiça e valores multiplicá-la-ão em leais amantes.</p> <p>E se vós sentirdes amargor nestes tempos, em outro tempo tereis melhores ajudantes que lentamente a aprenderão, vencerão os erros deste mundo e farão muitos bons feitos importantes.</p> <p>Por isso, vos rogo, meu amigo, que o consolo esteja convosco,</p> <p>e de agora em diante não choreis por feitos virtuosos,</p>	<p>110</p> <p>115</p>

car per donar poretz tota res acabar.	pois, ao dar, podereis todo o resto terminar.	
<p>XVIII</p> <p>– N'ermità, certs siats que anc mais cobeitat de diners ni d'honors en mi no ha habitat, e en aquest negoci de mon patrimoniат hai tota vets despès e aitant llarguejat, que tuit li meu infant n'estan en paupertat; d'on d'avarícia no dec ésser reptat; ni donar eu no pusc a los hòmens de grat, car no só home ric ni senyor de ciutat;</p> <p>per què no m'encolpets, ans m'hajats excusat. Bé us dic, si eu fos senyor d'emperi o regnat,</p> <p>tant del meu hi donara tro que fos acabat; mas home qui quic pauc dóna no és bé escoltat.</p>	<p>XVIII</p> <p>– Dom eremita, estejais certo que nunca mais a cobiça de dinheiro ou de honras em mim habitou, e, neste negócio, de meu patrimônio tenho tantas vezes despendido, e tão largamente, que todos os meus filhos estão em pobreza. Logo, de avareza não devo ser acusado nem posso dar aos homens de bom-grado, pois não sou um homem rico, nem senhor de cidade.</p> <p>Por isso, não me culpais, mas me desculpais. E bem vos digo: se fosse senhor de império ou reino, daria tanto do meu até que acabasse, mas o homem que dá pouco não é bem escutado.</p>	<p>205</p> <p>210</p> <p>215</p>
<p>XIX</p> <p>– Ramon, glòria vana fa hom a si amar, per ço que hom faça de si les gents parlar, dient de hom llausors, per ço que els sia car e que l'amen e l'honren en sovint nomenar.</p> <p>On, si vós treballats per vós meteix llausar, ergull, glòria vana vos fan tant menysprear a cells ab qui volets vostre fait acabar que no us dényen veser ni us volon escoltar, car null fait tan honrat, vil hom no deu menar,</p> <p>e tot home és vil e està en pecar qui mais que no li tany se vulla far honrar. Per què de vostre tort vullats null encolpar.</p>	<p>XIX</p> <p>– Ramon, a vanglória faz o homem se amar para que de si faça as gentes falarem, dizendo dele louvores, para que seja estimado e que o amem e honrem-no ao ser nomeado frequentemente.</p> <p>Logo, se trabalhais para louvar a vós mesmos, orgulho e vanglória vos fazem menosprezado por aqueles com que desejais vosso feito terminar, e eles nem desejam vos ver nem vos escutar, pois nenhum feito tão honrado, um homem vil deve fazer, e todo homem é vil e está em pecado se deseja se fazer honrar mais do que lhe pertence. Por isso, de vossos erros desejais alguém culpar.</p>	<p>220</p> <p>225</p>
<p>XX</p> <p>– N'ermità, eu no sai per qual entenció vós havets de mi tanta mala estimació; car ans deu hom haver bona presumpció d'home qui no coneix que mala opinió. E per què no us pensats que a fait qui és tan bo se pusca tot donar home qui pauc ni pro no valla en lo fait? Car, si eu tot mal só, segons que ho requer natura e raó, tractara lo contrari; e, si Déus me perdó, anc mais en mon coratge entenció no fo que per haver llausors parlàs d'aital sermó; car en hom pecador null llaus pot ésser bo.</p>	<p>XX</p> <p>– Dom eremita, eu não sei por qual intenção tendes de mim tão má reputação, pois antes o homem deve ter boa presunção de quem não conhece, que má opinião. E por que vós pensais que a um feito tão bom se possa dar um homem que nada valha ao feito? Pois, se em tudo sou mau, segundo o que requer a natureza e a razão, trataria o contrário. Mas se Deus me perdoou, nunca mais existiu intenção em meu coração de obter louvores ao falar tal sermão, pois no homem pecador nenhum louvor pode ser bom.</p>	<p>230</p> <p>235</p> <p>240</p>
<p>XXI</p> <p>– Ramon, per aventura vós no sòts conegut, e per ço podets ésser en lo fait decebut; car null tresor qui sia en terra abscondut</p> <p>no es cové que sia desirat ni volgut. On, si vostre saber no és apercebut, co us pensats que per ço ne siats cregut? Mas mostrats què sabets, per ço que vos ajut vostra art e saber; car hom desconegut no ha, per ignorar, honrament ni vertut.</p>	<p>XXI</p> <p>– Ramon, porventura vós não sois conhecido, e por isso podeis, no feito, estar decepcionado, pois a nenhum tesouro que na terra esteja escondido convém que seja desejado ou apetecido. Logo, se vosso saber não é percebido, como pensais ser reconhecido? Mostrais que sabeis, para que vos ajudem vossa <i>Arte</i> e saber, pois o homem desconhecido não tem, por ignorar, honramento ou virtude.</p>	<p>245</p>

<p>car, en perdre lo bé, fora lo mal dessé causa al demostrar, qui contra el mèrit ve, lo qual hom ha per creure veritat que no es vè</p> <p>per força d'argument, ans solament per fe. Encara, que l'humà entendre no conté tota vertut de Déu, qui infinida es manté tant que causa finida tota ella no té. Per què vostra raó no par que valla re, e car no us consolats, faits ço que es descobé.</p>	<p>e ao se perder o bem, o mal imediatamente seria causa da demonstração contra o mérito que existe no homem que crê na verdade que não se vê</p> <p>por força do argumento, somente pela fé. E mais: o entendimento humano não compreende toda a virtude de Deus, que se mantém infinita, tanto que ela não tem causa finita. Por isso, vossa razão não parece valer nada, e como não vos consolais, fazeis o que não convém.</p>	<p>295</p> <p>300</p>
<p>XVI</p> <p>– N'ermità, si hom fos a si meteix creat, ço que entenets provar contengra veritat; mas, car Déus creà home, perquè en sia honrat,</p> <p>qui és pus noble fi e ha mais d'altetat que la fi que hom ha en ésser gloriat, no val vostra raó: e ja és damunt provat, que la fe es pot provar, si bé havets membrat; e, si bé es pot provar, no es segueix que creat</p> <p>contenga e comprena trastot l'ens increat, mas que n'entén aitant, con a ell se n'és dat, per ço que hom haja de Déu plena bontat, son membrar e entendre, poder e volentat.</p>	<p>XXVI</p> <p>– Dom eremita, se o homem tivesse se criado, o que tentais provar conteria a verdade, mas como Deus criou o homem para que fosse honrado,</p> <p>que é um fim mais nobre e mais elevado que o fim que o homem tem em ser glorificado, não vale vossa razão. E já foi acima provado que a fé se pode provar, se estais bem recordado. E se bem se pode provar, não segue que algo criado</p> <p>contenha e compreenda todo o ente increado, mas que entenda tanto quanto a ele é dado, para que o homem tenha de Deus sua vontade, sua lembrança, entendimento, poder e bondade.³⁴⁴</p>	<p>305</p> <p>310</p>
<p>XXVII</p> <p>– Ramon, com vos pensats que hom, per preïcar, pogués los sarrains adur a batejar? Car, segons que Mafumet ha volgut ordenar, qui diu mal de sa llei no pusca escapar</p> <p>e que aitals raons no vullen disputar; per qué a mi no par utilitat lo anar. Encar que hom no sabia la llur llengua parlar, qui és llenguatge aràbic, e per enterpretar no poria ab ells negun bé enançar; e si el llenguatge aprèn, porà-hi trop trigar. Per què us do de consell que anets Déu pregar, en una alta montanya ab mi Déu contemplar.</p>	<p>XXVII</p> <p>– Ramon, como pensais que o homem, por predicar, pudesse levar os sarracenos a se batizar? Pois, segundo o que Maomé desejou ordenar, aquele que falar mal de sua lei³⁴⁵ não poderá escapar,</p> <p>e tais razões não desejará disputar.³⁴⁶ Por isso, não me parece útil viajar.³⁴⁷ E mais: o homem não saberia falar, a língua árabe, e por interpretar não poderia com eles nada avançar, e se a língua aprendesse, muito poderia demorar. Por isso, vos aconselho que vades a Deus pregar, em uma alta montanha comigo Deus contemplar.</p>	<p>315</p> <p>320</p>
<p>XXVIII</p> <p>– N'ermità, els sarrains son en tal estament, que cells qui són savis, per força d'argument</p> <p>no creen en Mafumet; ans tenen a nient l'Alcorà, per ço car no visc honestament. Per què aquells venrien tost a convertiment, si hom ab ells estava en gran disputament, e la fe los mostrava per força d'argument,</p>	<p>XXVIII</p> <p>– Dom eremita, os sarracenos estão em tal estamento que aqueles que são sábios, por força do argumento, não crêem em Maomé, antes desprezam o Corão, porque ele não viveu honestamente. Assim, eles viriam à conversão rapidamente se estivessem com eles em grande disputa, e lhes mostrassem a fé por força do argumento,</p>	<p>325</p> <p>330</p>

³⁴⁴ A edição de Batalla altera a ordem dessa seqüência: "...para que o homem tenha de Deus sua bondade / sua lembrança, entendimento, poder e vontade". No entanto, adotamos a ordem exposta em OE, que coloca a vontade em primeiro lugar –, pois é a seqüência costumeiramente adotada pelo filósofo. Veja, por exemplo, a *Árvore da Ciência*, 5, 3 (OE 1, 617).

³⁴⁵ Em OE, não há "...de sua lei".

³⁴⁶ Em OE, "escutar" ao invés de "disputar".

³⁴⁷ No original "anar" (ir).

<p>XXXII – N'ermità, si fossen pauc li preicador, e li clergue seglar e li frare menor, e encara li monge, tant abat e prior,</p> <p>ço que vos havets dits fóra consell mellor. Mas car en nostra fe ha mant hom de valor</p> <p>qui desiren morir per far a Déu honor, e qui poden bastar e a tuit nós e a llor, per ço hai desplaer, car cells qui són major no fan ço que deuen en dar de Déu llausor.</p> <p>Si els paires convertits no han a la fe en cor, hauran-la llurs infants; e disets gran follor, car null hom no perd, si mor pel Creador.</p>	<p>XXXII – Dom eremita, se fossem poucos os pregadores, os clérigos seculares e os frades menores, e, além disso, os monges, tanto abades quanto prios, o que vós dissestes seria o melhor conselho. Mas como ainda há em nossa fé muitos homens de valor que desejam morrer para fazer a Deus honor, e que podem bastar a todos nós e a eles, tenho desprazer, pois aqueles que são maiores não fazem o que devem para dar a Deus louvor. E se os padres convertidos não têm fé no coração,³⁴⁸ tenham-na suas crianças. E dissestes grande loucura, pois nenhum homem perde se morre pelo Criador.</p>	<p>375</p> <p>380</p>
<p>XXXIII – Ramon, segons que auig dir, mant hom és anat</p> <p>preicar als sarrains e pauc han enançat, e encara als tartres, d'on són marvellat can així estats forts en vostra volentat; car de tot fait on hom se sia fadigat, e majorment con veets que tants l'han assajat,</p> <p>se deu hom departir, pus que sia assenyat, e, si no se'n parteix, fa's hom tenir per fat.</p> <p>Per què us consell, germà, que hajats pietat de vostre cor mateix, que tant havets ujat, e estats en un lloc on sia reposat, e dels vostres damnatges estiats consolat.</p>	<p>XXXIII – Ramon, segundo o que ouvi dizer, muitos homens têm ido predicar aos sarracenos e poucos têm progredido, e também aos tártaros. Por isso estou maravilhado de como estais forte em vossa vontade, pois de todo o feito do qual se esteja fatigado, principalmente quando se vê que tantos o têm tentado, deve-se abandonar, ainda mais se for sensato; e, se não abandona, faz com que o tenham por louco. Por isso, vos aconselho, irmão, que tendes pietade de vosso próprio coração, que tanto haveis afligido, e ides para um lugar onde fiqueis repousado e dos vossos danos estejais consolado.</p>	<p>385</p> <p>390</p> <p>395</p>
<p>XXXIV – N'ermità, cell qui vol molt servir e honrar</p> <p>son bon senyor no el deu per nulla res lleixar, ni d'ell bé a servir no es deu mai enutjar. Mas car en vostre cor ha fretura d'amar, no sabets vós meteix ni altre consellar; car si hom en un temps no pot fait acabar</p> <p>en altre ho porà far, si bé lo sab menar; e qui bon fait comença no l'ha a començar, e si els primers fan pauc, altres poran molt far.</p> <p>Per qué us prec, per mercè, que mi lleixets estar, car no em par que ab vós pogués res guasanyar, ans on mais me disets, mais me faits entristar.</p>	<p>XXXIV – Dom eremita, aquele que muito deseja servir e honrar seu bom Senhor não deve por nada deixar, nem de servi-Lo bem deve se enfadar. Mas como em vosso coração há ausência de amar, não sabeis a vós mesmo nem a outro aconselhar; pois se um homem em um tempo não pode seu feito acabar em outro o poderá terminar, se bem o souber guiar; e quem um bom feito começa, não o consegue principliar. E se os primeiros fazem pouco, os outros poderão completar. Por isso, vos peço, por mercê, que me deixeis estar, pois não me parece que convosco possa algo ganhar, pelo contrário, quanto mais me dizeis, mais me</p>	<p>400</p> <p>405</p>

³⁴⁸ Em OE, "amor à fé".

	fazeis contristar.	
<p>XXXV Ramon s'enfellowí, e no volia ausir l'ermità, qui el pregava con se degué jaquir del gan dol que menava, e comença a dir: «Senyor Déus gloriós! Ha al món tal martir com aquest que sostenc, con tu no pusc servir? Car no hai qui m'ajut, com pusca romanir esta art que m'has dada, d'on tant de bé es pot seguir, la qual tem que es perdrá, après lo meu fenir, car null hom no la sab bé, segons mon albir, ni eu no pusc forçar null hom d'ella ausir. Ai las! Si ella es perd, a tu què porai dir qui la m'has donada per ella enantir?»</p>	<p>XXXV Ramon se enfureceu, e não desejava mais escutar o eremita, que lhe pregava como deveria deixar a grande dor que trazia, e começou a falar: «- Senhor Deus glorioso! Há no mundo tal martírio como este que suporto quando a Ti não posso servir? Pois não há quem me ajude para que possa continuar essa <i>Arte</i> que me foi dada, de onde tanto bem se pode seguir, a qual temo que se perderá após meu fim, pois nenhum homem a sabe bem, segundo meu arbitrio, nem eu posso forçar ninguém a escutá-la. Ai de mim! Se ela se perde, o que Te poderia dizer, que a deus a mim para ela enaltecer? »</p>	<p>410</p> <p>415</p> <p>420</p>
<p>XXXVI - Ramon, li filosof qui foren antigament, d'esta art, que tu has, no agren coneixent; per què apar no sia de gran profitament; e, si ella fos vera, fóra al començament per ells atrobada, car llur enteniment fo pus alt que lo teu. Emperò si eu ment e que l'hages haüda de Déu, fas falliment com tems que après ta mort ella vinga a nient, car tot ço que Déus dóna ve a bo compliment. Encara, que els antics, dementre eren vivent, les arts que faien no hagren estament, enans són exalçades per li altre següent.</p>	<p>XXXVI - Ramon, os filósofos que existiram antigamente, desta <i>Arte</i>, que tu³⁴⁹ tens, não tiveram conhecimento; porque parece que não seja de grande aproveitamento. E se ela fosse verdadeira, seria no princípio por eles³⁵⁰ encontrada, pois seu entendimento foi mais elevado que o teu. Contudo, se eu minto, e tiveste a ajuda de Deus, cometes falta quando temes que após tua morte ela acabe, pois tudo o que Deus dá chega a um bom cumprimento. Além disso, os antigos, enquanto eram vivos, nas artes que fizeram não tiveram exaltação³⁵¹, mas foram exaltados por seus sucessores.</p>	<p>425</p> <p>430</p>
<p>XXXVII Consolar-se volc Ramon, emperò felló fo, quan ve que l'ermità havia opinió que els filosofos antics, en los quals fe no fo, sien estats començ de tot ço qui és bo coneixent Trinitat e Encarnació; car filosof antic no hac opinió que en Déu fos trinitat, ni ab hom unió, ni l'obra que ha en si Déus per producció no amà ni conec. E dons, per qual raó li filosof antic hagren mais de visió en llur enteniment, que aquells que après són, qui han llig e creença de resurrecció?</p>	<p>XXXVII Ramon desejou consolar-se, mas se irritou quando viu que o eremita tinha opinião que os filósofos antigos, nos quais a fé não existia, tinham sido o princípio de tudo que é bom, conhecendo a Trindade e Encarnação,³⁵² pois estes filósofos antigos não tinham opinião que Deus fosse Trindade, nem com o homem união, nem a obra que Deus tem em Si por produção amavam ou conheciam. Então, por qual razão os filósofos antigos tiveram mais visão em seu entendimento que aqueles que vieram depois, que têm lei e creença na ressurreição?³⁵³</p>	<p>435</p> <p>440</p>

³⁴⁹ Mudança da 2ª pessoa do plural para a 2ª pessoa do singular, na fala do eremita.

³⁵⁰ Em OE, "...pelos filósofos".

³⁵¹ Na edição de Batalla, "...não tiveram estamento". Contudo, optamos pelo texto de OE, pois nos parece que é esse o sentido proposto por Ramon.

³⁵² Em OE, "...conhecendo Deus, a Trindade e a Encarnação".

<p>XXXVIII – Ramon, no pusc dir res d'on sies consolat.</p> <p>Entén esta raó e no sies irat: en què n'és Déus si el món no és en bo estat?</p> <p>car no lleva ni baixa a ell quant és creat, con sia en si complit, no havent necessitat</p> <p>de nullla creatura. D'on deus ésser pagat del compliment que Déus ha en si per sa bontat,</p> <p>e tu, foll, estàs trist, quaix si Déus fos mirvat</p> <p>per lo mal estament en què el mon és trobat. Foll! Com no t'alegres en plena deïtat?</p> <p>E git a no cura tot ço qui és creat, per ço que a ton cor bast Déus complit, no mermat?</p>	<p>XXXVIII – Ramon, nada posso dizer para que fiqueis³⁵⁴ consolado.³⁵⁵</p> <p>Entende esta razão e não fiqueis irado: em que Deus é afetado se o mundo não está em bom estado?</p> <p>Pois nada do que foi criado O eleva ou O rebaixa, já que Ele é em Si completo, e não tem necessidade</p> <p>de nenhuma criatura. Logo, deveis ser grato do cumprimento que Deus tem em Si por Sua bondade;</p> <p>e tu,³⁵⁶ louco, estàs triste, quase como se Deus fosse diminuído pelo mal estado em que o mundo se encontra. Louco! Como não te alegras com a plenitude da deidade?</p> <p>Despreocupa-te com tudo que foi criado, para que a teu coração baste Deus completo, não minguido.</p>	<p>445</p> <p>450</p> <p>455</p>
<p>XXXIX – N'ermità, mal me fa lo vostre consolar.</p> <p>Que fo fort aquell punt on vos poguí trobar! E si no fos que tem vergonya e mal estar,</p> <p>de hui mais en avant no volgra ab vós parlar. E, doncs, com podets dir que em pusca consolar en veer Déus aunir, no servir ni membrar, ni conèixer ne amar? E, si bé pot bastar</p> <p>tot Déus per si mateix, a mon cor per amar no em basta, car no el vei molt fortment bé honrar; e car per tan vils causes lo veig tant menysprear, estaig en desconhort, e no em pusc alegrar; mas en ço que Déus és estaig en confortar.</p>	<p>XXXIX – Dom eremita, mal me faz o vosso consolo. Quão forte foi o momento em que vos encontrei! E se não temesse a vergonha e o mal estar, de hoje em diante não desejaria mais convosco falar.</p> <p>Então, como podeis dizer que possa me consolar ao ver Deus ultrajado, não servido, nem lembrado, nem conhecido, nem amado? E se bem pode bastar Deus por Si mesmo, ao meu coração, por amar, não basta, pois não O vejo muito fortemente honrado;</p> <p>e como por tão vis coisas O vejo tão menosprezado, estou em desconsolo, e não posso me alegrar, mas, no que Deus é, estou confortado.</p>	<p>460</p> <p>465</p>
<p>XL – Ramon, tot quant Déus fa, tot ho fa justament, e, si met en infern li malvat descreent, no devets per tot ço haver desolament; e, car vos sóts irat car Déus fa jutjament,</p> <p>vostra ira és pecat, e fallits malament contra Déu, e amats aquells qui falsament créon contra ver Déu e estan desobeent.</p> <p>E, si en vós fos bo e lleial amament, vos seïets pagat; car Déus dóna turment a cells qui tot dia fan ves el falliment; car home qui bé am no fa rancurament de ço que fa l'amat, pus que ho fa dretamet.</p>	<p>XL – Ramon, tudo o que Deus faz, fá-lo justamente, e se coloca no Inferno o malvado descrente, não deveis³⁵⁷ por isso ter desolamento; mas como estais irado com o que Deus faz justamente, vossa ira é pecado, e falhais mortalmente contra Deus, e amais aqueles que falsamente crêem contra o verdadeiro Deus, e são desobedientes.</p> <p>E se vós fósseis bom e leal amante, seríeis grato, pois Deus dá tormento àqueles que todos os dias fazem faltas; pois o homem que bem ama não cria rancor do que faz o Amado, porque Ele o faz retamente.</p>	<p>470</p> <p>475</p> <p>480</p>

³⁵³ Em OE, "...que têm lei e crença e esperam a ressurreição".

³⁵⁴ Mudança da 2ª pessoa do singular para a 2ª pessoa do plural, na fala do eremita.

³⁵⁵ Em OE, "– Ramon, será que não posso fazer nada para consolar-vos?".

³⁵⁶ Mudança da 2ª pessoa do plural para a 2ª pessoa do singular, na fala do eremita.

³⁵⁷ Mudança de tratamento: da 2ª pessoa do singular para a 2ª pessoa do plural, na fala do eremita.

<p>XLI – N'ermità, eu no em dull per ço que fa el Senyor, ans en tot ço que fa lo llou e lo aor; mas, per ço cal volria que hom li faés honor, e que sobre quant és hom li hagués amor, me dull e mi complanc, e n'estic en tristor; e car vós no sabets d'on ve ma greu dolor, no em sabets conhortar ni donar negun secor. Per què és bo que em llexets estar en ira e plor, e aprenets com siats millor consolador, car fort pauc ne sabets; e ja li pecador per vós mais no valran, car no havets ves llor caritat, con Déus sia d'ells gran perdonador.</p>	<p>XLI – Dom eremita, não me queixo do que faz o Senhor, mas em tudo o que Ele faz, O louvo e O adoro; e por isso, desejaria que o homem Lhe honrasse, e acima de tudo, que Lhe amasse. Assim, dói-me muito, me lamento e estou em tristeza; e como vós não sabeis de onde vem minha grave dor, não sabeis me consolar nem me dar qualquer socorro. Por isso, é bom que me deixeis estar em ira e choro, e aprendais a ser melhor consolador, pois muito pouco sabeis, e os pecadores por vós não valerão, já que não terão vossa caridade, pois Deus é deles grande redentor.</p>	<p>485 490</p>
<p>XLII – Ramon, per ço car am que en gauig estiats, e que ira e dolor en nulla res hajats, vos vull bé consolar e prec-vos que aujats: Déus sofer que lo món sia així malvats, per ço que ell mills pusca perdonar a tots llats; car, on mais ell perdona, mais ha de pietats, e mais li'n cové grat. Per què segur siats que Déus ha a son poble tan alta caritats, que quaix tots los hòmens del món seran salvats; car, si mais non eren li salvats que els damnats, seria sa mercè senes gran caritats: per què en la gran mercè de Déu vos consolats.</p>	<p>XLII – Ramon, como amo que estejais em gozo, e que ira e dor nunca tenhais, desejo vos consolar bem e vos peço que escuteis: Deus suporta que o mundo esteja assim malvado para que Ele melhor possa perdoar por todos os lados, pois quanto mais Ele perdoa, mais existe piedade, e mais Lhe convém gratidão. Por isso, estejais seguro que Deus tem tão alta caridade por Seu povo, que quase todos os homens do mundo serão salvos; pois, se não fossem mais os salvos que os danados, existiria Sua mercê sem grande caridade: por isso consolai-vos na grande mercê de Deus.</p>	<p>495 500</p>
<p>XLIII – N'ermità, tot dia em tenits en parlament, e no em lleixats membrar mon angoixós turment, e faits-ho per ço que git a oblidament l'ira e el desconhort d'on me ve llanguiment; mas res no acabats, e faits advocament mais de gran pietat que de gran jutjament. Per què en açò errats, car en Déu egalment són jutjar e perdonar, segons ordenament de les sues vertuts; car nulla no consent que en sa justícia sia null minvament; per què deu pecador haver gran espavent; e és ço per què eu plor, car no ha honrament.</p>	<p>XLIII – Dom eremita, conversastes comigo todo o dia e não me deixastes lembrar meu angustioso tormento, e o fizestes para que lançasse ao esquecimento a ira e o desconsolo de onde me vem o abatimento; mas não acabastes nada, e fizestes defesa mais da grande piedade que do grande julgamento. Por isso, errastes, pois em Deus igualmente estão o julgar e o perdoar, segundo o ordenamento de Suas virtudes, pois Ele nunca consente que em Sua justiça haja alguma diminuição. Assim, o pecador deve ter grande horror, e é por isso que eu choro, pois não há em Deus honramento.³⁵⁸</p>	<p>505 510 515</p>
<p>XLIV – Ramon, aquells hòmens qui son predestinat</p>	<p>XLIV – Ramon, àqueles homens que são predestinados</p>	

³⁵⁸ Nessa última frase optamos em seguir o texto de OE, pois na edição de Batalla a frase não tem Deus como complemento nominal "...pois não há honramento", o que dificulta o entendimento da idéia.

<p>cové per gran força que els sion salvat, car, si no ho eron, poria ésser mudat lo saber que Déus ha en contrarietat en lo qual mundament no està possibilitat, car, si estar hi podia, no seria acabat lo saber que Déus ha, ans seria mermat; e, car està complit, siats, doncs, consolat en lo seu compliment contra el qual faits pecat,</p> <p>en quant no us conhortats en ço qui és ja jutjat e, per la voler de Déu, enaixí autrejat, com ho sab son saber e ho fa ver veritat.</p>	<p>convém, por grande força³⁵⁹, que sejam salvos, pois, se não o fossem, poderia ser alterado contrariamente o saber que Deus tem, e tal mudança não é possível, pois, se assim fosse, não seria perfeito o saber que Deus tem, mas diminuído. Mas como ele é perfeito, estejais, então, consolado em Sua completude, contra a qual cometeis pecado quando não vos confortais no que já foi julgado, e, pela vontade de Deus, assim outorgado, como o sabe Seu saber, e o faz a verdadeira verdade.</p>	<p>520</p> <p>525</p>
<p>XLV – N'ermità, si fóssets home prou bem lletrat mills sabrerets parlar d'home predestinat, ne hàgrets en oblit de Déu sa llibertat la qual ha en si lex e en quant ha creat, per la qual ha a home donada llibertat co'l vulla molt servir, no que sia forçat, con Déus sia tan bo que es deu servir de grat; lo qual servir no pot si, de necessitat, per hom predestinat fos servit e amat, e fóra hom salvat e no fóra jutjat; car judici no pot ésser sens llibertat, ni llibertat costreny prescits ni predestinat.</p>	<p>XLV – Dom eremita, se fósseis um homem muito bem letrado, saberíeis falar melhor sobre o homem predestinado, nem esqueceríeis a liberdade de Deus, a qual tem em Si mesmo e no que criou. Essa liberdade Ele deu ao homem para que desejasse servi-Lo sem que fosse forçado, pois Deus é tão bom que deve ser servido de bom grado, o qual servir não pode existir por necessidade, nem Deus ser servido e amado pelo homem predestinado, pois o homem seria salvo sem ser julgado, e não pode existir juízo sem liberdade, nem a liberdade constranger precitos ou predestinados.</p>	<p>530</p> <p>535</p> <p>540</p>
<p>XLVI – Ramon, si en vós fos molt gran esperança, si tot lo món està en molt greu balança, del seu mal estament no hàgrets malança; car Déus, qui es tot ple de gran pietança, aportarà lo món en breu en bonança tant que cascun home n'haurà alegria. E que açò sia ver hajats-hi fiança per ço car Déus donà a hom començança, ab mercè e bontat qui há en sa semblança; e si vós per açò no lleixats tristança, no haurets ab bontat ni mercè ni fiança, e serets contra Déu e la sua amistança.</p>	<p>XLVI – Ramon, se em vós a esperança fosse muito grande, e se todo o mundo está num grave desequilíbrio, do seu mal estado, não teríeis desventura; pois Deus, que é pleno de grande piedade, em breve trará ao mundo uma bonança tão grande, que cada homem terá alegria. E para que isso seja verdade, tenhais confiança, porque Deus deu ao homem princípio com mercê e bondade que tem em Sua semelhança. E se vós, por isso, não deixardes a tristeza, não tereis bondade, mercê nem confiança, e sereis contra Deus e a Sua amizade.</p>	<p>545</p> <p>550</p>
<p>XLVII – N'ermità, ans que el món sia en bon estament, serà fait a Déu molt gran avilament; encara que no veig far null ordenament con lo temps sia prop, car ço que en cort present lo Papa e els cardenals no ho prénon mantinent,</p>	<p>XLVII – Dom eremita, antes que o mundo esteja em bom estado será feito grande vitupério ao verdadeiro Deus. E mais: não vejo fazerem nenhum ordenamento para que os tempos sejam próprios, pois o que apresento na Corte, ao Papa e os cardeais, eles não o fazem</p>	<p>555</p>

³⁵⁹ Em OE, "...convém, por fina força".

<p>ans ho van allongant; d'on hai marriment</p> <p>tant, que no en pusc haver negun consolament; car ço que eu los present mostra tot clarament l'ordenament del món, qui es pot far molt breument,</p> <p>e no ho tenen a re, ans se'n fan gabament</p> <p>com si eu fos home fat qui parlàs follament; per què d'aitals hòmens hai desesperament.</p>	<p>rapidamente, pelo contrário, o vão protelando. Por isso, tenho grande langor, tanto que não posso ter nenhum consolo, pois o que os apresento mostra tão claramente o ordenamento do mundo, que se poderia fazer brevemente, e não o consideram, e fazem escárnio como se eu fosse um homem louco que falasse loucamente, por isso, de tais homens tenho desespero.</p>	<p>560</p>
<p>XLVIII</p> <p>Consirà l'ermità si per res poria aconhortar Ramon, qui tan fort planyia; per ço dix a Ramon:– Que sancta Maria, e ab ella ensems cascuna jerarquia dels àngels e los sants, prègon nit e dia a Jesurist, son fill, que per mercè sia que en breu do al món ordenament e via,</p> <p>en ell onrar, servir. Per què açò us deuria consolar, Ramon, car Crist toda via fa ço d'on és pregat per sa maire pia, per los àngels e els sants; per què us prec ço sia</p> <p>conhort vostre, e gauig ab vós d'hui mai estia.</p>	<p>XLVIII</p> <p>O eremita considerou se de algum modo poderia consolar Ramon, que tão forte lamentava; e disse a Ramon: – Que Santa Maria, e juntamente com ela cada hierarquia dos anjos e dos santos, pedia noite e dia a Jesus Cristo, Seu filho, que por Sua mercê desse ao mundo, em breve, ordenamento e caminho para honrá-Lo e servi-Lo. Por isso, vós deveríeis vos consolar, Ramon, pois Cristo sempre faz o que é pedido por Sua piedosa mãe, pelos anjos e santos; pelo que vos peço que tenhais vosso consolo, e que o gozo esteja convosco.</p>	<p>565</p> <p>570</p> <p>575</p>
<p>XLIX</p> <p>– N'ermità, can consir que la Dona d'amor, e Dona de valor, de just, de pecador, e cascú dels sants prèquen nostre Senyor con tot lo món faça a Jesucrist honor, e veig , que lo món li fa tanta de deshonor, adoncs en cuit morir d'ira e dolor, e car són tan indigne li malvat peccador, que Déus quaix no sosté que hom prec per llor;</p> <p>e enaixí lo món roman en sa error, e quaix no és qui de Déu vulla donar llausor, ans llausa si mateix, son fill e son auster; doncs, qui deuria haver null gauig sinó tristor.</p>	<p>XLIX</p> <p>– Dom eremita, quando considero que a Senhora do amor e Senhora do valor, do justo e do pecador, e cada um dos santos pedem a Nosso Senhor para que todo o mundo faça a Jesus Cristo honor, e vejo que o mundo Lhe faz tanta desonra, então penso em morrer de ira e dor, pois são tão indignos os malvados peccadores, que Deus quase não suporta que o homem peça por ele, e assim o mundo permanece em seu erro, e quase não existe quem a Deus queira dar louvor, e sim, louvam a si mesmos, seus filhos e seu açon. Portanto, quem deveria ter gozo e não tristeza?</p>	<p>580</p> <p>585</p>
<p>L</p> <p>– Ramon, a mi no par siats hom pacient, per ço car per re volets consolament. E com no membrats Job, qui tant fo perdent e qui en sa persona sostenc tant de turment, e esdevenc tan paubre que en si no hac nient? Emperò consolà's, e vos per res vivent no us volets consolar, e estats sanament, e havets heretat, diners e vestiment, infants e d'altres causes d'on hom ha pagament;</p> <p>e car a Déu no plau home impacient, no sosté que per vos vengua a compliment lo seu fait que menats que haja honrament.</p>	<p>L</p> <p>– Ramon, não me parece que sejais um homem paciente, e por isso não tereis consolo por nada. E por que não lembrais de Jó, que perdeu tanto, suportou tantos tormentos e se tornou tão pobre que não tinha nada para si? Contudo, consolou-se, e vós, por nada vivo desejais vos consolar, e estais são, e tendes herdade, dinheiro e vestimentas, filhos e outras coisas nas quais o homem tem satisfação. E como a Deus não apraz um homem impaciente, não suporta que por vós tenha cumprimento o feito que conduzes, nem que tenhais honramento.</p>	<p>590</p> <p>595</p> <p>600</p>

<p>LI – N'ermità, no és molt si hom és consolat en perdre sos infants, diners ou heretat, e en estar malalt, pus que a Déus ve de grat. Mas, qui es consolarà que Déus sia oblidat, menyspreat, blastomat, e tan fort ignorat, com de tot ço sia Déus fortment despapat?</p> <p>Encar que no sabets con eu sui menyspreat per Déu, ferit, maldit e greument blastomat, e en perill de mort, e per barba tirat, e per vertut de Déu pacient sui estat; mas que Déus sia al món tan pauc graït, honrat, no és hom en lo món qui me'n fes conhortat.</p>	<p>LI – Dom eremita, não é muito se o homem está consolado em perder seus filhos, dinheiro ou herdades, e em estar doente, pois isso agrada a Deus. Mas, quem pode se consolar por Deus ser esquecido, menosprezado, blasfemado e tão fortemente ignorado, e que Deus com tudo isso esteja fortemente descontente? E mais, não sabeis como eu fui menosprezado por Deus, ferido, amaldiçoado, e gravemente blasfemado, em perigo de morte e a barba cortada, e por virtude de Deus fui paciente; mas por Deus ser tão pouco agradecido e honrado pelo mundo, não existe homem no mundo que me deixe consolado.</p>	<p>605</p> <p>610</p>
<p>LII – Ramon, segons que em par, tu fas tot ton poder con Déus per tot lo món honor poguès haver; per què Déus just te'n deu aitant de grat haver, con si el fait se complia. Per què et deurà valer aiçò a consolar e ton dol remaner; car mèrit n'haràs gran, e pots n'haver esper de molt gran guasardó; e gita a noncaler lo falliment dels folls que a Déu fan desplaer, e alegra't en tu e en ton captener, e no sies trop forts en ço que vols haver, ni en ço car fos altres no fan a ton voler; e a tu abast Déus per amar e témer.</p>	<p>LII – Ramon, segundo me parece, tu fazes³⁶⁰ tudo o que podes para que Deus possa ser honrado por todo o mundo. Por isso, Deus deve ter por ti grande gratidão como se tivesses cumprido o feito. Isso deverá valer para te consolar, embora tua dor deva permanecer, pois terás grande mérito, e poderás ter esperança de uma grande recompensa. Assim, expulsa com indiferença as faltas dos loucos³⁶¹ que a Deus causam desprazer, alegra-te em ti e em teu comportamento, e não fiques muito inquieto com o que desejas ter, nem porque os outros não fazem tua vontade. Para ti, que baste amar e temer a Deus.</p>	<p>615</p> <p>620</p>
<p>LIII – N'ermità, no és hom creat principalment per ço que haja gran gloriejament: ans és per ço que Déus haja gran honrament en el món per son poble. Per què eu no sui jausent si hai gran guasardó, ni no estaig dolent si n'hai pauc, car no és ço món començament; ans és tota ma ira, mon dol, e marriment, car no és en lo món fait tal ordenament con Déus fos mais amat e honrat per tota gent, e que tot home fos en fe de salvament. E, car vós me volets dar consolament d'açò d'on no es pot dar, parlats-me per nient.</p>	<p>LIII – Dom eremita, não existe homem criado principalmente para ter mérito e glória,³⁶² mas sim para que Deus tenha grande honramento no mundo por Seu povo. Por isso, não estou contente se tenho grande recompensa, nem estou doente se tenho pouco, pois não é meu principio. Mas toda a minha ira, minha dor e melancolia existem porque não foi feito no mundo tal ordenamento para que Deus fosse mais amado e honrado por toda a gente, e que todos os homens tivessem fé na salvação. E, como vós desejais me dar consolação do que não se pode dar, falai-me em vão.</p>	<p>625</p> <p>630</p> <p>635</p>

³⁶⁰ Mudança de tratamento na fala do eremita, da 2ª pessoa do plural para a 2ª pessoa do singular.

³⁶¹ Em OE, "...as faltas dos outros" ("lo falliment dels altres").

<p>LIV – Ramon, qual és lo fait que vós tant desirats, per lo qual en lo món fos Déus tant fort honrats?</p> <p>car poria ésser que en lo fait no siats, e que altre sia al fait que procurats, per lo qual lo món sia a bona fi menats.</p> <p>Car, si altre es lo fait, per nient treballats, e podets treballar, si mil anys viviats, e no vendrets a fi dáçõ on treballats; car hom no pot complir fait on és desviats.</p> <p>Per què us prec que lo fait clarament me digats, e que ambdòs vejam si el fait on vós estats és aquell per què Déus pot ésser mais amats.</p>	<p>LIV – Ramon, qual é o feito que vós³⁶³ tanto desejas, e pelo qual Deus será no mundo tão fortemente honrado?</p> <p>Pois poderia ser que ao feito vós não fôsseis adequado, e que outro ao feito fosse melhor indicado, através do qual o mundo seria a um bom fim levado.</p> <p>Pois, se de outro é o feito, por nada tendes trabalhado, e poderíeis trabalhar, se mil anos vivêsseis, mas não veríeis o fim desejado,³⁶⁴ pois o homem não pode cumprir um feito do qual está desviado.</p> <p>Por isso, vos peço que me digais claramente o feito, e que ambos vejamos se o feito onde vós estais é aquele pelo qual Deus pode ser mais amado.</p>	<p>640</p> <p>645</p>
<p>LV – N'ermità, la manera con Déus fos mais amat, ja la vos hai contada, si bé ho havets membrat: ço és, que el Papa hagués mant valent hom lletrat, qui volguésson per Déu ésser marturiat, per ço que en tot lo món fos entès e honrat;</p> <p>e a cascú d'aquells llenguatge fos mostrat, segons que a Miramar ha estat ordenat, - e consciència n'haja qui ho ha afollat! - e que al passatge fos lo deè donat de tot quant posseeixen li clergue e el prelat; e que açò tant duràs tro que fos conquistat lo Sepulcre. E d'açò llibre n'hai ordenat.</p>	<p>LV – Dom eremita, a maneira como Deus pode ser mais amado já vos contei, se bem o lembrais, isto é, que o Papa tivesse muitos homens letrados³⁶⁵ que, por Deus³⁶⁶, desejassem ser martirizados, para que, em todo o mundo, Ele fosse entendido e honrado.</p> <p>E que a todos eles a linguagem fosse mostrada³⁶⁷, conforme o que em Miramar tem sido ordenado, – e que tenha consciência quem o malogrou! E mais: que à Passagem fosse dado o dízimo de tudo o que possuíssem o clérigo e o prelado, e que isso durasse até que fosse conquistado o Sepulcro. Sobre isso, um livro foi ordenado.</p>	<p>650</p> <p>655</p> <p>660</p>
<p>LVI N'ermità, és encara altre ordenament lo qual serà al passatge gran enantament, e a destruir l'error de la gent: que lo Papa feés que a son uniment venguésson cismàtics per gran disputament, del qual bon disputar havem fait tractament; e els cismàtics cobrats, qui són mant hom vivent, no és hom qui pogués contrastar malament a l'Esgleia, per ferre ni per null argument; e del Temple e Espital fos fait un uniment,</p>	<p>LVI – Dom eremita, ainda existe outro ordenamento, que daria à Passagem um grande avanço para destruir o erro de tanta gente: que o Papa fizesse que a ele viessem os cismáticos para uma disputa, sobre isso fiz um tratado.</p> <p>E com os cismáticos, que são muitos, recuperados, não haveria quem pudesse contrastar maldosamente a Igreja, nem por ferro, nem por nenhum argumento.</p> <p>E que do Templo e do Hospital fosse feita uma união,</p>	<p>665</p> <p>670</p>

³⁶² Em OE, "...para ter grande glória" ("per ço que haja gran gloriejament").

³⁶³ Mudança de tratamento na fala do eremita, da 2ª pessoa do singular para a 2ª pessoa do plural.

³⁶⁴ Em Batalla, "...não veríeis o fim daquilo que trabalhais". Optamos por OE.

³⁶⁵ Em Batalla, "...que o Papa tivesse muitos valentes homens letrados". Optamos por OE e suprimimos a palavra "valente".

³⁶⁶ Em OE, "...por Jesus", significativa diferença entre os manuscritos!

³⁶⁷ "...a linguagem fosse mostrada", isto é, a língua árabe.

<p>Ne per què llai ab mi vós no procurarets lo fait de Jesucrist, pus que mogut l'havets? Ne, si hom vos escarneix, e vós en què en serets? Vós manats a mi far ço que far no volets! Per què em par que en est fait ni en altre no valets.</p> <p>Mas anem a la cort, e en res no dubtets, e no siats d'aquells qui dion: «Senyors, fèts!» ço que ells no farion. Per què d'açò devets ésser envergonyit, e escusa no havets, ans faits hipocrisia, de què pecat havets, e lo bé que havets fait per vergonya perdets.</p>	<p>Por que não procurais comigo o feito de Jesus Cristo, já que o começastes? E se de vós escarnecerem, onde estareis? Vós me mandais fazer o que não desejais! Porque me parece que nem neste feito nem em outro valeis.</p> <p>Mas vamos à corte e de nada duvideis, e não sejais daqueles que dizem: «Senhor, fazei!» o que eles não fariam. Porque disso deveis envergonhar-vos, e desculpa não tereis, e sim fazeis hipocrisia, e por isso pecais, e, por vergonha, perdeis o bem que tendes feito.</p>	<p>710</p> <p>715</p> <p>720</p>
<p>LXI – N'ermità, eu prepòs als sarrains tornar per ço que a la fe los pusca aportar; e vaig sens por de mort, que fa pus lleu portar, que vergonya sofrir, per Jesucrist honrar, la qual en res no tem, ans la deu hom amar. Mas per ço que ma art no fassa menysprear en tenir la manera que ténon li joglar, encar que en altre lloc crei mais de bé a far, per què adés no prepòs a la cort retornar. E car vos tan forment me volets encolpar, pot ésser que ho façats per vós a escusar a anar a la cort; per què ho lleixem estar.</p>	<p>LXI – Dom eremita, eu proponho aos sarracenos voltar para que a fé possa lhes mostrar. E vou sem medo da morte, que é mais leve suportar que sofrer vergonha por Jesus Cristo honrar, e não temo nada, e sim devo amar. Mas para que minha <i>Arte</i> não possam menosprezar por ter a forma que usam os jograis, ainda que creia fazer melhor em outro lugar, agora não desejo à corte retornar. E como vós tão fortemente desejais me culpar talvez o façais para vos desculpar por irdes à corte. Por isso, é melhor nos separarmos.</p>	<p>725</p> <p>730</p>
<p>LXII Penedí's l'ermita con hac Ramon reprès, e dix-li que per ço que ab ell en cort estés, l'havia tan forment enaixí escomès. – Ramon, dix l'ermità, dos anys prepòs o très a estar en la cort, sotsposat que no res hi faça; mas après prepòs que eu tengués per lo món ça e lla, a prelats e marquès, religioses e reis, e fer ço que pogués en menar aquest fait d'on me havets escomès. Mas volgra que en mon lloc altre en cort estegués, e que tot enaixí un tal clergue se'n fes, tro que aquest fait en la cort se presés.</p>	<p>LXII O eremita se arrependeu por ter repreendido Ramon, e lhe disse que, para que fosse com ele à corte, havia tão fortemente assim lhe atacado. – Ramon, disse o eremita, proponho dois anos ou três estardes na corte, supondo que nada ali façais, mas proponho que eu vá pelo mundo, a prelados e marqueses, religiosos e reis, e fazer o que posso para acabar esse feito que me haveis encomendado. Mas desejaria que em meu lugar outro na corte estivesse e que um clérigo se encarregasse³⁶⁹ até que esse feito na corte fosse realizado.</p>	<p>735</p> <p>740</p>
<p>LXIII – N'ermità, dix Ramon, bé havets consirat, car per aital clergue pot ésser acabat lo fait qui és bo e gran a la crestianitat. E digats ça e lla, a reis e a prelat, que si el fait tost no es pren, que ja és ordenat per sarrains que els tartres a ells sion girat, e ja n'han convertits una gran quantitat; e els tartres, convertits en sarrainitat</p>	<p>LXIII – Dom eremita, disse Ramon, bem haveis considerado pois por tal clérigo pode ser terminado o feito que é bom e grande para a Cristandade. E digais aqui e ali, a reis e a prelados, que se o feito não começa rapidamente, que já está ordenado pelos sarracenos que os tártaros a eles sejam</p>	<p>745</p> <p>750</p>

³⁶⁹ Em OE, “E que assim um tal círculo fosse feito”, isto é, um círculo de instigadores dedicados à empresa luliana.

<p>lleu poran destruir quaix tota crestiantat, en tant que no serà cristià ab regnat, ne null prelat haurà cavall gras, sejonat. Vejats, doncs, n'ermità, lo món a què és tornat.</p>	<p>convertidos, e que já converteram uma grande quantidade, e os tártaros convertidos em sarracenos logo poderão destruir quase toda a Cristandade, a tal ponto que não existirá cristão com reinado, e nenhum prelado terá cavalo descansado. Veja, pois, eremita, no que se tornou o mundo.</p>	<p>755</p>
<p>LXIV – Ramon, dix l'ermità, fort volria saber per qual raó se vol Déus així captener del món, qui és seu, e gita al noncaler de la sua bontat; com ho pot sostener que tants pecadors vagen en infern mal haver. Per què us prec, Ramon, que me'n digats lo ver, car on mais me direts, mais sabrai retenir, e lo fait que em lliurats mills porai mantener. Car, pus que elmón fo fait tro ara, a mon parer, si és un home salvat, mil ne són en doler en infern per totstems. E açó, co es pot fer que l'Esgleia ne hom no en fa son poder?</p>	<p>LXIV – Ramon, disse o eremita, muito desejaría saber por qual razão Deus deseja assim se comportar com o mundo, que é Seu, e é indiferente à Sua bondade. E como pode suportar que tantos pecadores vão ter o mal no Inferno. Por isso, vos peço, Ramon, que me digais a verdade³⁷⁰, pois quanto mais me disserdes, mais saberei reter, e o feito que me entregais, melhor poderei manter. Pois desde que o mundo foi feito até agora, a meu parecer, se um homem é salvo, mil estão em dor no Inferno por todos os tempos. E como isso pode ocorrer sem que a Igreja nem os homens façam todo o seu poder?</p>	<p>760 765</p>
<p>LXV – N'ermità, ja us hai dit, si bé vos pot membrar, que Déus mais creà hom per si servir, honrar que per ço que en hom hagués gloriejar. E car hom no està en la fi de crear, en quant mais desira per si procurar salvació que a Déu honrar e benestar, per açó aital hom no pot en grat estar, ans està en pecat, assís en l'abissar. Per què lo món se perd e no es vol despertar, e gens no em meravell si Déus no el vol amar ni si lleixa el demoni en lo món tant mal far, per què del tort que pren se pusca fort venjar.</p>	<p>LXV – Dom eremita, já vos disse, se bem podeis lembrar, que Deus criou o homem mais para servi-Lo e honrá-Lo que para que ele pudesse ser vangloriado. E como o homem não está no fim para o qual foi criado, e mais deseja para si procurar a salvação, que a Deus honrar e o Seu bem-estar, ele não pode em graça estar, e sim está em pecado, e sentado à beira do abismo. Por isso o mundo se perde e não deseja despertar, e não me maravilho se Deus não o deseja amar ou se deixa o demônio fazer tanto mal no mundo para que dos erros que recebe possa fortemente se vingar.</p>	<p>770 775 780</p>
<p>LXVI L'ermità e Ramon presseren comiat e són-se, en plorant, baisat e abraçat, e cascú dix a l'altre que a Déu fos comanat e en oració l'u per l'autre membrat. Al partir s'eguarderon ab molt gran caritat, pietat e dolor e, ab lo genoll ficat, e cascú senyà l'altre e pus, agraciat, lo u es partí de l'altre ab mant sospir gitat, car mais no preposaven que fossen assemblat en est món, mas en l'altre, si a Déu ve de grat. E quan l'u de l'autre se fo un petit llunyat,</p>	<p>LXVI O eremita e Ramon se despediram, e, chorando, beijaram-se e abraçaram-se, e um disse ao outro que a Deus fosse confiado e em oração um pelo outro fosse lembrado. Ao partirem, olharam-se com grande caridade, piedade e dor, e ajoelhados abençoaram-se e agraciaram-se, e um partiu do outro com muitos suspiros, pois não acreditavam que iriam mais se encontrar neste mundo, mas no outro, se a Deus agradasse. Tão logo estiveram um pouco afastados um do outro,</p>	<p>785 790</p>

³⁷⁰ Em OE, "Que me digais vosso saber".

tantost foron cascú per l'altre desirat.	um foi pelo outro fortemente desejado.	
<p>LXVII L'ermità remembrà lo treball e l'afan en què Ramon havia estat en mant an, e encar que es metia en perill qui és molt gran. Al cel llevà sos ulls, mans juntes, genollant, ab gran zel e amor a Déu dix en plorant: – Oh Déus gran, piados, per mercè vos deman que ab vos sia Ramon e que el guardets de dan! A vós, Déus poderós, amic Ramon coman, e al món trametets hòmens que hagen talant de mort per vostra amor, e qui vagen mostrant veritat de la fe, per lo món preïcant, segons que ja Ramon ho va bé començant.</p>	<p>LXVII O eremita lembrou o trabalho e o esforço que Ramon havia feito por muitos anos, e, além disso, expunha-se a muitos perigos. Levantou seus olhos aos céus, uniu suas mãos, ajoelhou-se, e com grande zelo³⁷¹ e amor, a Deus disse em prantos: – Oh Deus grande³⁷², piedoso, por mercê Vos peço que convosco esteja Ramon e que o protejais dos danos! A Vós, Deus poderoso, confio meu amigo Ramon, e ao mundo enviai homens que tenham disposição para morrer por Vosso amor, e que mostrem a verdade da fé, pelo mundo pregando, segundo o que Ramon muito bem começou.</p>	<p>795</p> <p>800</p>
<p>LXVIII Quan Ramon remembrà la molt gran tempestat en la qual llongament hac estat tabuixat e membrà l'ermità que a ella s'era dat, adoncs plorà molt fort e hac d'ell pietat, e dix a Jesucrist, mans juntes, genollat: – Oh vós, ver Déus e hom, per qui eu hai treballat con fóssets per lo món conegut e amat! Si a dretura plau que vós me n'hajats grat, plàcia-us que l'ermità sia remunerat, pus que s'és mès tan fort en ma societat, e faits per ell complir ço on ay pauc enançat, e a mi ajudats a enançar crestiantat.</p>	<p>LXVIII Quando Ramon lembrou a grande tempestade sob a qual por longo tempo esteve transtornado, e lembrou-se do eremita que a ela se lançou, então chorou muito e teve piedade dele, e, mãos juntas, ajoelhado, disse a Jesus Cristo: – Oh Vós, verdadeiro Deus e homem, por quem eu trabalhei para que fósseis conhecido e amado pelo mundo! Se ao direito apraz que por mim vós tenhais gratidão, peço-vos que o eremita seja recompensado, pois ele se pôs tão forte em minha companhia, e façais com que ele cumpra o que pouco avancei, e me ajudeis a expandir a Cristandade.</p>	<p>805</p> <p>810</p> <p>815</p>
<p>LXIX Fenit lo desconhort que Ramon ha escrit; en lo qual del món l'ordenament ha dit e en rimes posat, per ço que no s'oblit; car poria ésser que mant home ardit se metra en lo fait, tro que sia complit ço que tant ha Ramon al Papa requerit. Car si per lo Papa lo fait és establhit e que li cardenal hi hagen consentit, poran ésser del món tot li mal departit, e tot lo món serà a Déu tant abellit que a la fe crestiana no serà contradit. Aquest bell desconhort do al Sant Espirit.</p>	<p>LXIX Findo está o <i>Descansolo</i> que Ramon escreveu, no qual disse o ordenamento do mundo, e em rimas pôs para que não seja esquecido, pois poderia ser que muitos homens corajosos ponham-se no feito, até que seja cumprido o que tanto Ramon requereu ao Papa. Pois se pelo Papa o feito fosse estabelecido e os cardeais³⁷³ o consentissem, poderiam do mundo fazer todo o mal partir, e todo o mundo seria tão atraído para Deus que a fé cristã³⁷⁴ não seria refutada. Este <i>Descansolo</i> confio ao Espírito Santo</p>	<p>820</p> <p>825</p>
Aquest desconhort canta's en lo so de Berart	Este <i>Descansolo</i> canta-se ao som de <i>Berart</i> .	

³⁷¹ Em OE, “piedade”.

³⁷² Em OE, “humilde”.

³⁷³ Em OE, “e cada um dos seus freires tenham consentidos”.

³⁷⁴ Em OE, “a fé romana”.

O Concílio (1311)

Ramon Llull (1232-1316)

Trad.: Tatyana Nunes Lemos e Ricardo da Costa (Ufes)

<p>I</p> <p>Un concili vull començar en mon coratge, a xantar per ço que faça enamorar tots cells qui ho poden far per Déu servir e lo Sepulcre conquerir: molt ho desir!</p>	<p>I</p> <p>Um Concílio desejo começar em meu coração, e cantar para que faça enamorar todos aqueles que o podem fazer para a Deus servir e o Sepulcro conquistar: muito o desejo!</p>	<p>05</p>
<p>En concili tan gran siats e tan bellament ordenats que Déu ne sia molt honrats e mant hom ne si salvats. E tot lo món en llong e ample e en pregon n'haja aon.</p>	<p>No Concílio estareis tão grandes e tão belamente ordenados, que Deus será muito honrado e muitos homens serão salvos, e todo o mundo em sua longitude, amplitude e profundidade será abarcado.</p>	<p>10</p>
<p>En concili no façats for per argent, castell ne per or; temets-ho com seny si que mor, car si havets bo e gran cor, ah, què diran juseu, sarraí, cristian tartres e mant!</p>	<p>No Concílio, não façais lei por prata, castelo ou por ouro, temei-o como um sinal de amor, pois se tiverdes bom e grande coração, ah, o que dirão judeus, sarracenos e cristãos, tártaros e outros!</p>	<p>15 20</p>
<p>En concili no siats dubtós, avar, ni trist, ne pererós; tan forts siats complits d'amors, de sospirs, llàgremes e plors, per bon amar, que Déus vos faça acabar lo seu honrar.</p>	<p>No Concílio, não sejais duvidosos, avaros, tristes ou preguiçosos, sejais tão fortes e completos de amor, de suspiros, lágrimas e prantos pelo bom amor, que Deus vos faça acabar o Seu honrar.</p>	<p>25</p>
<p>En concili hajats consell ab hom ardit e no volpell, a consellar per bon cabdell, e si no havets serets molt bell; car hom vestit de vicis e mal esperit és mal garnit.</p>	<p>No Concílio, tenhais conselho com um homem corajoso, não covarde, recebeis conselho de um bom líder. E se assim fizerdes, sereis muito belo, pois o homem vestido de vícios e mau espírito é mal guarnecido.</p>	<p>30 35</p>
<p>En concili qui us diu de no. de no diu al Senyor del tro, qui per amor en la creu fo. Si ell lo lleixa a bandó al diable, infern serà son estable turmentable.</p>	<p>No Concílio quem vos diz não, diz não ao Senhor do trono, que, por amor, na cruz esteve. E se Ele o abandona ao diabo, no Inferno estará firmemente atormentado.</p>	<p>40</p>
<p>En concili Déus vos ajud, tem-me no siats descebut, car mant home ha lleu volgut alcun bé far qui és recregut al començar. Prec Déus que us vulla amparar</p>	<p>No Concílio, que Deus vos ajude, espero que não sejais enganado, pois muitos homens têm desejado algum bem fazer, mas renunciaram ao começar. Peço a Deus que vos ampare</p>	<p>45</p>

ab bo amar.	com bom amor.	
En concili ans que parlets guardats en quals començarets, en tots hòmens no vos fiets car mant home no està drets. Ah, bon amic, savi és qui por altre es castic e tem destric!	No Concilio, antes que faleis, guardais por onde principiareis: em todos os homens não vos fieis, pois muitos homens não estão direitos. Ah, bom amigo, sábio é aquele quem por outro é castigado e sofre dano!	50 55
En concili lo pec moltó engana el llop e lo lleó a la volp engana al capó e mant hoc és pijor que no. Si no us guardats per mant hom serets enganats e menyspreats.	No Concilio, o ignorante carneiro engana o lobo e o leão, e a raposa engana o capão, e muito sim é pior que o não. Se não vos guardais, por muitos homens sereis enganados e menosprezados.	60
En concili guardats la fi de Déu, qui està lo camí de paradís, verai fi; e si hi anats vespre e matí segur irets, barat ne tort, mal no tembrets, perfait serets.	No Concilio, guardais o fim de Deus, quem está no caminho do Paraíso, verá o fim. E se aí fordes, pela véspera e manhã, ireis seguro, fraude nem erro, mal não temereis, e perfeito sereis.	65 70
II Del Papa Sènyer en Papa quint Clement, qui estats senyor de tanta gent, faits que el concili sia breument si trop hi faits d'allongament parrà barat, e Deus vos en haurà desgrat: serets jutjat.	II Do Papa Senhor Dom Papa Clemente Quinto, que sois senhor de tanta gente, fazeis que o Concilio ocorra rapidamente, se o prolongardes longamente parecerá fraude, e Deus vos terá em desgraça: sereis julgado.	75
Sènyer en Papa, què farets? Vostre concili honrar l'hets. Si no hi faits tot quanto porets per tot lo món blasmat serets, e, mal volgut, mostrarets siats recresut, e és perdut.	Senhor Dom Papa, o que fareis? Vosso Concilio haveis de honrar. Se não fizerdes tudo quanto podeis por todo o mundo blasfemado sereis e mal querido, mostrareis que sois fracassado e estareis perdido.	80
Sènyer En Papa, que farà lo gran poder qui en vós està? Si no li faits far quant porà, a Jesucrist se'n clamarà fortment de vós, e car no vol sia occiós, e és raisós.	Senhor Dom Papa, que fará o grande poder que em vós está? Se não fazeis o quanto podeis, Jesus Cristo clamará fortemente de vós, pois não deseja que sejais ocioso, e tem razão.	85 90
Sènyer En Papa, tal vos riu que volria no fóssets viu! Guardats que no siats altiu al concili, qui està riu e bon camí per què hom va a bona fi ab voler fi.	Senhor Dom Papa, sois tão generoso que desejaria que não fósseis viu! Resguardai-vos para não serdes altivo no Concílio, que é rio e bom caminho para chegar a um bom fim com vontade.	95
Sènyer En Papa, per lo món en llong, ample e pregon	Senhor Dom Papa, pelo mundo em sua longitude, amplitude e profundidade	100

vostre poder hi és entorn; perquè sent Pere n'ha sojorn hajats-lo vós; no siats avar, pererós, mas llarg e pros.	vosso poder está ao redor. Pois São Pedro não tem descanso, tende-o vós, não sejais avaro e preguiçoso, mas largo e virtuoso.	105
Sènyer En Papa, faits preicar la santa fe e mostrar clar perquè véngon a batejar tuit l'infescl e per salvar; e eu sai raisons contra què no val llurs sermons; dats-hi perdons.	Senhor Dom Papa, fazei predicar a santa fé, e claramente mostrá-la, para que sejam batizados todos o infieis, e sejam salvos. E eu sei razões contra as quais não valem seus sermões, dai-lhes perdões.	110
Sènyer En Papa, eu m'escús al bon rei, salvarre Jesús, que eu vos n'he pregat ça jus que el concili pujets en sus. Al jutjament dirai que al Papa Climent ho fui dient.	Senhor Dom Papa, eu me escuso ao Bom Rei, Salvador Jesus, a quem roguei aqui embaixo, para que o Concílio seja elevado. No dia do Julgamento, direi que ao Papa Clemente eu recorri.	115
Si el concili no és ni val paor hai que n'isca gran mal e qui dirà: Res no me'n cal, crei que irà en mal hostal tots mals sofrir, pena e dan sen penedir, e sens eixir.	Se o Concílio não existir nem valer, tenho pavor que nasça um grande mal, e quem dirá: "Nada me cabe", creio que irá para uma má morada sofrer todos os males, pena e dano, sem arrependimento e sem saída.	120 125
Sènyer En Papa, Déus pregats que en est pas siats aidats pel Sant Esperit espirats, per Nostra Dona remebrats; e el Déu d'amor ajut a la cuita major per sa honor.	Senhor Dom Papa, a Deus rogais que neste caminho sejais ajudado, pelo Espírito Santo inspirado, por Nossa Senhora relebrado, e que o Deus do amor ajude a essa dificuldade maior por Sua honra.	130
III Dels Cardenals Cardenal és bo cardenil de gran porta bona, humil, per la qual entra hom gentil que ço que fa tot va a fil. Ah, gran nom ha, cardenal, lo poder que ha! Ah, què en farà?	III Dos Cardeais Cardeal é boa fechadura de uma grande porta boa e humilde, pela qual entra o homem gentio e que tudo o que faz vai ao Filho. Ah, grande nome tendes, cardeal, e o poder! Ah, o que fará?	135 140
Cardenal és lo conseller del Papa, e ha lo poder que ha el Papa en son mester, e ço que ensems poden fer. Ah, qual punir, si ells no volen Déu servir! Ah, qui el pot dir?	Cardeal é o conselheiro do Papa, e tem o poder que o Papa tem em seu ofício, e ao mesmo tempo podem fazer. Ah, como punir se eles não desejam a Deus servir! Ah, quem o pode dizer?	145
Si els cardenals han bon consell que el concili sia bo e bell, cascun ab gran gauig s'aparell, car Déus serà tots temps ab ell,	Se os cardeais têm bom conselho que o Concílio seja bom e belo, que cada um com grande gozo se prepare, pois Deus estará com eles todos os tempos,	150

sus en lo cel, Querubin, Querafin e Miquel e Gabriel.	acima no céu, querubim, serafim, Miguel e Gabriel.	
Cardenal que vol destrobar que el concili no es pusca far, lo concili s'irà clamar a Déu, qui el venjará ben car. Las! Què es farà car no li en valdrà puig ne pla ne tot quant ha!	Cardeal que desejar perturbar para que não se possa fazer o Concílio, o Concílio irá clamar a Deus, que o vingará bem caro. Ai! O que se fará? Pois não lhe valerá monte, nem plano, nem tudo quanto há!	155 160
Senyores cardenals, ordenats que cavaller sia triats, religiosos, e si los dats ço del Temple e les potestats d'altres maisós de les altres religiós cavallers bos.	Senhores cardeais, ordenais que cavaleiros sejam escolhidos, religiosos, e lhes sejam dados do Templo e os poderes de outras casas, de outras religiões bons cavaleiros.	165
Tal cavaller vaja estar per tot temps mai en Ultramar, la dècima li faits donar per lo Sepulcre a cobrar; lo gran poder qui haurà, qui lo pot saber? Vullats-ho fer!	Tal cavaleiro deve estar por todos os tempos em Ultramar. O dizimo lhe façais dar para o Sepulcro recuperar. O grande poder que terá, quem o poderá saber? Desejais fazê-lo!	170 175
Cell qui no fa el bé que porà sàpia que Déus se'n venjarà e en far bé null mal farà; car en no far bé mal farà; e, doncs, senyors, puis que el poder està en vós, estiats bos!	Aquele que não faz o bem que poderia saiba que Deus se vingará, e ao fazer o bem, nenhum mal fará, porque ao não fazer o bem, mal fará. Portanto, senhores, já que o poder está em vós, sejais bons!	180
Senyors cardenals, dats a Déu lo vostre poder qui és seu, si no ho faits serà-li greu, poria'us en venir mal lleu. Ah, bé us guardats que son poder no li tollats, car és venjats!	Senhores cardeais, dais a Deus o vosso poder que é Seu, se não o fizerdes, será grave, poderia vos vir rapidamente o mal. Ah, bem vos guardais para que Seu poder não vos oprima, pois é vingativo!	185
Senyors cardenals, ab voler podets tot lo món conquerer ab què donets vostre poder a Déu, e podets-ho lleu fer, pus que us vullats: si no ho faits serà car comprats. Ah, bé us guardats!	Senhores cardeais, com vontade podeis todo o mundo conquistar, dais o vosso poder a Deus, e podeis rapidamente fazer, assim que desejardes: se não o fizerdes, será porque fostes comprados. Ah, bem vos protegeis!	190 195
Senyors cardenals, lo concilí faits pervenir a bona fi, que val mais que argent ni cosí, ne sejoyn, vespre ne matí. Ha Déus amat a son orde cardenalat que en sia honrat.	Senhores cardeais, o Concílio fazeis chegar a um bom fim, pois vale mais que prata, primo, descanso, véspera ou manhã. Ah, Deus amado, que à Sua ordem o consistório seja honrado.	200

<p>IV Dels Prínceps</p> <p>Senyors prínceps, duc e marquès, sapiats gran maravella és si el concili no és fa adés e lo millor qui poria més, tan bo que no fo; cascú meta son ganfanó per gran perdó.</p>	<p>IV Dos Príncipes</p> <p>Senhores príncipes, duques e marqueses saibais que é uma grande maravilha se o Concílio não é feito rapidamente e o melhor que possa. Tão bom seria que cada um colocasse seu estandarte para um grande perdão.</p>	<p>205</p> <p>210</p>
<p>Cavaller qui bé sap amar en conquerir tot Ultramar en nulla res no deu dubtar; pensar pot que Déus vol aidar a sa honor; vagen, doncs, rei, emperador, ab gran vigor.</p>	<p>Cavaleiro que bem sabe amar conquistar todo o Ultramar de nada deve duvidar, e pode pensar que Deus deseja ajudar Sua honra. Ides, então, rei, imperador com grande vigor.</p>	<p>215</p>
<p>Rei, empaire e baró, cras veirem si seran bo, ne de raisó fan ganfanó e de l'amor de Déu gonilló; e que als prelats diguen: nós som aparellats, senyors, anats!</p>	<p>Rei, imperador e barão, néscios verão se sereis bons, se de razão fareis estandarte e do amor de Deus túnica. E que aos prelados digais: nós estamos preparados. Senhores, ides!</p>	<p>220</p>
<p>Al cavaller tany cavalcar; escut e sella, e brocar espasa e llança, e colps dar e tany-li atressí amar per conquerir lo Sepulcre, per Déu servir, pecats delir.</p>	<p>Ao cavaleiro cabe cavalgar, escudo, sela e esporear, espada e lança, e golpes dar. E lhe cabe, ademais, amar para conquistar o Sepulcro, para a Deus servir e os pecados aniquilar.</p>	<p>225</p> <p>230</p>
<p>Senyors prínceps, si prometets al Papa que trastuit irets e que hi farets tot quant porets en gran vergonya lo metrets. Si no us vol dar per lo Sepulcre a cobrar, vets-lo'n pregar.</p>	<p>Senhores príncipes, se prometerdes ao Papa que todos ireis e que fareis tudo quanto puderdes, em grande vergonha metê-lo-eis se não desejar vos dar para o Sepulcro reconquistar. Ides pregar.</p>	<p>235</p>
<p>Cavaller no tinc per cortès se Déus no ama més que res; no sap fer colps a manés d'amor, si gran pecador és. Ah, cavaller, en Déu servir fai ton poder e volenter!</p>	<p>Cavaleiro não pode ser cortês se não ama a Deus mais que tudo. Não sabe dar golpes seguidos de amor, se é grande pecador. Ah, cavaleiro, para Deus servir, faça todo o teu poder e vontade!</p>	<p>240</p> <p>245</p>
<p>Cavaller que és servidor de Déu no ha de res paor, car conforta's en son senyor e en força de bona amor. Ah, cavaller, si tu vols ésser bon guerrer, ama bé fer!</p>	<p>Cavaleiro que é servidor de Deus, não tem nenhum pavor, pois se conforta em seu Senhor e na força do bom amor. Ah, cavaleiro, se tu desejas ser um bom guerreiro, ama fazer o bem.</p>	<p>250</p>
<p>Null cavaller està ardit se de virtuts no és complit,</p>	<p>Nenhum cavaleiro é ousado se de virtudes não está completo,</p>	

e falsa amor sia en son llit, e que l'honor de Déu l'oblit. Ah, gran baró, mit tota ta entenció que sies bo!	o falso amor está em seu leito, e a honra de Deus está esquecida. Ah, grande barão, coloque toda a tua intenção para seres bom!	255
Cavaller és per dret servir e que lo mal faça fugir, e que lo bé pusca venir e que lo dó per obeer al Déu d'amar, ab què vaja en Ultramar bé exalçar.	Cavaleiro existe para o direito servir e o mal fazer fugir para que o bem possa vir, e ser dado para obedecer ao Deus de amor, com O qual irá à Ultramar para o bem exaltar.	260 265
Mai val cavaller pecejats per tal que Déus sia honrats, que malvat viu e desamats per Déu, e no plor sos pecats. Ah, cavallers, cras veirem quals són primers e bons guerrers!	Mais vale um cavaleiro despedaçado para que Deus seja honrado que um malvado vivo e desamado por Deus, e que não chore seus pecados. Ah, cavaleiros, nêscios verão quais são os primeiros e bons guerreiros!	270
V Dels Prelats Rememberar vull a los prelats qui per Déu estan tan bastats, que no sien trop sejoernats e que donen ço que els és donats a conquistar tota la terra d'Ultramar, pus que es pot far.	V Dos Prelados Relembrar desejo aos prelados que, por Deus, estão tão abastados, que não estejam muito descansados, e dêem isso que lhes é dado para conquistar toda a terra de Ultramar, pois se pode fazê-lo.	275 280
Prelat tant quant ha de poder en far lo bé li quer que dó a Déu de son haver; e lo donar és son bé fer en son bon lloc; sinó de llai no els parrà joc. Ah, fort los toc!	Prelado tem tanto poder em fazer o Bem lhe querer, que dá a Deus do seu haver. E o dar é seu bem fazer em seu bom lugar, senão, o Além não lhes parecerá um alívio. Ah, que isso os sensibilize!	285
Prelat, guarda quant est honrat per Jeuscríst, molt deshonrat, quan per tu està tan pauc amat e pel Sepulcre no cobrat. Ah, vai l'honar per lo concili emparar sens cor avar!	Prelado, considera o quanto és honrado por Jesus Cristo, que é muito desonrado quando por ti é pouco amado e o Sepulcro não é reconquistado. Ah, vais Lhe honrar para o Concílio defender, sem coração avaro!	290
Senyors prelats, e què farets de lo gran poder que havets? A Déu honrar dar lo volrets? Si no ho faits, ah, què direts al jutjament quan Déus dirà: Mon malvolent, vai al turment!	Senhores prelados, o que fareis com o grande poder que haveis? Para Deus honrar, desejareis dá-lo? Se não o fizerdes, ah, que direis no Julgamento, quando Deus dirá: "Mundo mau, vá ao tormento!"	295 300
Prelat, no pots Déus enganar ne en res no lo pots forçar, e si de seu no li vols dar de tu es porà fortment venjar! Si no est bo	Prelado, não podes a Deus enganar, nem a nada O podes forçar. E se do teu, não Lhe desejas dar, de ti poderá fortemente se vingar! Se não és bom,	305

no haurats excusació: dir-t'ha de no.	não poderás se desculpar: dir-te-á não.	
Senyors prelats, bé en són certà que si lo concili no es fa vós hi metrets la vostra mà; ¿Aquella mà on fugirà a greu dolor perpetual, per qui el Senyor ha deshonor?	Senhores prelados, estejais bem certos que se o Concílio não for feito, é porque vós tereis colocado a vossa mão. E esta mão, para onde fugirá da grande dor perpétua, para quem ao Senhor desonra?	310 315
Senyors prelats, tal mal me sent car vei alcú ensenyament que el concili no sia nient; e si ho és ha falliment, pena e mal de qui serets perpetual malvat hostal.	Senhores prelados, tão mal me sinto, pois vejo alguns ensinamentos que dizem que o Concílio não será nada. E se assim for, há falta, pena e mal dos quais sereis perpétuo e malvado abrigo.	320
Senyors prelats, bé us és vengut se faits concili erebut; si no el faits mal vos és cresut, lo concili no fos sabut ne nomenats; per mant home serets blasmats e menyspreats.	Senhores prelados, o bem vos virá se fizerdes o Concílio ser recebido. Se não o fizerdes, o mal crescerá se o Concílio não for conhecido nem nomeado, por muitos homens sereis blasfemados e menosprezados.	325
Senyors prelats, no és lleó qui no faça tembre el moltó; e diets hoc e puis diu no; de ço en qui ha gran raisó pauc és temut; bo li fora que estés mut, no recreüt.	Senhores prelados, não existe leão que não faça o carneiro temer. Dizeis sim, e depois dizeis não, do que tem grande razão pouco serdes temido. Bom seria que fôsseis mudos, desacreditados.	330 335
Senyors prelats, no val anell ne gran cavall, ne bell mantell ne gran flota de mant donzell si en sos faits no ha cabdell discreció, e que sia ardit e pro quan és raisó.	Senhores prelados, não vale anel, nem grande cavalo, nem belo mantel, nem multidão de donzéis, se em seus feitos não há liderança, discrição, e que sejais corajosos e proveitosos quando existe razão.	340
VI Dels Religiosos Religiós, faits monestir per tal que hi puscats Déu servir: si en Ultramar l'anats bastir, pel concili podets venir e preïcar, e per lo papa a pregar e consellar.	VI Dos Religiosos Religiosos, façais monastérios para que possais servir a Deus: se em Ultramar fordes construir, pelo Concílio podeis vir e preïcar, e pelo papa rogar e aconsellar.	345 350
Religiós bo se sotsmet a servir Déu quan ell va dret; e si contra el concili es met sots hábit està nelet, habit de mal	Bom religioso se submete a servir a Deus quando caminha retamente. E se contra o Concílio se coloca, o seu hábito está em culpa, mau hábito,	355

sots lo qual hàbit no val ni és lleial.	sob o qual hàbito não vale nem é leal.	
Religiós contemplatiu, temor ds Déu està son niu, no tem menaces ne null briu ne no vol ésser sejourniu. Vai preicar que anem tuit en Ultramar per Déus honrar!	Religioso contemplativo traz o temor de Deus em seu ninho, não teme ameaças nem qualquer brio, nem deseja estar descansado. Ide predicar que todos vão para Ultramar para Deus honrar!	360
Religiós, entin-me bé: si contra Déu fai nulla re, molt pus gran pena te cové car fenys-te que faces mais bé que altre, e par que mais que altre et deus guardar en lo mal far.	Religiosos, entendam-me bem: se contra Deus fizeres algo, muito maior pena te convém, porque finges que fazes mais bem que outro, e parece que debes te guardar mais que outro em fazer o mal.	365 370
Religiós, si vols servir molt Déu, vai per sa amor morir, e de la santa fe ver dir als infeels, per convertir, car gran plaer ha Déu d'home que vol sostener molt per dir ver.	Religiosos, se desejais servir muito a Deus, ides por Seu amor morrer, e da santa fé verdadeira dizer aos infieis, para converter, pois grande prazer Deus tem do homem que deseja sofrer a morte para a verdade dizer.	375
Religiós, oració fai a Déu molt gran, que Ell nos dó concili verdader e bo e que el papa dó gran perdó ab gran tresor, cal l'un e l'altre han lo for, e mal hi mor.	Religiosos, oração muito grande façais a Deus, para que Ele nos dê um Concilio verdadeiro e bom, e que o Papa dê grande perdão com um grande tesouro, pois um e outro tem a força, e o mal ali morre.	380 385
Religiós, bo és presic que fas a l'hom que se castic e que dó a cell qui té ric; e pus que t'és més en oblit vai presicar lo Papa, que vulla passar en Ultramar.	Religiosos, boa é a prédica que faz com que o homem se castigue, e que dê àqueles quem tem riqueza. E para que não caias em esquecimento, ides predicar ao Papa, que desejais passar para Ultramar.	390
Religiós, si el Papa va en Ultramar, tot hom irà, tota la terra conquerrà. Religiós, si en tu ha gran ardiment, crida, preica valentment e mantinent.	Religiosos, se o Papa for a Ultramar, todos os homens irão e todas as terras conquistarão. Religiosos, se em ti há grande coragem, grita, predica valente e imediatamente.	395
Religiós, tu saps que el ca tant lladra que hom se'n despertà e fuig lo mal e lo bé fa. ¿Qual de nosaltres lladrarà per despertar aquells qui poden gran bé far en Ultramar?	Religiosos, tu sabes que o cão ladra tanto que o homem desperta, o mal foge e faz o bem. Qual de nós ladrará para despertar aqueles que podem fazer um grande bem em Ultramar?	400 405
Religiós, lo teu hàbit deu ésser de molts bens complit	Religiosos, o teu hàbito deve ser completo de muitos bens,	

e de bons exemples guarnit, per ver amor ésser ardit; e sens paor deu ésser gran preicador per lo Senyor.	guarnecido de bons exemplos, e ser corajoso pelo verdadeiro amor; e sem pavor deves ser grande predicador pelo Senhor.	410
VII De Contricció Contricció, a mon albir trop vos deliats en dormir; ¿per què no anats cor ferir del qual façats amor eixir e gran amar dolors, sospirs e molt plorar per satisfar?	VII Da Contrição Contrição, ao meu juízo muito vos deleitais em dormir. Por que não ides o coração ferir, para que façais o amor sair em grande amar, dores, suspiros e muito choro para satisfazer?	415 420
Contricció, cell qui no us vol sens fina amor està tot sol, e si lo cor contrit no es dol de tot en tot serets en sol. Ja gras capó no us valdrà a dampnació precis ni perdó.	Contrição, aquele que vos deseja sem o fino amor está totalmente só, e se o coração contrito não tem dor sempre estareis em solidão. Pois um gordo capão de nada vos valerá contra a danação, preces nem perdão.	425
Contricció, lo nom perdrets si dels pecats dol no havets e que els pecats tant no plorets com sabets que gran escarn fets. Si no els mundats, pelas estarets de barats e falsatats.	Contrição, o nome perdereis se dos pecados dó não tiverdes, e os pecados tanto não chorardes quanto souberdes que grande escárnio fizestes. Caso não mudeis, cheia estareis de fraudes e de falsidades.	430
Contricció, hipocrità, vos va en torn, e si no es fa lo concili, vostra llanà de falsetat mant hom vestrà; per destruir lo concili, fa jaquir Déus a servir.	Contrição, hipócrita vos circunda, e se não fizerdes o Concílio, vossa lã vestirá a muitos de falsidade; para destruir o Concílio, deixe de a Deus servir.	435 440
Contricció, vostre penó alcuna vets és tració, çar ço que defores par bo de dins és mal e fallió, e gran pecat, perquè havets lo nom mudat per gran barat.	Contrição, vosso pendão algumas vezes é a traição, porque o que externamente parece bom internamente é mal e falta e grande pecado; porque haveis o nome mudado por uma grande fraude.	445
Contricció, cota e mantell fan de vós mant hom gran e bell, e si vós sots bon cabdell Déus vol que hajats mant donzell e man cavall a destruir mal en vall, d'on mal trasall.	Contrição, cota e manto fazem de vós grande e bela. E se vós sois de bom novelo, Deus deseja que tenhais um manto puro, e um grande cavalo para destruir o mal no vale onde ele fenece.	450 455
Contricció, no us vull mentir: no em plai ab vós en llur dormir. D'on faits devoció eixir si el concili faits er jaquir?	Contrição, não vos desejo mentir, vós não me agrada em vosso dormir. De onde fazeis a devoção sair se o Concílio fazeis abandonar?	

E car plorats, per ço que façats grans barats mal vos n'és dats.	E como chorais para que façais grandes fraudes, mal vos é dado.	460
Contricció, a vós me dó ab què amets devoció e far concili gran e bo fora de tota tració, e mal pensar. Ab vós irai en Ultramar bé exalçar.	Contrição, a vós me dou para que ameis a devoção e façais um Concílio grande e bom, fora de toda traição e mal pensar. Com vós irei a Ultramar para o bem exaltar.	465
Contricció, qui bé es penet tantost és eixir de nelet e en tot ço qui és ha dret e per tot va cap eret, e és ardit pus que està de mal eixit, per vós guarnit.	Contrição, quem bem se arrepende, rapidamente sai da culpa, em tudo o que existe tem direito, por tudo vai de cabeça erguida e é corajoso, já que está livre do mal e por vós guarnecido.	470 475
Contricció, lo dejunar que faits, e el sospir e el plorar, oració e lo cantar, tot se coneix al satisfar de qual part ve, car lluny està lo mal al bé: ço lleu hom ve.	Contrição, o jejuar que fazes, e o suspirar e o chorar, a oração e o cantar, tudo se conhece para satisfazer de qual parte vem, porque distante está o mal do bem: isso logo se vê.	480
VIII De satisfacció Satisfacció és hostel en qui no està negú mal ne tem menaces ne destrai, car satisfar és son cabal; perquè Déus ha que li ajuda ça e lla, segur està.	VIII Da Satisfação Satisfação é casa na qual não está qualquer mal, nem ameaças, nem maledicências, pois satisfazer é sua prioridade, porque Deus tem quem Lhe ajude aqui e ali, seguro lá está.	485 490
Satisfaràs a ton voler del mal que n'has fait, ab bé fer; satisfaràs a ton saber, a ton membrar e a ton poder, que els dons a Déu per ço que trastot sia seu ab tot son feu.	Satisfaràs a tua vontade do mal que tens feito, com o bem que fará. Satisfaràs o teu saber, o teu lembrar e o teu poder ao dá-los a Deus para que tudo seja teu com todo o seu feudo.	495
Satisfaràs a ton sentir a imaginar e consir e en ço que Déus tenir ab cor contrit e ab sospir, de lo mal far, e gran sia desirar en Déus honrar.	Satisfaràs o teu sentir, o teu imaginar e o teu considerar nisso que não debes ter com o coração contrito e com suspiros, do mal fazer, e que grande seja o desejo de honrar a Deus.	500
Satisfé concili a Déu en tot ço que hi sia seu: si no ho fas, mal te'n vendrà lleu en tot quant has, e sera't greu. Oh concili, no et valdrà tresor ne cosí	Satisfaràs o Concílio a Deus em tudo o que aí seja Seu: se não o fazes, mal te virá rapidamente em tudo o que tens, e te será grave. Oh, Concílio, não te valerá tesouro nem primo	505 510

a mala fil!	para um mau fim!	
Si lo concili bo no et sap de santedat te faràs gap, null bé menjaràs en ton map, l'ira de Déu serà en ton cap. Ah, robador, no faces a Déu deshonor, lo teu Senyor!	Se o Concílio bom não é sábio de santidade, tornar-te-á vanglória, nenhum bem comerá em tua toalha, a ira do Senhor estará em tua cabeça. Ah, ladrão, não faças desonra a Deus, o teu Senhor!	515
Consira quant t'ha Déus donat e com te fa estar bastat e quant és ço que l'has emblat; si no ho saps, mala fuist nat, hages consell ab virtuts, no et dons del coltell, hages cabdell.	Considera o quanto Deus te deu, como te fez estar abastecido e o quanto te foi roubado; Se não o sabes, foste mau nascido. Tenhas conselho com virtudes, não és dono do cutelo, tenhas liderança.	520 525
Si no satisfàs en aquest món en infern iràs tan pregon que de tot mal hauràs aon e null bé no et serà entorn. Ah, cavaller, sies bo e valent guerrer e va-hi primer!	Se não satisfizeres neste mundo, no Inferno iràs tão profundamente que de todo o mal teràs abundância e nenhum bem estará à tua volta. Ah, cavaleiro, sejas bom, valente guerreiro e vá primeiro!	530
Qui no satisfàs a ton parente d'aiçò en què no has nient, no satisfàs, mas fentament; sabràs-ho al traspassament, can Déus dirà: Qui no satisfà ço que ha damnat serà!	Quem não satisfizer o teu parente no que ele não tem, não o satisfará, só fingidamente; sabê-lo-ás no traspassamento quando Deus dirá: Quem não satisfaz com o que tem, danado estará!	535
Si satisfàs a ta honor mais que a Déu, car és millor; si a ell satisfàs amor, ell te darà lo do major de salvament, on estaràs eternament, alegremment.	Se satisfazes a tua honra, mais a Deus, porque é melhor; se a Ele satisfaz com o amor, Ele te dará o dom maior da salvação, onde estaràs eternamente alegre.	540 545
Qui satisfà si ha raó, no està pec, ne és moltó; si al concili diu de no no estarà verai ne bo. E tot lo mal qui li vendrà, serà hostal e mal cabal.	Quem satisfaz, se tem razão, não é estúpido, nem carneiro. Se ao Concílio diz não, não será verdadeiro nem bom. E todo o mal que lhe advier será casa e mal principal.	550
IX De Devoció Devoció, e on estats? Poriem saber si vendriats a est concili, se l'amats, e que al papa tost digats e al cardenal què dona sots de llur hostal per fair cabal?	IX Da Devoção Devoção, onde estais? Poderíamos saber se virás a este Concílio, se o amais, e que ao papa logo direis, e ao cardeal, quem dará sua casa para ganhar?	555 560
Devoció, de volentat	Devoção, da vontade	

siats cosina, de bontat, d'enteniment e do bon grat, e que no hi sia null barat ne dir de no al concili, com sia bo de gran perdó.	sejais prima, e da bondade, do entendimento e do bom grato, e que ninguém seja fraudado nem diga não ao Concílio, porque é bom, de grande perdão.	565
Devoció, lo conirar e li sospir e li plorar requeren a vós gran amar. Prelats, barons, a escalfar cascú vos port en Ultramar, e siats port de bon conhort.	Devoção, o considerar, o suspirar e o chorar requerem de vós um grande amar. Prelados, barões, se inflamem; que cada um vos porte em Ultramar, e sejais porto de bom consolo.	570
Devoció, tot quant havets, sia amor, llausor e prets, e si no faits quant far porets fals e debades planyerets. Vostre plorar e els sospirs faits per enganar contra bé far.	Devoção, que tudo quanto haveis seja amor, louvor e preces; e se não fazeis o quanto podeis, falsa e inutilmente chorareis. Vosso chorar e suspiros, fazeis para enganar contra o bem fazer.	575 580
Devoció, ara es parrà si lo vostre plorar valrà, e si no val, ah, qui creirà vós e Ramon per paraulà e per plorar! Anats los altres enganar e baratar!	Devoção, agora parecerá se o vosso chorar valerá, e se não valer, ah, quem acreditará em vós e em Ramon pela palavra e pelo chorar! Ide aos outros para enganar e fraudar!	585
Devoció, ara és temps que per vós sia tal começ e per lo Papa quint Clements tot lo món ne sia jausents. E si fallits, qui us creirà per plors ne per crits vostres bells dits?	Devoção, agora é tempo que por vós seja tal começo e pelo papa Clemente Quinto todo o mundo fique contente. E se falhares, quem vos acreditará por choro e por gritos, vossos belos dits?	590 595
Ah, e què val gran caperó en cap sens devoció? ne què val menjar gras capó emblat a son bon companyó, per Déus honrat, qui ab hom s'és aparentat per amistat?	Ah, de que vale um grande barrete na cabeça sem devoção? E de que vale comer um grande capão ao lado de seu bom companheiro por Deus honrado, com o qual seja aparentado pela amizade?	600
Devoció, irai plorar e al concili predicar als senyors qui lo poden far; e si vós hi volets anar e m'ajudats, cridarem tro sia alterats, bé ordenats.	Devoção, ide chorar e o Concilio pregar aos senhores que podem fazer. E se vós desejais ir e me ajudar, griremos até que sejamos ouvidos e bem ordenados.	605
Devoció sens ardimet, discreció, bo estament e sens manera d'ardiment, no valrà el concili nient. Què nós farem? de bons faits nos aparellem	Devoção sem coragem, discrição, bom estamento e sem maneira de coragem de nada valerá o Concílio. O que faremos? De bons feitos nos preparemos	610 615

quan hi irem.	quando para lá formos.	
Qui bé ama, no ha paor, ne res no es té a desonor. Pus que Déus és servidor al nostro hostel lleixem paor; e ardiment sia nostre pa e piment, e bon talent.	Quem bem ama, não tem pavor, nem a nada que existe tem desonor. Pois de Deus é servidor, em nossa casa deixemos o pavor; e coragem seja nosso pão, pimenta e bom talento.	620
X D'oració Oració, venits ab nós e que siam bons companyós. Vós, preirets Déus qui és bos que ajud a faire sa honors, per si honrar e lo concili acabar per Ultramar.	X Da Oração Oração, venhais conosco e sejais boa companheira. Peçais vós a Deus, que é bom, que ajude a fazer Sua honra para honrá-Lo e o Concílio terminar para Ultramar.	625 630
Oració, a Déu pregats que al Papa dó volentats com és lo poder que els ha dats, als cardenals e als prelats, e los barons, e a totes religions per faits bons.	Oração, a Deus rogais que ao papa dê vontade com o poder que lhe foi dado, aos cardeais, aos prelados, aos barões e a todas as religiões para fazerem feitos bons.	635
Oració, qui prega Déu que li perdó los pecats lleu e el dó e no vol ésser seu, lo concili li és molt greu; va per camí a hostel greu de mala fi, vespre e matí.	Oração, para quem roga a Deus que rapidamente lhe perdoe os pecados e dá o que não deseja ser seu, o Concílio é muito importante. Ide pelo caminho para a importante casa do mau fim, véspera e manhã.	640
Oració, en mant hom sots qui Déus prega, per ço dessots plora, sospira al sanglots, e de Déu no el cal una nots; perquè fallits, car est en hòmens mal nuirits de bon faits dits.	Oração, muitos são os homens que rogam a Deus, por suas desgraças choram, suspiram com soluços e a Deus não dão uma nota; por isso, erram, porque os homens estão mal educados de bom feitos dits.	645 650
Oració, si com pregats ço que en boca vós formats, en vostre cor mal pensats com lo façats greument errats. Res no valets, car no faits lo bé que parlets, e mal volets.	Oração, se pregais o que em vossa boca formais, em vosso coração mal pensais, como fazeis, gravemente errais. De nada valeis, porque não fazeis o bem que falardes e mal desejais.	655
Oració, Déus diu de no a qui prega ab tració, ab sacrifici qui és bo mala lo met en son mentó. Anats dormir, mantes vets m'havets fait fallir, Déus escarnir.	Oração, Deus diz não a quem prega com traição, com sacrifici, que é bom, coloca o mal em seu queixo. Ide dormir, muitas vezes me fizestes errar e a Deus escarnecer.	660 665
Oració, a l'hom pec	Oração, ao homem pecador	

<p>diu hom «tavec bavec» e còm vos estats fals alberg! Bé us fai qui us diu qui és famec! Oració, lo mal puja e lo bé no, Déu vos perdó!</p>	<p>diz-se homem ambíguo e convosco está em falso albergue! Bem faz quem vos diz que sois famélico! Oração, o mal afaste e o bem não, que Deus vos dê perdão!</p>	<p>670</p>
<p>Los apòstols predicaven, Déus los dava que volien, los infeels convertien e per amar ells morien, e per honrar; trop vos havets venuda car per obligar.</p>	<p>Os apóstolos pregavam, Deus lhes dava o que desejavam. Os infiéis convertiam e, por amar, eles morriam, e para honrar. Haveis vos vendido muito caro para esquecer.</p>	<p>675</p>
<p>Oració, veig-vos xantar molt e petits miracles far, ab petit vos vei destorbar, par que no hajats gran amar mais en cosí, en sejournar e en bon vi e en aur fi.</p>	<p>Oração, vejo-vos cantar muito, e pequenos milagres fazer, por pouco vejo vos perturbar para que não tenhais grande amar como um primo, e em descansar, em bom vinho e em ouro, o fim.</p>	<p>680 685</p>
<p>Oració, ja no anets al concili si no volets, car Déus hi perdrà sos drets, e si vós molt amar volets, Déas vós valrà: per vós lo concili es farà e el bé en vendrà.</p>	<p>Oração, já não ides ao Concílio se não desejais, porque Deus aí perderá Seus direitos. E se vós desejais muito amar, Deus vos valerá; por vós o Concílio se fará e o bem virá.</p>	<p>690</p>
<p>Ramon, tot ço que pot far per bon concili ordenar ab la senyera, e preicar aqueus qui el poden ordenar per gran amor, e qui han força major per lo Senyor.</p>	<p>Ramon, faz tudo o que puder para o bom Concilio ordenar com o pendão, e pregar àqueles que o podem ordenar por grande amor, e que têm a força maior pelo Senhor.</p>	<p>695 700</p>
<p>XI <i>Senyor Déus, pluja, per que el mal fuja, car pecat puja!</i></p>	<p>XI <i>Senhor Deus, chuva, para que o mal fuja, pois o pecado aumenta!</i></p>	
<p>Senyor, tal pluja donats que en amor, Papa, prelats, el Sepulcre sia cobrats e lo gran nom vostre honrats. <i>Senyor Déus, pluja, per que el mal fuja, car pecat puja!</i></p>	<p>Senhor, dai tal chuva, que enamore o papa e os prelados, o Sepulcro seja recuperado, e o Vosso grande nome seja honrado. <i>Senhor Deus, chuva, para que o mal fuja, pois o pecado aumenta!</i></p>	<p>705 710</p>
<p>Quan el concili er justats, ver Déus, justícia donats per conseller a los prelats, car no hi serà null barats. Al concili, ver Déus, aidats. <i>Senyor Déus, pluja, per que el mal fuja,</i></p>	<p>Quando o Concílio estiver reunido, verdadeiro Deus, dai justiça para aconselhar os prelados, porque ali ninguém será fraudado. Ao Concílio, verdadeiro Deus, ajudai. <i>Senhor Deus, chuva, para que o mal fuja,</i></p>	<p>715</p>

<i>car peccat puja!</i>	<i>pois o peccado aumenta!</i>	
Prudència sia conseller, que consella fait verdader; a lo concili és mester, sens ella no valrà diner. <i>Senyor Déus, pluja, per què el mal fuja, car peccat puja!</i>	Prudência, sejais conselheira que aconselha o feito verdadeiro, ao Concílio é necessária, sem ela, de nada valerá dinheiro. <i>Senhor Deus, chuva, para que o mal fuja, pois o peccado aumenta!</i>	720 725
Fortitudo de gran confort de lo concili sia port, si no ho és, ja me'n desconhort, car lo bé hi perdrà son sort. <i>Senyor Déus, pluja, per què el mal fuja, car peccat puja!</i>	Fortaleza, dai grande conforto, do Concílio sejais porto, se não fordes, sereis meu desconsolo porque o bem perderá sua sorte. <i>Senhor Deus, chuva, para que o mal fuja, pois o peccado aumenta!</i>	730
Si lo concili ha son for, temprança gran serà el tresor car tot serà vestiti d'or e de virtuts e de bon cor. <i>Senhor Deus, chuva, para que o mal fuja, pois o peccado aumenta!</i>	Se o Concílio tem sua força, grande temperança serà o seu tesouro e tudo serà vestido de ouro, de virtudes e de bom coração. <i>Senhor Deus, chuva, para que o mal fuja, pois o peccado aumenta!</i>	735
Si la fe grans amics no ha a lo concili, què farà? Lo concili es clamarà a Déu car la fe no hi valrà. <i>Senyor Déus, pluja, per què el mal fuja, car peccat puja!</i>	Se a fé não tem grandes amigos, ao Concílio, o que fará? O Concílio clamará a Deus, porque a fé de nada valerá. <i>Senhor Deus, chuva, para que o mal fuja, pois o peccado aumenta!</i>	740 745
Qui el concili volrà honrar esperança vulla menar, car ab ella es porà acabar; fals hom no hi porà contrastar. <i>Senyor Déus, pluja, per què el mal fuja, car peccat puja!</i>	Quem o Concílio desejar honrar, a esperança pretenderá guiar, porque com ela poderá acabar e o falso homem não lhe oporá. <i>Senhor Deus, chuva, para que o mal fuja, pois o peccado aumenta!</i>	750
Caritat, venits aidar al concili per lo bé far e el Papa enamorar e cardenals aconsellar. <i>Senyor Déus, pluja, per què el mal fuja, car peccat puja!</i>	Caridade, vinde ajudar o Concílio, para o bem fazer, o papa enamorar e os cardeais aconselhar. <i>Senhor Deus, chuva, para que o mal fuja, pois o peccado aumenta!</i>	755 760
Avarícia és camí per qui hom va a mala fi, si és ella al concili ell no valrà un peitavi. <i>Senyor Déus, pluja, per què el mal fuja, car peccat puja!</i>	Avareza é caminho para que o homem vá ao mau fim. Se ela está no Concílio, ele não valerá nada. <i>Senhor Deus, chuva, para que o mal fuja, pois o peccado aumenta!</i>	765
Glotonia és destrál ab colp mortal, si al concili ha hostal	Gluttonia é um machado de golpe mortal. Se no Concílio tem casa,	770

<p>lo concili en res no val. <i>Senyor Déus, pluja,</i> <i>per què el mal fuja,</i> <i>car pecat puja!</i></p>	<p>ele de nada vale. <i>Senhor Deus, chova,</i> <i>para que o mal fuja,</i> <i>pois o pecado aumenta!</i></p>	
<p>Luxúria és pecat per tot lo món escampat; del concili sia gitat e tot hom d'ella enamorat. <i>Senyor Déus, pluja,</i> <i>per què el mal fuja,</i> <i>car pecat puja!</i></p>	<p>Luxúria é pecado por todo o mundo disseminado; que do Concílio seja expulsa e de todo o homem dela enamorado. <i>Senhor Deus, chova,</i> <i>para que o mal fuja,</i> <i>pois o pecado aumenta!</i></p>	<p>775</p> <p>780</p>
<p>Si al concili va ergull ab null hom, ne en ell l'acull tot hi serà de mal escull: no hi cal anar Ramon Llull! <i>Senyor Déus, pluja,</i> <i>per què el mal fuja,</i> <i>car pecat puja!</i></p>	<p>Se ao Concílio vai o orgulho com alguém, e nele é acolhido, tudo aí será de mau estorvo: não deve ir Ramon Llull! <i>Senhor Deus, chova,</i> <i>para que o mal fuja,</i> <i>pois o pecado aumenta!</i></p>	<p>785</p>
<p>Accídia e neclijar de far bé e destrobar si al concili pot entrar no hi cal null hom bo anar. <i>Senyor Déus, pluja,</i> <i>per què el mal fuja,</i> <i>car pecat puja!</i></p>	<p>Acídia é negligenciar fazer o bem, e perturbar. Se no Concílio ela pode entrar, nenhum homem bom deve ir. <i>Senhor Deus, chova,</i> <i>para que o mal fuja,</i> <i>pois o pecado aumenta!</i></p>	<p>790</p> <p>795</p>
<p>Enveja és desijament de fembra, castell e argent; si lo concili és son parent tot serà vestit de nient. <i>Senyor Déus, pluja,</i> <i>per què el mal fuja,</i> <i>car pecat puja!</i></p>	<p>Inveja é desejo de fêmea, castelo e prata. Se o Concílio é seu parente, tudo será vestido de nada. <i>Senhor Deus, chova,</i> <i>para que o mal fuja,</i> <i>pois o pecado aumenta!</i></p>	<p>800</p>
<p>Ira és trista passió, d'ella no ve consell bo; si al concili ha maisó lo concili no serà bo. <i>Senyor Déus, pluja,</i> <i>per què el mal fuja,</i> <i>car pecat puja!</i></p>	<p>Ira é triste paixão, dela não vem conselho bom; se no Concílio tem casa, ele não será bom. <i>Senhor Deus, chova,</i> <i>para que o mal fuja,</i> <i>pois o pecado aumenta!</i></p>	<p>805</p>